EPIGRAMMAS PORTUGUEZES

DE

MIGUEL DO COUTO GUERREIRO.

LISBOA
NA OFFICINA PATRIARCAL.
M. DCC. XCIII.
Com licença da Real Meza da Commiſ-ſaõ Geral ſobre o Exame, e Cen-ſura dos Livros.

Et ſermone opus eſt, modo triſti, ſæpe jocoſo.

Horat. Satirar. lib. I. ſatir. X. verſ. XI.

LIVRO I.

EPIGRAMMA I.

Dialogo entre hum Admoeſtador, e o Poeta.

Admoeſt. EPigrãmas! naõ convem,
Que tu te metas em tal:
Grande loucura te tem,
Se pertendes ſahir bem,
Donde tantos ſahem mal.

Poeta. A brevidade, a doçura,
A ſubtileza diſcreta,
Que hum Epigramma procura,
Naõ terei; mas na loucura
Moſtrarei, que ſou Poeta.

II.

Ao Leitor.

Naõ he comtigo, Leitor,
O que efcrevo de má fé;
Mas fe por merecedor
Em ti o quizeres pôr,
Entaõ, Leitor, comtigo he.

III.

Ao mefmo.

Irei, Leitor, variando,
No que te for referindo,
Sério, e jocofo alternando,
Nem fempre Ovidio chorando,
Nem Anacreonte rindo.

IV.

Ao mefmo.

No que efcrevo eftou de avizo,
Que refplandeça o engenho,
Que refplandeça o juizo;
Naõ, quanto me era precizo;
Porém quanto eu em mim tenho.

Ao

V.

Ao mesmo.

Leitor, eu naõ me exaspero,
Se mal comigo te houveres:
Dize tu, o que quizeres;
Que eu tambem digo, o que quero.

VI.

Ao livro.

Livro meu, para onde vás,
Que em me sahindo da maõ,
Mil unhadas levarás?
He pena de taliaõ;
Porque tu tambem as dás.

VII.

Ao mesmo.

Meu livro, ouve, vê, e cala,
Dado caso que te emende,
Quem de corrector faz gala;
Que de ordinario este falla
Mais, do que menos entende.

VIII.

Amigo falso.

A quem te he conveniente,
Moſtras tu muita affeiçaõ;
Tens amiſade de caõ,
Que ſó vai ſeguindo a gente,
Em quanto lhe cheira a paõ.

IX.

Magnetiſmo do gaviaõ.

Em muitos livros já li,
Que os oſſos do gaviaõ
Attrahem o oiro a ſi;
Mas eu eſta attracçaõ vi
Nas unhas, nos oſſos naõ.

X.

A huns avarentos.

Amigos, ſoffrer naõ poſſo
Taõ pouca doutrina em vós,
Que em ſete do Padre Noſſo
Foi ſó o eſtudo voſſo
A Petiçaõ *Venha a nós.*

Dos

XI.

Dos innovadores.

Naõ faráõ innovadores,
Que eu a elles assentisse;
Porque he mais, que parvoice,
Se por crer em taes doutores,
Naõ creio, no que Deos disse.

XII.

Juizo.

Ouvindo algum, que he amigo
De ostentar de erudiçaõ,
Fazendo della leilaõ,
Assento logo comigo,
Que he formado em charlataõ.

XIII.

A Oxypeino parasito.

Com muito boa vontade,
Quando o meu jantar se come,
Me vens fazer sociedade;
Tu dizes, que he amisade,
A mim parece-me fome.

XIV.

A huma velha.

Brancos cabellos arrancas,
Tua velhice occultando;
Mas que importa, ſe arrancando
As tuas melenas brancas,
Fica-te o caſco alvejando?
E ſe eſte arrancas inteiro,
He força, que te aconteça,
Que o miolo alvo appareça;
Com que aſſim o verdadeiro
He arrancar a cabeça.

XV.

Metamorphoſis.

Lá nas idades paſſadas
Faziaõ morgados ricos,
Hoje ha caſas empenhadas,
Tudo; porque eſtaõ mudadas
As rocas em abanicos.

De

XVI.

De humas desmarcadas coifas, ou carapuças pretas, de que as mulheres usaõ.

A que proposito vem
Huma mulher, que se embuça
Em covados quasi cem?
Se ella cabeça naõ tem,
Para que he tal carapuça?

XVII.

Cautela.

Sempre te acautelarás
De hum, que com prosas te vem;
Que aquelle, que se desfaz
Em palavras, e naõ más,
Talvez palavra naõ tem.

XVIII.

Advertencia.

Se vires hum em acções
Defendendo opiniaõ,
Em que bens, ou males vaõ,
Naõ lhe olhes para as razões,
Olha-lhe para a razaõ.

XIX.

A Ponero viciosissimo.

Dizes temes máos officios
Da morte, que he taõ ingrata;
Mas naõ dás esses indicios;
Pois morrendo pelos vicios,
Morres, pelo que te mata.

XX.

Causa da morte.

Com medo de estar doente
He opiniaõ commua
Fugirmos do sol ardente:
Naõ mata o sol tanta gente
Quanta huma achacada lua.

XXI.

Questaõ.

Se alguem vier perguntando;
Quem he que no mundo tem
De alliados maior bando;
Se respondes affirmando,
Que o tolo, respondes bem.

XXII.

Do dom.

Ha gente, que naõ ſocega,
Querendo ſem tom, nem ſom,
O que por lei ſe lhe nega,
E mais, que a ſarna, ſe pega:
Naõ ſabes, o que he? o dom.

XXIII.

Ignorancia.

Muita gente ha, que ſe enfeita
Com primor, e bizarria,
Que a naõ olhar, quem acceita,
Para pôr á maõ direita,
Nem tal maõ conheceria.

XXIV.

Senhoria.

Naõ digo, que com franqueza
Senhoria a todos dês;
Porém loucura ſeria
Naõ dar huma Senhoria,
Para ter muitas mercês.

XXV.

Pyrauſta.

Que ſeja em fogo vivente
A Pyrauſta naõ preſumo ;
Porém creio , que naõ mente ,
Quem diſſer , que ha muita gente ,
Que vive em fumo , e de fumo.

XXVI.

Do que pergunta , ſe diſſe bem.

Diſſe bem ? diz hum da caſta ,
Dos que cabeça naõ tem :
Naõ mo pergunte ninguem ;
Que para dizer mal , baſta
Perguntar-me , ſe diz bem.

XXVII.

Conſelho.

Naõ creias , por ſer quem he ,
No que diz hum ſabichaõ :
Na ſanta religiaõ
Governa-te pela fé ,
No de mais pela razaõ.

XXVIII.

Adulaçaõ.

Esses, que bebados saõ,
Naõ perdem mais os sentidos,
Nem mais cabeçadas daõ,
Que aquelles, que a adulaçaõ
Beberaõ pelos ouvidos.

XXIX.

Remedio para ter bom entendimento.

Sollicitas, que te venha
Entendimento excellente,
O meio mais conducente
He lidar, com quem o tenha;
Mas ha pouca desta gente.

XXX.

Amigo perfeito.

Ventura, de quem achara
Algum amigo perfeito:
Mas onde está tal sujeito?
Julgo ser coisa mais rara,
Do que he hum nariz bem feito.

Quem

XXXI.

Quem he o sujeito de melhor juizo.

Se hum curioso pertende
Saber, qual he o sujeito
De juizo mais perfeito,
He o que naõ se arrepende
Do mal; porque o naõ tem feito.

XXXII.

Arvore de geraçaõ.

Na arvore de geraçaõ
Ha tronco, e naõ se declina,
Em que raiz se tem maõ:
Sim tem raiz; porém naõ
Se vê; porque he pequenina.

XXXIII.

Ao intermetido.

Como por intermetido
Achas, quem te descomponha,
Para naõ seres doido,
Hum remedio tens bebido,
Que he a falta de vergonha.

XXXIV.

De hum prodigo.

Hum prodigo perguntou
A huma cigana, que tal
Fim a ſorte a elle otorgou:
Ella lhe prognoſticou,
Que ir morrer n'um hoſpital.

XXXV.

Verdade.

Fallar verdade convém
Com toda a ſinceridade,
Quero fallala; porém
Quero ma fallem tambem;
Aqui a difficuldade.

XXXVI.

Da meſma.

Quem falla pura verdade?
Saõ os meninos, e loucos:
Pois em tanta quantidade
De velhice, e mocidade
Ninguem mais a falla? poucos.

XXXVII.

Lisongeiros.

A qualquer Corte, que fores,
Ou nossa, ou dos estrangeiros,
Sempre encontrarás milheiros,
Que vivem de doiradores:
Saõ todos os lisongeiros.

XXXVIII.

Murmuradores, e aduladores.

A huns, que murmuraõ franco,
E a aduladores prometto
Em crêlos fazer-me manco;
Que huns fazem do preto branco,
Os outros do branco preto.

XXXIX.

A hum velho, que affectava andar muito depressa.

Eu naõ sei, para que he essa
Affectaçaõ em marchar:
Deixa-a, para quem começa,
Escusas de andar depressa;
Que já tens pouco, que andar.

Co-

XL.

Como paſſa o máo por bom.

Faz do diabo o povo hum ſanto;
Ajuda o adulador;
Cala o ſabio por temor
De ſe oppor a povo tanto,
E vai o diabo em andor.

XLI.

Seculo illuminado.

O ſéculo illuminado
Ouço a eſte chamar;
E ninguem póde negar,
Que eſtá bem adiantado
Em mentir, e em enganar.

XLII.

Cegos.

Que cegos no mundo vaõ!
Hum he cego da avareza,
Outro cego da ambiçaõ,
Outro de amor, e affeiçaõ,
Outros de ira, e de fereza.

Numero os cegos naõ tem
De cegueira ſimilhante;
Em tantos cegos porém
Naõ há hum, que cante bem,
Nem que delle bem ſe cante.

XLIII.

Banhos do mar.

Se o Medico aconſelhar
Os banhos do mar, tomai-os;
Naõ ſe perdem; porque o mar,
Se vos naõ remediar,
Remedeia os dos catraios.

XLIV.

A' luz.

Luz, hum amor taõ ardente
Te tomei, quando te vi,
Que recebi juntamente
Muito má fé com a gente,
Que he inimiga de ti.

He gente de huns, que ſe encurtaõ
De os verem com o máo fim,
De que ás eſcuras ſe ſurtaõ;
Ou ſaõ lobos; porque furtaõ,
Ou ſaõ lobas em latim.

XLV.

A hum, que ſempre andava ſoprando.

Tu ſempre ſoprando vens,
E gente tua inimiga
Diz, que a ſoberba te obriga:
Concordo, ſe tu naõ tens
Alguns foles por barriga.

XLVI.

Do avarento.

Que coiſa haverá, que traga
Mais penas a hum avarento?
Saõ muitas; mas eu aſſento,
Que lhe daõ grande tormento
Deſculpas, de quem naõ paga.

XLVII.

O nada.

Ha quem no mundo ſe vio
Sempre em vida deſcançada,
Sempre folgou, ſempre rio;
E do nada naõ ſahio;
Sim; porque ſempre foi nada.

XLVIII.

Conſelho.

Para eſtudo naõ eſcolhas
Filho de cabeça ruda;
E tu a tens, ſenaõ olhas,
Se he ſó de quarenta folhas
O livro, porque elle eſtuda.

LXIX.

Contentamento.

Quem naõ tem contentamento,
Crê, que em caſa alheia eſtá,
O meſmo cuida o de lá;
Mas o que tem bom talento,
Já o naõ procura cá.

Mun-

L.

Mundo atrazado.

O mundo eſtá atrazado ;
Figuras delle , que paſſaõ ,
De ſombra naõ tem paſſado ,
E ſombras de tal eſtado ,
Que nem tem corpos , que as façaõ.

LI.

Lugar alto.

Subir , e mais ſubir queres ;
Mas toma tu , Leitor , iſto
No ſentido , que quizeres ;
Tanto mais alto eſtiveres ,
Quanto ſerás mais mal viſto.

LII.

Que nenhum bem ha no mundo.

Quem por ſabio ſe avalia ,
Tem grande conſolaçaõ
No bem da ſabedoria ;
E eſta pára em ninharia ,
Que o mais he opiniaõ.

Ter dinheiro com largueza
Tem o avarento por bem;
Tomara ſaber porém,
Que bem tem neſſa riqueza,
Se elle tendo-a naõ a tem.

O que for ambicioſo,
Por bem a honra terá;
Mas como tem elle lá
Eſſe bem taõ precioſo,
Se a honra he, de quem a dá?

Se imagina algum ſujeito,
Que tem cá bem, naõ ha tal;
Que o bem deve ſer perfeito,
Todo o de cá tem defeito,
Chamar-lhe bem, he bem mal.

LIII.

Opiniaõ a reſpeito da felicidade.

Naõ falta gente, que diz,
Que he feliz, quem o crê ſer,
Que he o meſmo que dizer,
Que para algum ſer feliz
He preciſo enlouquecer.

LIV.

As mãos fallando dos outros membros.

Nós os mais membros ſervimos
Em tudo, o que lhes convém;
A' boca o comer lhes vem
Por nós: até os veſtimos,
Que nem tal preſtimo tem.
Mas deves tu reparar
No ſalario, que cobramos:
Os para quem trabalhamos,
Nem ſaõ para nos lavar;
Que huma á outra nos lavamos.

LV.

Reſpondem os pés com alluſaõ á Republica.

E nós ſempre carregados
Comvoſco ſem deſcançar?
Os voſſos grandes cuidados
Ficavaõ todos parados,
Em nós teimando em parar.

Porém ſejamos ſoffridos,
Que a noſſa conſervaçaõ
Pende de eſtarmos unidos;
E eſtamos todos perdidos,
Em ſe perdendo a uniaõ.

LVI.

A hum perarvilho.

Naõ ſei, quem tanto te deu:
Tu veſtes do melhor panno,
Comes como hum ſoberano,
E naõ tens coiſas de teu,
Excepto mentira, e engano.

LVII.

Falla o coraçaõ de ſi meſmo.

Pertence ao meu natural
Eleger; mas eu me avenho
Com huma loucura tal,
Que deixo o bem, tomo o mal;
E eſſe o maior mal, que tenho.

LVIII.

Do avarento.

Hum avarento tem medo
Do dinheiro lhe fugir;
Mas como ha de elle ſahir,
Se a bolſa he de tal ſegredo,
Que o dono a naõ póde abrir?

LIX.

Vicioſos.

Poucos do vicio fugindo,
Muitos vaõ para elle entrando,
Naõ vendo, nem reparando,
Que quantos entraraõ rindo,
Todos vem de lá chorando.

LX.

Das intenções humanas.

Como ſaõ pelo interior
Os homens, quero ſaber;
Mas fico-me com querer,
Que ſaõ lá de furta côr,
Naõ ſe pódem conhecer.

Do-

LXI.

Delicias do mundo.

As delicias defte mundo
Em tom de vos collocar,
Em hum goftofo lugar,
Vos lançaõ em hum immundo,
E fempre no do pezar.
Parecem-me jogador,
Que toma a bola na maõ
Por modo de exaltaçaõ;
Porém pára efte favor
Em a arraftar pelo chaõ.

LXII.

Embufteiros affortunados.

Pertendem homens inteiros,
Que a ventura a elles fe una
Com honras, e com dinheiros;
Porém naõ vêm, que a fortuna
Anda atraz dos embufteiros.

Da

LXIII.

Da formoſura.

Já em muitos livros li,
Que a formoſura he hum bem:
Poderá ſer para alguem;
Mas nem, para a ver em ſi,
Goza della, quem a tem.

LXIV.

Que a velhice he mais forte, que a mocidade.

Tem forças a mocidade,
Diz hum, em quem ella mora;
Mais forte he a longa idade,
Que com tal facilidade
Lança a mocidade fóra.

LXV.

Do ambicioſo.

Quem á dignidade anela,
Julga-a hum bem ſem igual;
Conſegue coiſa taõ bella,
Cahe-lhe em cima o pezo della,
Já lhe parece o bem mal.

Do

LXVI.

Do iracundo.

Hum a' outro a vida tira,
Sem razaõ alguma ter,
Para tanto mal fazer;
E naõ mata a ſua ira,
Que o fará talvez morrer.

LXVII.

Do que naõ jejua.

Gente, que com comer ſonha,
E que naõ jejuà hum dia,
Guardar o jejum devia;
Quando menos por vergonha
Da brutal alarvaria.

LXVIII.

Motivo para a humildade.

Eu naõ ſei, como inda ha gente,
Que louca em ſi ſe embasbaca
Crendo-ſe coiſa excellente,
Sem ver, que he interiormente
Huma nojenta cloaca.

Feal-

LXIX.

Fealdade notavel.

Nas peſſoas o defeito,
Que as faz mais mal parecidas,
Naõ he o nariz mal feito,
Nem o olhar pouco direito:
He ter as unhas compridas.

LXX.

Dos que dizem: Eſcorregou-me o pé.

Gente, que tem má rele,
Tendo feito a traveſſura,
Diz: Eſcorregou-me o pé:
Eu tenho perdido a fé
Com gente taõ mal ſegura.

LXXI.

Dos falladores.

Gente, que nunca ſe cala,
Coſtuma fallar comſigo;
Neſta parte hei de louvalla;
Que em quanto comſigo falla,
Naõ vem cá fallar comigo.

LXXII.

A hum que fazia muitas acções.

Bem ſei, que alguns notaráõ,
Quando fallas, ter o geito
De fazeres muita acçaõ;
Mas elles naõ tem razaõ;
Que iſſo he fallar dito, e feito.

LXXIII.

A hum, que cuſpia na cara dos mais.

Fóra com taes enchurradas,
Que na força do dizer
Me vens na cara meter:
Eſcuſo as barbas regadas,
Para haverem de creſcer.

LXXIV.

A hum que palpava os botões daquelles, com quem fallava.

Para que he tanto palpar?
Chegaraõ-te tentações
De achares, que maſtigar?
Quero-te deſenganar;
Naõ ſaõ figos, ſaõ botões.

LXXV.

A hum glotaõ.

Como pódes tu tolher,
Que a colica te perſiga,
Se és taõ alarve em comer,
Que em vez de tu a reger,
Rege-te a tua barriga?

LXXVI.

Porque comem os velhos á boca fechada.

Comem á boca fechada
Os velhos; que a tal eſtado
Tem eſte tempo chegado,
Que nem na boca cerrada
Eſtá ſeguro o bocado.

LXXVII.

Do que o Poeta intenta comprar.

Eu ando na diligencia
Seja, porque preço for,
De me fazer comprador
De calos para a paciencia,
E orelhas de mercador.

LXXVIII.

A huma mulher feia.

A que máo roſto tiver,
Naõ terá roſto maldito,
Se junto a ti ſe puzer;
Que á viſta de tal mulher
Até o diabo he bonito.

LXXIX.

Incoherencia.

Tenho em toda a minha vida
Huma incoherencia notado,
Quanto a mim mal permittida,
Que he a mulher bem veſtida
Com marido esfarrapado.

LXXX.

Dos imprudentes em caſar.

Toma o camelo ſómente
Carga, que póde levar;
He camelo; mas prudente:
Eu encontro alguma gente
Mais camela no caſar.

LXXXI.

De Harpocrates, deos do Silencio, e de Bacho.

De Harpocrates tenho lido,
Que foi no tempo paſſado
Deos do Silencio; e eu duvido,
Que aquelle deos tenha ſido
Por mulheres venerado.
Havia-lhe aborrecer
Deos, que as fizeſſe calar;
No deos Bacho haviaõ crer;
Que eſſe ainda tem poder
De fazer muitas fallar.

LXXXII.

Que naõ ha que fiar em ter coſtas.

Porque coſtas o ampararaõ?
Algum a muitos deſgoſta,
Que guande odio lhe tomaraõ;
As coſtas talvez faltaraõ;
E o neſcio ficou de coſta.

LXXXIII.

Dar, e tomar.

Naõ vem ſem hum grande enſino
O ſaber tomar, e dar;
Mas para dar imagino,
Que he preciſo menos tino,
Que para ſaber tomar.

LXXXIV.

Gente ſem juizo.

Ha quem de ſaber tem mingoa;
Louva, o que outro tem louvado,
Nota, o que outro tem notado.
Gente, que tem propria lingoa,
Entendimento empreſtado.

LXXXV.

O mundo baralho.

Eſte mundo he hum baralho;
Joga nelle grande parte;
Deſcarte-ſe do retalho,
Que come, e naõ faz trabalho,
Fará hum util deſcarte.

Xiſ-

LXXXVI.

Xiſtes.

Ha quem em xiſtes pondera;
E em dizellos tem empenho;
Eu em algum preço os tenho;
Mas na pratica quizera
Antes juizo, que engenho.

LXXXVII.

A hum neſcio.

Affirmas, que converſar
Com varões ſabios pertendes;
Dêmos, que os pódes achar,
De que te ſerve o fallar
Com homens, que naõ entendes?

LXXXVIII.

Da Aurora.

Todos a Aurora aborrecem;
Huns; porque a trabalho os chama.
Outros, que em ſomno apodrecem,
Fechaõ tudo, e ſe entriſtecem
De os ir acordar á cama.

Hora de oiro ſe appellida;
Mas a ſer hum tal theſoiro,
Havia ſer recebida
Melhor, que huma longa vida,
Aquella ſó hora de oiro.

LXXXIX.

Qual he a maior formoſura?

Cuidas cheio de loucura,
Que he formoſura excellente
Mulher de boa figura?
Nada: a maior formoſura
He gente, que ſeja gente.

XC.

Heraclito, e Democrito.

Se Heraclito reſurgia
Com Democrito, e notara
Do noſſo tempo a mania
Muito mais eſte riria,
E mais aquelle chorara.

XCI.

Basilisco.

O basilisco matar
Vendo, naõ o posso crer;
Mas se o juiz naõ olhar,
O que ha de sentenciar,
Creio, que mata em naõ ver.

XCII.

Dos varões doutos, e sabios.

Naõ se verem premiar
He aos sabios mui sensivel;
Porém como he compativel
Com seu saber singular
Aspirar a hum impossivel.
Se tem juizo profundo
Digaõ-me, se póde alguem
Dar aquillo, que naõ tem:
Naõ vejo, que tenha o mundo
O premio, que lhes convem.

XCIII.

Remora.

Naõ pódem acreditar
O pexinho do Oceano,
Que faz huma náo parar,
Que corria pelo mar
Com bom vento, e todo o panno.
Porém naõ vejo razões,
Para negar taes proezas;
Que em muitas occaſiões
Tem leves ſuperſtições
Detido grandes emprezas.

XCIV.

Dos Satyros.

Achar os Satyros queres,
E crês, que os ha na verdade;
Os maridos naõ eſperes;
Satyras ſuas mulheres
Ha no mundo em quantidade.

Cau-

XCV.

Cautela.

Para amigo em direitura
Vem hum procurando a ti,
Será mui grande loucura
Naõ olhar, ſe a ti procura,
Ou procura para ſi.

XCVI.

Eſtimaõ-ſe as coiſas por eſtrangeiras.

Tudo, o que vier de Argel,
Tem cá o lugar primeiro:
O de Portugal tem fel,
O de eſtrangeiro tem mel;
Iſſo he, que quer o eſtrangeiro.

XCVII.

Lyra de Orpheo.

Dizem, que Orpheo attrahira
O carvalho, o cedro, o loiro
Com o ſom da ſua lyra;
E daqui ha, quem infira,
Que ella tinha as cordas de oiro.

Ido-

XCVIII.

Idolatria.

Nós temos por gente má,
A que nas partes da aurora
Culto a huma vaca dá;
Porém eſtima-ſe cá
Gente, que huma burra adora.

XCIX.

Jaſaõ.

Jaſaõ lutou com o mar;
Expoz-ſe a matallo hum toiro,
E a ſer de hum dragaõ manjar;
Quem o obrigou a paſſar
Taes ſuſtos? hum vélo de oiro.

C.

A hum eſtudante.

Naõ te louves, nem te gibes
De ſer hum bom eſtudante;
Porque neſſe meſmo inſtante
Que tu penſares, que ſabes,
Te firmas em ignorante.

Co-

CI.

Como se ha de viver para com o Ceo, e para com o mundo.

Se viver para o Ceo queres,
Pela verdade suspira;
Mas se, como quem delira,
Vida mundana quizeres,
Toma a estrada da mentira.

CII.

A hum melindroso.

A sensaçaõ tal raiz
Nessa molleza lançou,
Que se hum mosquito voou,
E te foi dar no nariz,
Gritarás, que to quebrou.

CIII.

Quem vê longe, e quem vê perto.

Ninguem mais ao longe vê,
Do que hum desacautelado;
Sempre vê muito apartado
O perigo, ainda que
Elle esteja bem chegado.

Nin-

Ninguem vê coiſas mais perto,
Do que hum, q̃ anda em pertençaõ:
Coiſas, que nunca ſeraõ,
Eſtá elle muito certo,
Que as vê fechadas na maõ.

CIV.

O ſoberbo, e o endinheirado.

Se algum em tom deciſivo
Te fallar, e quer amem,
Inda no que naõ convem,
Ou elle he ſoberbo, e altivo,
Ou muito dinheiro tem.

CV.

Do que ſe eſcuta a ſi meſmo.

Se em algum tempo fallares,
Com quem falla de vagar,
E ſe eſcuta no fallar,
He eſcuſado eſcutares,
Que ahi naõ ha, que eſcutar.

CVI.

Das pelles para veſtidos.

Pelles da Ruſſia viraõ
Contra o frio impertinente;
Mas para outra precauçaõ
Pelles de rapoſa ſaõ
As de que uſa immenſa gente.

CVII.

Oculos.

Hum eſtrangeiro vendia
Oculos de varias cores;
Mas naõ dos que eu pertendia;
Que os oculos, que eu queria,
Eraõ de ver interiores.

CVIII.

Unhas.

Como és taõ pouco experiente,
Talvez pouco mal ſuppunhas
Andar das unhas doente;
Mas nós vemos muita gente,
Que morre de achaque de unhas.

Que

CIX.

Que coiſa he, a que mais engana.

Cuidas, que he huma cigana,
Quem mais engana? ás aveſſas:
O que nos prega mais peças,
E mais peſſoas engana,
Quanto a mim ſaõ as promeſſas.

CX.

Enigma do engano.

Qual he, o que anda eſcondido
Entre nós, para viver,
Que vive de ſe eſconder;
E baſta ſer conhecido,
Para que deixe de ſer?

CXI.

Ao cabello.

Porque moſtras muita idade,
Cabello, neſſa côr branca,
Tem-te a velha má vontade;
E até de ti quantidade,
Para ſe vingar, arranca.

Porém, quando ſe deſpica
De tomares a côr alva,
Que velhice ſignifica,
Com peior côr alva fica;
Porque lhe apparece a calva.

CXII.

A Laura remeloſa.

Laura a perfeições taõ bellas
Eſſes teus olhos chegaraõ,
Que delles ſe namoraraõ
Até as meſmas remellas;
Porque nunca os deſamparaõ.

CXIII.

Do ſitio do entendimento.

Na cabeça, tenho lido,
Que aſſiſte o entendimento;
Em algumas naõ duvido;
Que em muitas naõ tem podido
Achar até hoje aſſento.

CXIV.

Ouvidos.

Portas para o entendimento
Os noſſos ouvidos ſaõ;
Falta-lhes guardaportaõ,
Para pôr impedimento,
No que naõ for diſcriçaõ.
Porém dou, que concorria
A parvoice, e os abſurdos,
E que elle lhes reſiſtia,
Armavaõ tal gritaria,
Que nos deixariaõ ſurdos.

CXV.

Ao olfato.

Meu olfato, poem-te auſente;
Que, ſe eu cheiro huma bonina,
Tambem naõ fico contente
Do cheiro de alguma gente,
Que bota vento á ſurdina,

CXVI.

Da boca.

Comer, e fallar tambem
He na boca natural;
Assim dois officios tem;
Mas se algumas passaõ bem,
Tambem outras passaõ mal.

CXVII.

Desprezo dos bens da fortuna.

Para que me hei de matar
Por bens, que a fortuna deu,
E bem pouco haõ de durar;
Que em breve me haõ de deixar,
Ou hei de deixallos eu.

CXVIII.

Do jogador de parada.

Nescio he, quem jogando está,
Sem saber, de que maneira
Carta, ou dado tombará,
Vendo o tombo, que dará
O dinheiro da algibeira.

Do

CXIX.

Do confiado.

O confiado parece,
Que ha de causar confiança,
Que he, o que nelle apparece;
Mas em quem bem o conhece,
Causará desconfiança.

CXX.

Do desvanecido.

Todo, o que he desvanecido,
Se lhe mete no miolo,
Que he formoso, que he valido,
Que he sabio, que he entendido;
E elle naõ he senaõ tolo.

CXXI.

Que he necessaria maior cautela com o homem, que com a féra.

Eu mais cautela quizera
Com qualquer sujeito humano,
Do que com a onça austéra:
Além dos males da féra
O homem tem o mal do engano.

CXXII.

Dos nimiamente zombadores.

Vejo hum , que zomba ſem fim ,
Que tudo mete a feiçaõ ,
Ainda a religiaõ ;
Hum homem tal , quanto a mim,
Zomba até da ſalvaçaõ.

CXXIII.

Dos irreſolutos.

Naõ ſómente no Braſil
Ha preguiça , aquelle bruto
Tudo pezo , e nada ardil ;
Tambem cá ha muitos mil ;
Porque ha muito irreſoluto.

Em hum negocio metidos
Meditaõ muito de eſpaço ;
Encontraõ tanto embaraço ,
Que alli prezos , e detidos
Saõ preguiça em dar hum paſſo.

CXXIV.

Que o nimio amor dos pais para os filhos he damnoſo aos meſmos pais.

Pais, que aos filhos quereis
Mais, do que em razaõ he poſto,
E por iſſo os naõ regeis,
O goſto, que lhes fazeis,
Ha de ſer voſſo deſgoſto.
Em vez de filhos creais
Huma perdiçaõ atrós
De paz, honra, e cabedais:
Eſſe amor, que lhes moſtrais,
He hum odio para vós.

CXXV.

Entrada do mundo.

Com razaõ no mundo entramos
Sem algum conhecimento
Do máo lugar, onde eſtamos,
Até que habito façamos
De tal, ou qual ſoffrimento.

Que

Que ſe hum antes que naſcia,
O que he eſte mundo viſſe,
Tal pavor conceberia,
Que primeiro a mãi morria,
Que o filho della ſahiſſe.

CXXVI.

Homens brutos.

Nós, como brutos, naſcemos;
Depois com trabalho, e lida,
Alguns, homens nos fazemos;
Outros, como muitos vemos,
Ficaõ brutos toda a vida.

CXXVII.

Mundo ás aveſſas.

Para neſte mundo andar
Fóra dos ſeus eixos tudo
No fallar, e no calar,
Cala, quem ſabe fallar,
Falla, quem deve ſer mudo.

O fraco faz-ſe temer
Com muita fanfarronada;
O forte nem traz eſpada,
Dá, quem deve receber;
Quem póde dar, naõ dá nada.

CXXVIII.

Falta de engenhos, e remedio para ella.

Julgar o mundo exhaurido
De engenhos, he injuſtiça;
Ha muito engenho eſcondido,
Que naõ tem diminuido;
Mas tem creſcido a preguiça.
E que remedio haveria,
Com que tomando ella medo
Brilhaſſe a ſabedoria?
Se vieſſe o premio hum dia,
Punha a preguiça em degredo.

No-

CXXIX.

Nova opiniaõ a respeito dos homens.

Affirmaõ sujeitos serios,
Que só a terra homens tem;
Porém como outros convem,
Que ha huns demonios aerios;
Eu digo, que homens tambem.

CXXX.

Mudança.

Eu naõ sei, porque caminho
Succedem tantas passagens:
Hum, que hontem com murmurinho
Vendia panno de linho,
Hoje já falla em linhagens.

CXXXI.

Cautela.

Naõ tema algum, que se entranha
Na deserta soledade
As raposas da montanha;
Livre-se porém da manha
Das raposas da cidade.

Ho-

CXXXII.

Homens inverſos.

Deve-ſe a cabeça erguer;
O pé á terra ſe arrima;
Mas muita gente has de ver,
Que, por cabeça naõ ter,
Anda de pernas acima.

CXXXIII.

A huma velha, que affectava ſer moça.

Mulher de annos carregada,
Por mais que affirmas, e mentes
Naõ ſer de idade avançada,
Deſmente-te eſſa punhada,
Que o tempo te deu nos dentes.

CXXXIV.

A huma mulher idoſa.

Paſmado, e confuſo eſtou
De ver mulher ſimilhante:
Já cincoenta completou;
Porém nos trinta emperrou,
E naõ quer ir adiante.

CXXXV.

A Theophrasto manhoso.

Quando para o Norte irás,
Affirmas, meu Theophrasto,
Que has de ir para o Sul; e vás
Como caco para trás,
Por te naõ darem no rasto.

CXXXVI.

A hum cozinheiro, que fez hum guizado muito amargoso.

Que amargo comer guizaste!
Raro o poderá tragar:
Parece-me, que pizaste
A verdade, e lha lançaste
Para haver de o adubar.

CXXXVII.

Honras.

Espicula honras em vaõ,
Nem creio, que a ellas reme,
Exceptuando na intençaõ,
Quem naõ teme, o que diráõ,
Nem tambem, quem muito o teme.

Ri-

CXXXVIII.

Rizo.

Rimos de huns por tais, e quais;
Porém naõ nos rimos sós;
Porque temos coisas tais,
Que, em quanto rimos dos mais,
Se riem muitos de nós.

CXXXIX.

De Planco.

Planco tendo por ventura
Ver a mulher á cova ir,
Foi-se meter a carpir
Dentro em huma casa escura
A fim de o naõ verem rir.

CXL.

Do que diráõ.

Já morreo o que diráõ;
Sujeitos graves, e cultos
Cheios de grande paixaõ
Dizem, que naõ faltaráõ
Daqui por diante insultos.

CXLI.

Da lisonja.

Veio a lisonja a tal gráo,
Que nada faz melhor som;
Bom diz a tudo hum maráo;
E eu vejo o mundo mais máo,
Depois que tudo está bom.

CXLII.

Sitio do rio Lethes.

Muitos desejaõ saber,
Onde está aquelle rio
Lethes, que faz esquecer:
Eu havia de dizer,
Que no mando, e senhorio.

Sim; porque alguns eminentes
Em altos postos já vi,
Que se esqueceraõ alli
De amigos, e de parentes,
E talvez tambem de si.

CXLIII.

Governo.

Quem tiver juizo inteiro
Fugirá, como bem poucos
Do cargo inda mais ligeiro;
Só por naõ ſer enfermeiro
Do mundo caſa de loucos.

LXLIV.

Gente, que nunca parece velha.

Lá nos Elyſios ſe diz,
Que os homens nunca envelhecem;
Tambem por mais que viveſſem
Alguns no noſſo paiz,
Sempre rapazes parecem.
Eſta gente arrapazada
Naõ he tal, porque floreça
Em ſaude, e naõ padeça;
Antes he ſempre achacada
De tonturas de cabeça.

Dos

CXLV.

Dos preſumpçoſos de entendidos.

Em alguns, que de entendidos
Tem preſumpçaõ, me occorrendo,
Vou-me, ſe poſſo eſcondendo,
Que com eſtes preſumidos
De entendidos naõ me entendo.

CXLVI.

Conſelho.

Saõ huns engenhos ſelectos,
Os que abundaõ em bons ditos;
Porém ſejaõ circunſpectos;
Naõ comecem em diſcretos
Para acabar em palitos.

CXLVII.

De Eſopo.

Recolha de Eſopo os frutos,
Quem intenta ſer prudente,
Que hum author taõ excellente,
Que faz diſcretos os brutos,
Fará mais diſcreta a gente.

Du-

CXLVIII.

Duvida-ſe qual he a naçaõ mais valente.

Eu eſtimara ſaber,
Que naçaõ ha, que na guerra
Poſſa mais acções fazer;
Que a todos oiço dizer,
Que a gente da ſua terra.

CXLIX.

Ao Leitor.

Terás goſto ſe comprendes,
O que hum tanto eſcuro digo;
E ſe mais claro o pertendes,
Porque inda me naõ entendes,
Nem eu me entendo comtigo.

LIVRO II.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

LEitor, naõ te dou paixaõ,
Sendo bom o voto teu;
Que tomar ſatisfaçaõ,
Se cenſuras com razaõ,
Seria naõ a ter eu.

II.

A huma mulher, que tinha os olhos muito grandes.

Nunca me pareceo bem
A tua cabeça toſca;
E inda duvido ſe a alguem;
Que he qual cabeça de moſca,
Que pouco mais, que olhos tem.

A

III.

A qualquer, que intenta valer por erudito.

Se tu pertendes valer
Por hum dos mais eruditos,
Olha, que te vás perder;
Que os tolos tem mais poder;
Porque eſtes ſaõ infinitos.
E, ſe depois de ſentir,
Que és dos tolos maltratado,
Inda pertendes luzir,
Vai-te com elles unir,
Que és tolo por atilado.

IV.

Do povo.

Que tem o povo brutal,
Que muitas vezes naõ quiz
Crer verdade trivial;
E, ſe ouvio hum ſarrabal,
Crê tudo, quanto elle diz?

V.

Do meſmo.

Naõ ſerá ſabio qualquer,
Inda ſabendo baſtante,
Se o povo neſcio o fizer;
Que elle faz ſabio, quem quer;
E faz, quem quer, ignorante.

VI.

Credulidade do povo.

A' ſimples gente vulgar,
Que petas naõ meteraõ,
Depois della acreditar,
Que ſe póde remoçar,
Quem ſe lavar no Jordaõ?

VII.

O dinheiro quer-ſe com os máos.

O dinheiro eſtá contente,
Com quem arma corriolas,
Com o máo, com o inſolente;
Sim; porque rouba eſta gente,
Naõ paga, nem dá eſmolas.

VIII.

Da inconſtancia da fortuna.

A' fortuna chama alguem
Inconſtante, e desleal;
Mas he, ſe lhe tira o bem,
Que ſe por ella lhe vem,
Ninguem a accuſa de tal.

IX.

Conſelho.

Se acaſo tiveres parte
Em lugares juſticeiros,
Os elementos primeiros
Sejaõ aprender huma arte
De conhecer embuſteiros.

X.

Unhas humanas.

Das unhas ouço fallar,
(Das noſſas) que ſaõ damnoſas,
Como o meſmo roſalgar;
E naõ ſe póde negar,
Que ha unhas bem venenoſas.

Da

XI.

Da crueldade humana.

Naõ basta, que a natureza
Em toda a parte espalhasse,
Com que o homem se matasse;
Foi preciso, que a fereza
Inda as armas inventasse.

Teme-se o ar pestilente;
Verdade he, que prejudica;
Porém á vista de gente,
Que mata exercitos fica
A peste sendo clemente.

XII.

Arrependimento.

Naõ pões aos vicios limite?
Que esperas, alma perdida?
Esperas, que o appetite
Passe, e mais te naõ irrite?
Passará primeiro a vida.

XIII.

Conſelho.

Convem, que tenhas cautela,
Com quem diz, que quer ſervir
De te calçar a chinella:
Olha, ſe eſſe homem he péla,
Que deſce para ſubir.

XIV.

Juiz.

Se injuſtiça o Juiz fez;
Porque lhe pede hum auguſto,
He louco; porque bem vês,
Que teme ſer deſcortez,
E naõ teme ſer injuſto.

XV.

Eſtudantes.

Nunca vós vereis luſtrar,
Os que vaõ livros volver,
Para terem, que comer;
Porque o fim de ſe eſtudar
Naõ he comer, he ſaber.

XVI.

Dos tres inimigos da alma.

O mundo tem por ſerventes
Os ſujeitos mais pompoſos;
A carne, os que ſaõ formoſos;
O diabo tem mil preſentes,
Que lhe daõ homens fogoſos.

XVII.

Mundo enganoſo.

Eſte mundo he enganoſo,
Manda, que ſe eſpere, e aguarde,
Depois dá pena por gozo;
O deſengano he gotoſo,
Sempre chega muito tarde.

XVIII.

Devoçaõ imprudente.

Se eſtando a mãi no ſermaõ,
O filho de tenra idade
Chora cahido no chaõ,
Naõ me agrada devoçaõ
Com taõ pouca caridade.

XX.

Avarento.

Pondo a cabeça mais alta,
Põe olhos no Ceo o avaro;
Talvez por ſanto hum o exalta;
E elle olha a ver, ſe agua falta,
Para vender trigo caro.

XX.

Beatas.

Muitas por eſſe mundo ha
Com virtude em quantidade
De comer muito á vontade:
Virtude tem, quem lho dá;
Porque tem ſimplicidade.

XXI.

A hum jactancioſo.

A tua boca te exalta
De tal modo, que te digo,
Que tinhas honra bem alta,
Senaõ houveſſe huma falta,
E he, que os mais digaõ comtigo.

Qui-

XXII.

Quimera.

A duvida poem, e tira
Gente, que a nega, e aſſevera
O ſer mentira a quimera;
Pois, ſe a quimera he mentira,
Bem muitas ha neſta era.

XXIII.

A cadeia hoſpital.

Ao que vós chamais cadeia,
Chamaria eu hoſpital;
Pois naõ vai a caſa tal,
O que tem a bolſa cheia;
Vai quem naõ tem cabedal.

XXIV.

Vida longa.

Hum inerte, que ſe porte
Deſmedrado, e negligente,
Vivirá perpetuamente;
Que até parece, que a morte
Naõ faz caſo de tal gente.

Do

XXV.

Do máo pagador.

Se hum grave, hum q̃ naõ namora,
Muito a alguma caſa for;
E lá pouco ſe demora;
Sabe, que quem alli mora,
He muito máo pagador.

XXVI.

Lidar com beſtas.

Que ſaber, e que prudencia,
Se bem com beſtas lidamos!
E nós bem pouco a eſtudamos;
Sem olharmos, que he ſciencia,
De que todos preciſamos.

XXVII.

Homem verdadeiro.

Dizem, que fallas verdade:
Já te tenho por honrado;
Porém eu tenho obſervado,
Que homem deſſa qualidade
Nunca foi affortunado.

Pre-

XXVIII.

Presumido de formoso.

O que por bem parecido
De si se namora, e agrada,
E de bello he presumido;
Se presume de entendido,
Tem presumpçaõ mal fundada.

XXIX.

Presumido de valente.

Quem com prenda de animais
Presume de valentia,
Acompanhe com os taes;
Será valente no mais;
Mas he fraca companhia.

XXX.

Presumido de namorado.

Algum, que presumpçaõ tem
De namorado sem fim,
Com o seu parecer bem,
Talvez que namore alguem;
Mas naõ me namora a mim.

Cul-

XXXI.

Culpa.

Culpaõ-me de muito frio,
Quando naõ ſou porfiado;
De inſoffrivel, ſe porfio;
Só naõ meterei faſtio
Fallando muito calado.

XXXII.

A hum de muitas hyperboles.

Olha, homem, que te inflámas,
Se as hyperboles naõ tiras,
Que inda, que o nome lhes viras;
Porque hyperboles lhes chamas,
Os mais chamaõ-lhes mentiras.

XXXIII.

Dos que ſe picaõ com pouco.

Huns homens, q̃ ergûem motim,
De pouco, ou nada picados.
Sejaõ nos matos lançados;
Se ſe haõ de picar de mim,
Piquem-ſe neſſes ſilvados.

Ho-

XXXIV.

Homem Francez.

Ora o valor Portuguez
Será grande, eu o concedo;
Porém ſe ouço alguma vez
Fallar em homem Francez,
Fujo delle, tenho medo.

XXXV.

Raro vive ſatisfeito com duas coiſas.

Duas coiſas tem a gente,
Com que raro bem ſe quer:
Ninguem vive commummente
Com ſua ſorte contente,
Nem com a ſua mulher.

XXXVI.

A hum velho, que lhe tremia a cabeça em aceno, de quem diz naõ.

Naõ ſei, que *naõ* quer dizer
Eſſa cabeça em acçaõ
De nos acenar, que naõ;
Se he, que naõ queres morrer,
Acho-te muita razaõ.

XXXVII.

Quem tem peior visinhança.

Talvez que ninguem te disse,
Quem he aquella, que tinha
Visinhança mais damninha:
Eu digo, que a velhice,
De quem a morte he visinha.

XXXVIII.

Honras dos velhos.

As honras, e governanças,
Que a velhos costumaõ dar;
Tanto reger, e mandar
He, como enfeitar crianças,
Para irem a enterrar.

XXXIX.

Velhice.

As mudanças, em que andamos,
Naõ posso bem entender;
A ser velhos aspiramos;
E depois que lá chegamos,
Já o naõ queremos ser.

Ocio.

XL.

Ociosos.

A gente, que o mundo habita,
Em somno, e meza occupada,
He gente bem comparada,
A quem faz huma visita,
Onde merenda, e mais nada.

XLI.

A hum que dormia, onde outros conversavaõ.

Censuraõ-te alguns pulidos,
Que conversando aggregados,
Te observaõ de olhos fechados;
Mas ouves com os ouvidos;
E sempre os tens destapados.

XLII.

A hum velho rabugento.

Enfadado, com quanto ha,
Tiras á lingua a ferrugem;
Sómente allivio nos dá
O ver, que cedo virá,
Quem te cure da rabugem.

Dos

XLIII.

Dos olhos inflammados por causa do vinho.

Bebe a boca o vinho adusto,
Vem aos olhos o calor
Com inflammaçaõ, e dor;
He já mui antigo o justo
Pagar pelo peccador.

XLIV.

Dá o Poeta razaõ de se naõ imprimirem todas as suas obras.

Ha muito perguntador,
Que pergunta, porque naõ
Dou obras á impressaõ;
Sim dou; porém o Impressor
Sem paga naõ lhes poem maõ.

XLV.

Doença do appetite.

Desta doença mofina
Do appetite desconfio,
He queixa muito malina
Para o máo fome canina,
Para o bom cruel fastio.

XLVI.

A hum que cuſpia, e mentia muito.

Lanças ſaliva infinita:
Bem póde regar herdades;
Tanto abunda em humidades
A tua boca maldita,
Como he ſecca de verdades.

XLVII.

A hum temerario.

A tua transformaçaõ,
Temerario, me fez rir;
Pois mal te via leaõ,
Alli do pé para a maõ
Te vi corça no fugir.

XLVIII.

Dos varões fortes na guerra.

Deſſa gente forte leio
Ter feito muita proeza;
Mas de taes proezas creio
Serem mais de medo alheio,
Que de propria fortaleza.

XLIX.

Ainda o mais cruel homicida ſe acclama por bom em morrendo.

Foi hum taõ grande homicida,
Que até mata os proprios pais;
Morreo, por bom ſe appellida:
Só ſe he bom por naõ ter vida,
Para dar a morte aos mais.

L.

De galantaria a Brites de Almeida.

De quanto heroico ſe chama,
Pódes, Brites, ſer adorno;
Porque o teu nome ſe acclama
Naõ ſó por bocas da ſama;
Mas pela boca de hum forno.

LI.

A' variedade do mundo.

Olha o que vai pelo mundo;
Hum cahe, outro ſe levanta,
Aquelle chora, eſte canta;
Hum jaz de todo no fundo;
Chega ao outro a agua á garganta.

Co-

LII.

Como ſe devem entender alguns Filoſofos, que deſcrevem o varaõ forte.

Deſcrevem ſabios de porte
O varaõ forte ſem medo:
Devem-ſe entender de ſorte,
Que ſeja eſſe varaõ forte
Formado de algum penedo.

LIII.

Dos perſtigiadores, homens de engenho.

Huns de habilidades vem
Correndo eſſe mundo inteiro;
Fazem muitas dellas bem;
Porém melhor, que ninguem
A de nos ſacar dinheiro.

LIV.

Dos agyrtas, chamados ſaltimbancos.

Huns, que tem remedios taes,
Que promettem por ahi,
Que vos faráõ immortais,
Vem cá a matar os mais,
Para ſe curar a ſi.

Epi-

LV.

Epitafio de hum bebado.

Naõ moro neſte quartel:
Sempre tonel tinha ſido;
Ando, onde tenho ſupprido
Das Belides hum tonel;
Porque eſtava já delido.

LVI.

Das maçãs das Heſperides, e do ramo de oiro, que Enéas colheo quando deſceo ao inferno.

Opinaõ, que era o theſoiro
Das Heſperides fingido,
Nem houve taes maçãs de oiro,
Nem aquelle ramo loiro,
Que foi de Enéas colhido.

Quem diz, que ſaõ fingimentos
Recuſa fallar ſizudo;
Houve bens taõ opulentos;
Cahiraõ-lhe os avarentos,
E deraõ conta de tudo.

LVII.

A hum que roncava muito.

Onde estás a resonar
Naõ sei eu, quem dormiria,
Que o teu maldito roncar
He bem capaz de acordar,
Quem tem huma apoplexia.

LVIII.

A hum que lia muito mal.

Toda a pessoa, que chega
A censurar, o que lês,
Naõ entenderá talvez,
Que tu lês em lingua Grega,
O que está em Portuguez.

LIX.

A hum que perguntava muito.

Amigo, como tu queres
Fazer perguntas sem fim;
Se a minha casa vieres,
Pergunta, quanto quizeres;
Mas naõ perguntes por mim.

LX.

A hum que cuſpia muito.

Como ſei, que he manha tua
O cuſpires ſem ceſſar;
Apenas te vejo entrar,
Lembra-me por-me na rua
Com medo de me affogar.

LXI.

Aos pais, que naõ enſinaõ a Doutrina Chriſtã a ſeus filhos.

Deſſa omiſſaõ, em que eſtais,
Toda a conſequencia he,
Que vós huns filhos tenhais
Bem ſimilhantes aos pais;
Porque ſaõ filhos ſem fé.

LXII.

A huns mal caſados.

Vendo as voſſas guerras más:
Paz, e concordia em voz alta
Vos grita gente capaz:
Aſſim vós tiveſſeis paz,
Que concordia naõ vos falta.

Com tal vontade abraçaſtes
A concordia alternativa,
Que logo apenas caſaſtes,
Ambos os dois concordaſtes
Em andar em guerra viva.

LXIII.

Do pai com o filho.

Se o pai por muita piedade
Do filhinho, que ſe amûa,
Lhe faz em tudo a vontade,
Depois de creſcer a idade,
Naõ lhe fará elle a ſua.

LXIV.

Dá o Author a razaõ porque aborrece papagaios.

Perguntas, porque razaõ
Nunca papagaios quiz:
Nunca tive coraçaõ
Para ouvir hum charlataõ
Fallar, ſem ſaber, que diz.

LXV.

Do ignorante, que quer oſtentar de ſabio.

Quem ſabe, como hum lacaio,
E fallar em tudo quiz,
Foi homem, mas infeliz;
Pois mudado em papagaio
Falla, e naõ ſabe, o que diz.

LXVI.

A hum demandiſta.

Quando metido te vi
Em tanta viſta, e reviſta;
O que eſpero ſó daqui
He, que movas cauſa a ti
Por culpas de demandiſta.

LXVII.

O maior mal dos homens.

Se me perguntar alguem,
De todos os males qual
Seja o maior, que homem tem;
He conhecer mal, e bem,
Deixar o bem, e ir-ſe ao mal.

Da

LXVIII.

Da demonſtraçaõ.

À demonſtraçaõ convem,
Onde chegar a razaõ,
Que onde ella lugar naõ tem,
A total perdiçaõ vem,
Quem buſca demonſtraçaõ.

LXIX.

Etimologia da Ode.

De *Odos*, iſto he, cantiga,
O ſeu nome a Ode tem;
Agora ha humas, porém
De tal goſto, que ha quem diga,
Que de odio o nome lhe vem.

LXX.

Erro do Poeta.

Do Corycio antro correndo
Teſpides com laurea rama.
Que arenga vou dizendo?
Hia huma Ode fazendo,
E queria hum Epigramma.

Aos

LXXI.

Aos Sebaſtianiſtas.

Muitos ouço eſcarnecer
Deſſa voſſa profecia ;
Quando todos devem crer ,
Que o Rei ha de apparecer ;
E eu até ſei , em que dia.

LXXII.

Da negligencia dos noſſos em eſcrever Epigrammas.

Noſſa lingua he excellente
Para Epigrammas fazer ;
Tentou-os bem pouca gente ;
Naõ lhe chamo negligente ;
Pois moſtra , que hia a correr.

Tomaõ-ſe em breve de cor
Seus tratados por pequenos ;
Mas o que eu acho peior ,
He , que fariaõ melhor ,
Se ainda eſcreveſſem menos.

LXXIII.

Do homicida.

Deſpreze eſſe vulgo errado
O magareſe innocente ;
Que eu tenho por mais honrado
Aquelle , que mata gado ,
Que aquelle , que mata gente.

LXXIV.

Do deſcuido em procurar a virtude.

Sem que o meio procuremos ,
Andamos em taõ máo jogo ,
Que pendendo para extremos ,
Icaros na agua morremos ,
Ou Phaetontes no fogo.

LXXV.

Condemnaõ-ſe os equivocos em coiſas ſérias.

Com razaõ em ſeriedade
Equivocos naõ queremos ;
E menos , que equivoquemos
A virtude , e ſantidade
Com algum dos dois extremos.

Exem-

LXXVI.

Exemplo do verſo de Horacio.

Dum vitant ſtulti vitia, in contraria currunt.

O neſcio, para que mude
De huma prodiga largueza
Para outra menor deſpeza,
Saltando em claro a virtude,
Faz fincapé na avareza.

LXXVII.

Do cobarde.

Aquelle, que por medroſo
Nunca pela eſpada puxa,
Senaõ campa por forçoſo,
Campa por habilidoſo:
Faz de hum phoſphoro huma bruxa.

LXXVIII.

De huma pobre.

Huma pobre, que trazia
Em papel huma receita,
De todos, quantos podia,
Oito vintens extrahia,
Para a mézinha ſer feita.

Eu

Eu lhe pergunteí, que tal
Com a receita ſe dava,
Reſpondeo-me, que naõ mal;
E era muito natural,
Segundo o que ella lucrava.

LXXIX.

De hum Saloio, e hum Barbeiro

Hum Saloio ſe rapava
Bem em caſa de hum Barbeiro;
E depois naõ lhe pagava,
Dizendo, a quem o apertava:
Senhor, naõ tenho dinheiro.
Depois de muito ralhar,
O Saloio concluia,
Que lhe tornaſſe a pegar
As barbas no ſeu lugar,
Que, como entrou, ſahiria.

LXXX.

A hum glotaõ.

Virá fome, que tormento!
Começou hum a dizer:
Cuidámos profeta ser;
Mas sabido o fundamento,
Tinha-te visto comer.

LXXXI.

A qualquer que na Igreja tem hum só joelho no chaõ.

Deos hum teu joelho tem,
Conservas o outro no ar;
Tu o guardas para alguem;
Desse teu modo de obrar
Podemos crer para quem.

LXXXII.

A hum que se benzia mal.

Eu de entender naõ acabo
Tuas benzeduras toscas;
Fazes voltas, fazes roscas;
Em vez de enchotar o diabo
Parece, que enchotas moscas.

LXXXIII.

A hum velho tolo.

Se he velhice, ou mocidade
Essa tua, naõ atino;
As cãs mostraõ longa idade;
Porém na capacidade
Pareces-me inda menino.

LXXXIV.

A hum que comia muito doce.

Vejo, que em doce comer
Outro nenhum te emparelha:
Eu havia de dizer,
Que tu devias nascer
Naõ de mulher, mas de abelha.

LXXXV.

De que modo morremos.

Por sermos pessoas tontas
A' vida muito applicadas;
Da morte pouco lembradas,
Morremos fazendo contas;
E as mais dellas saõ erradas.

Ao

LXXXVI.

Ao hypocrita.

Sendo em virtudes remiſſo,
Finges ſer dellas theſoiro;
Longe de duvidar niſſo,
Bem creio, que no ſerviço
Do noſſo Deos és hum moiro.

LXXXVII.

Ao preſumido de ſabio.

Por ſabio, e por entendido
Queres-te a todos vender;
Lanças-te niſſo a perder:
Ser de ſabio preſumido
Iſſo meſmo he naõ ſaber.

LXXXVIII.

A hum que ſe naõ queria accommodar a humas partilhas.

Es, como diz muita gente,
Nas partilhas cabeçudo;
Naõ ſei dizer, ſe ella mente;
Mas ſei, que has de certamente
Accommodar-te com tudo.

LXXXIX.

Tal he a vida, qual he a morte.

A noſſa morte ha de ſer,
Qual a vida, que vivemos;
Aſſim naõ poſſo ſoffrer
Temermos-nos de morrer,
E naõ da vida, que temos.

XC.

A hum prudente na eſpeculaçaõ, e neſcio na pratica.

Tens (naõ o poſſo negar)
Habilidade mui alta;
Porém que vem cá buſcar,
Se a tempo de a praticar
A habilidade te falta?

XCI.

Da murmuraçaõ.

Do bom, e máo ſe murmura;
Feliz todo, o que cubiça,
Que quando alguem o cenſura,
Seja por inveja pura,
E naõ por pura juſtiça.

De

XCII.

De Cardoſo Taful.

Cardoſo ao jogo ſe deu;
Mas taõ mal affortunado,
Que além do mais, que era ſeu,
Até o nome perdeu:
Naõ he Cardoſo, he cardado.

XCIII.

Qual ſeja a principal coiſa em virtude motriz.

Vendo, o q̃ hum diz, e outro diz,
Sobre qual he o primeiro
Ente em virtude motriz,
Por experiencia, que fiz,
Alcancei, que era o dinheiro.

XCIV.

Sogra, e nora, amo, e criado

Se alguma peſſoa ignora,
Porque venho taõ paſmado,
Ouvi dizer ainda agora
Huma ſogra bem da nora,
E de ſeu amo hum criado.

Fal-

XCV.

Falla o caõ com o gato.

Gulofo me chamas, gato;
Porque eu as fopas te mamo;
Tu arranhas em teu amo;
E eu com te chamar ingrato,
Tudo, quanto he máo te chamo.

XCVI.

Refpofta do gato.

Mais ingrato he, quem mo diz:
Tu me quizefte trincar;
Porque eu hum dia te quiz
Ir com a maõ ao nariz,
Para haver de te affoar.

XCVII.

Do caõ do cego.

Eu naõ fei, fe alguem repara;
Que o caõ, que o cego governa,
Fóra a outras portas pára;
Mas fe com taverna encara,
Entrou logo na taverna.

XCVIII.

Ao iracundo.

Dize-me, iracundo, quanto
Ganhas em arder em ira?
Nada, aſſim eu ſeja ſanto;
Mas antes te tira tanto,
Que de ti meſmo te tira.

XCIX.

Ao laſcivo.

Intentando cenſurar
Eſſe teu máo proceder;
Tal aſco fui nelle achar,
Que nem me atrevo a fallar,
No que tu ouſas fazer.

C.

A hum máo relogio.

Parece-me, que eſtás perto,
De que aos homens te pareças;
Porque eu tenho deſcuberto,
Que rara vez eſtás certo;
Aſſim ſaõ noſſas cabeças.

CI.

Se a Lua he habitada.

Gente na Lua! duvido,
Que a ſer iſſo verdadeiro,
Já vagabundo eſtrangeiro
Havia ter lá ſubido,
A ver, ſe achava dinheiro.

CII.

Da Fé.

Sendo a ſanta Fé eſcura,
Nos ſeus effeitos o nega;
Porque parece figura
Da luz mais clara, e mais pura,
Que a huns illuſtra, outros cega.

CIII.

Dos que clamaõ por liberdade.

Naõ culpo, quem com juſtiça
Quer huma ampla liberdade;
Mas a maior quantidade,
Que liberdade cubiça,
Tem por juſtiça a vontade.

CIV.

A hum amigo despachado em Juiz de Fóra.

Despachando sem demora
Faze, o que a justiça diz;
E naõ dês tal volta agora,
Que por máo Juiz de Fóra
Fiques fóra de Juiz.

CV.

Do Iman.

Ver ir o ferro a correr
Ao iman por attracçaõ
Dá aos sabios, que fazer;
Mas dá mais, em que entender
Attrahir oiro o ladraõ.

CVI.

Philaucia, ou amor proprio.

Quem, qual Narciso, quer bem
A si, feliz namorado:
Como esse amor, que a si tem,
Delle sahe, e a elle vem,
Nunca póde ser frustrado.

Amor.

CVII.

Amor.

De huns a amarem-me rendidos
Sem me verem, quero o amor;
Porque tem a ſeu favor
Amor, que entra por ouvidos,
Entrar ſempre por louvor.

CVIII.

Qual ſeja o verdadeiro amigo.

Rara amiſade apparece,
E muita ha, que aſſim ſe chama;
Amigo he o que carece
De ter de mim intereſſe,
Nem inda, de que eu o ame.
Se hum meu amigo ſe chama;
E quer, para eu lhe querer;
Amigo naõ póde ſer;
Pois naõ ama a mim; mas ama
Eſſe amor, que lhe hei de ter.

CIX.

Perfeito amigo.

Meu amigo, inda naõ faço,
Quem tem ſó benevolencia;
He ſeu amor muito eſcaço,
Preciſa dar mais hum paſſo,
Chegar á beneficencia.

Naõ faz bem, diz; q̃ he amigo;
Mas longe de o ter por tal,
Antes o reputo igual,
A qualquer meu inimigo,
Que me naõ faça algum mal.

CX.

Naõ he amigo, o que pede coiſas injuſtas.

Tenho amiſade comtigo,
Convidas-me, como tal
Para hum acto criminal;
Vai; que naõ és meu amigo;
Pois me puxas para o mal.

CXI.

Aos Thraces a respeito de Pylades, e Orestes.

Quando, Thraces, propuzestes
Distinguir, qual vos fizera
O furto em vaõ tal fizestes;
Que Pylades era Orestes,
E Orestes Pylades era.

CXII.

Lucro na perda.

Ha casos, em que estou vendo,
Que em perder lucro consigo;
Mas o caso, em que eu entendo
Ter maior lucro perdendo
He, se perco hum falso amigo.

CXIII.

Aos pedintes.

Sempre pedis mais, e mais;
Sois nisto, irmãos, excessivos;
Creio, que vós ignorais,
Que doações universais
Ficaõ nullas entre os vivos.

CXIV.

Se convem ter amigos.

Alguns ſabios recuſavaõ
Ter com alguem amiſade,
Dizendo, que ſe a tomavaõ,
A outro ſe ſujeitavaõ
Com perda da liberdade.
Mas ſe a amiſade faz ſer
Peſſoa, que ama, e he amada,
Huma em outra transformada,
Taõ longe eſtá de a perder,
Que a liberdade he dobrada.

CXV.

A felicidade adquire amigos.

Felicidade hum chuveiro
Traz de amigos, he verdade;
Mas ſe em tanta quantidade
Achares hum verdadeiro,
Eſſa he a felicidade.

CXVI.

De Diogenes.

Era o Cynico excellente
Em abſtinencia; porém
Era pobre juntamente;
E qualquer he abſtinente
De huma coiſa, que naõ tem.
Senaõ tinha, por temer
Os cuidados da opulencia,
Tal modo de proceder
Naõ ſerá; mas moſtra ſer
Mais preguiça, que abſtinencia.

CXVII.

Quem he feliz neſte mundo.

Tanto juizo profundo
A definir o feliz,
O que hum diz, outro deſdiz:
Chamo feliz neſte mundo,
Quem he menos infeliz.

Qual

CXVIII.

Qual ſeja a raiz de todas as noſſas queixas.

Naõ te cances em buſcares
A raiz da diſplicencia,
Da triſteza dos pezares;
Eſcuſas de te cançares;
He a falta de innocencia.

CXIX.

Que naõ póde haver eſquecimento da morte.

Naõ ſei, em que animo eſtea
Ter da morte eſquecimentos,
Por mais obtuſo, que ſeja;
Pois naõ olha, onde naõ veja
Della triſtes inſtrumentos.

CXX.

Naõ entende o Poeta como tenha vida.

Eu pareço vida ter;
Mas naõ tenho, a que he já ida;
Nem tenho, a que inda ha de ſer;
Entaõ naõ poſſo entender,
De que modo eu tenha vida.

CXXI.

He conveniente naõ entender.

Eu nasci sem entender;
Passando tempo entendi,
Para males conhecer;
Melhor fora sempre ser,
Como fui, quando nasci.
Talvez digas, que tambem
Conheço o bem: naõ ha tal;
Porque nem eu, nem alguem,
Que conhecesse, o que he bem,
O trocara pelo mal.

CXXII.

Ao que indo contar huma historia, a interrompe com muitas historias.

Vás huma historia dizer:
Ella me deixa aturdido,
No que mal se póde crer;
E he, que antes de historia ser,
Tem mil historias parido.

CXXIII.

Naõ ſe devem crer do invejoſo nem louvores, nem vituperios.

Em bem, ou em mal julgados
Por invejoſo duvido;
Porque abatendo os honrados
Louva algum, que por peccados
Tem em miſeria cahido.

CXXIV.

A hum mudo.

Deves premiado ſer,
Mudo, por naõ murmurar,
Nem mentir, nem praguejar;
Mas que premio pódes ter,
Senaõ ſabes adular?

CXXV.

A hum rico.

Naõ tenho inveja, ao que tens,
Se eſtaõ inda ſem limites
Appetites, que retens:
Sê tu lá cheio de bens;
E eu vaſio de appetites.

Da

CXXVI.

Da inconſtancia dos bens terreſtres.

Que firmeza hei de eu fazer
Nos bens, por quem fazes votos?
Que conſtancia pódem ter,
Vendo eu montes abater
Por força de terremotos?

CXXVII.

A hum invejoſo.

Sempre dizes mal de mim,
Dizendo outros muitos bens:
Vai fallando mal ſem fim;
Viſto que fallas aſſim
Por inveja, que me tens.

CXXVIII.

A hum impertinente.

Ora naõ ſejas taõ crú:
Queres, que eu favor te faça;
E dás-lhe taõ boa traça,
Que naõ ſei, ſe és peior tú,
Que na orelha huma carraça.

CXXIX.

Do camponez.

Feliz, quem ſó para ſer
Humilde a Deos verdadeiro,
Sabe o joelho torcer;
Ou ajoelha a beber
De bruços no ſeu ribeiro.

CXXX.

A hum máo Barbeiro.

He impoſſivel, que acabes
De ſer Barbeiro infeliz;
Pois vejo, que menos cabes,
Com quem vio em ſi, que ſabes
A tua arte de raiz.

CXXXI.

De huma mulher a hum, que dizia mal das mulheres.

Dizes mal de nós, e já
Daqui por máo te reputo
Por eſſe mal, que em nós ha;
Porque de huma arvore má
Naõ póde naſcer bom fruto.

CXXXIII.

A hum que julgava os homens melhores, que as mulheres.

Julgas o homem por melhor;
E por peior a mulher;
Neſſa parte andas de cór:
O certo he ſer o peior,
Qualquer que mais mal fizer.

CXXXIV.

Do mal, e do bem.

Naõ ſei, que comnoſco tem
O mal, que taõ prompto o vemos,
Como preguiçoſo o bem:
O rizo mais tarde vem;
O choro apenas naſcemos.

CXXXV.

De hum, com os que cortezmente ſe eſcuſavaõ de lhe pagar.

Daquella gente, que dera
Palavra de pagamentos,
E em comprimentos ſe eſmera,
Comprimentos naõ quizera;
Mas quizera cumprimentos.

CXXXVI.

Do tabaco.

Bem do tabaco naõ vem,
Dizem huns á boca cheia;
Mas nenhuma razaõ tem;
Porque elle faz muito bem,
A quem nelle negoceia.

CXXXVII.

De hum Piloto.

Hum Piloto me dizia,
Temendo de me embarcar,
Que nenhum risco corria;
Eu lhe disse, que só cria
Dizendo-mo o mesmo mar.

CXXXVIII.

Caso.

Encarecendo hum o estudo
De outro, que muito sabia,
Disse, que pegava em tudo;
Respondeo outro: Bem rudo
He, quem delle a bolsa fia.

CXXXIX.

Da honra.

Peſſoa, que he nobre, e rica,
Se honra naõ dá, que dará?
Maior mofineza implica;
Pois naõ dá, o que lhe fica;
Que a honra he de quem a dá.

CXL.

Chama para a oraçaõ.

Sem fallar com Deos naõ andes
Buſcando por ſocios teus,
Os que tem brazões por ſeus;
Se queres fallar com grandes,
Ninguem mais grande, que Deos.

CXLI.

Dos que rezaõ, e converſaõ juntamente.

Hum reza, e em converſa eſtá;
Com tudo eu naõ decidira,
Se alli circunſpecçaõ ha;
Pois naõ ſei, ſe Deos lha dá,
Ou, ſe o demonio lha tira.

Da

CXLII.

Da veneraçaõ a Deos.

Faltando á veneraçaõ
Externa, fazes-te reo;
Mas vê, que o Senhor do Ceo
Quer mais o teu coraçaõ,
Do que quer o teu chapéo.

CXLIII.

A hum Poeta bebado.

Em fazer versos com arte
Dizem, que ha, quem te desmonte;
E eu posto da tua parte
Naõ cesso de compararte
Com Horacio, e Anacreonte.

CXLIV.

A hum corcovado.

Zomba de ti muita gente,
E naõ a fazes em postas,
Sendo hum homem taõ valente,
Que, como quem o naõ sente,
Trazes hum oiteiro ás costas.

Por-

CXLV.

Porque razaõ os tolos ſaõ taõ amigos de caſar.

Se algum me vem perguntar,
Porque o falto de miolo,
O que he tolo, o que he alvar,
Morre tanto por caſar?
Reſpondo, que por ſer tolo.

CXLVI.

Ao Filoſofo Protagoras tomando por vingança de hum inimigo o caſar huma filha com elle.

Foſte dar ao inimigo
A filha para caſar;
Porque naõ pudeſte achar
Outro mais cruel caſtigo,
Para haver de te vingar.

Se ſaudoſo ficaſte
Da que elle quiz para ſi,
Se achou dote, e graça alli,
Duvido, ſe te vingaſte
Tu delle, ou ſe elle de ti.

CXLVII.

Conſelho ao homem para caſar.

Procuras mulher perfeita ;
Porém onde ſe achará ;
He fazenda, que naõ ha :
Indaga , examina ; e acceita
A que achares menos má.

CXLVIII.

Conſelho á mulher para naõ caſar mal.

Procuras homem perfeito :
Procurallo deſſe gráo
He ſemear em calháo ;
Nunca o terás ſem defeito ;
Toma , o que for menos máo.

CXLIX.

Ao velhaco.

Sabes , velhaco , porque eu
Ando comtigo de banda ,
Sem te querer ſocio meu ?
Nunca vi contrato teu ,
Que naõ acabe em demanda.

CL.

Ao máo pagador.

Darte-ha ſó, quem tolo for,
Seus dinheiros empreſtados;
Porque ſendo elle credor,
Tu o fazes pagador
De Eſcrivães, e de Letrados.

CLI.

A huma mulher chocalheira.

Poem-te, mulher porta fóra;
Já que és chocalheira aſſim;
Que eu ouço de outros agora,
E vejo, que ha de vir hora,
Em que outros ouçaõ de mim.

CLII.

A huma mulher rixoſa, ou bulhenta.

O poſto, que Pallas tinha,
Queres ter em lugar della;
Mas acho, que te convinha
Ter antes em huma vinha
O lugar de taraméla.

CLIII.

Ao teimoſo.

Talvez eſtás temeroſo ,
De que algum mal de ti digo :
Sou , como tu , criminoſo ;
Porque eu tambem ſou teimoſo ;
Mas em naõ teimar comtigo.

CLIV.

Da recta razaõ.

A recta razaõ preſida
A qualquer humana acçaõ ;
O ponto he ſer conhecida ;
Que muita razaõ torcida ,
Parece recta razaõ.

CLV.

Dos impios.

Os que do máo ſe cativaõ ,
Abraçaõ a falſidade ;
Poſto que letras cultivaõ ,
Para que á vontade vivaõ ,
Entendem pela vontade.

Da

CLVI.

Da indignaçaõ tomada em ſentido filoſofico.

Affecto de indignaçaõ
Teve a ſua integridade,
Lá entre a gentilidade;
Mas entre o povo Chriſtaõ
Naõ tem ſenaõ ametade.

CLVII.

Das letras, em quem tem máo coraçaõ.

Crês, que he a força em ladraõ
O dom mais mal empregado?
Oh como vás enganado!
Mais mal empregadas ſaõ
As letras em hum malvado.

CLVIII.

Da riqueza, e pobreza.

Tem a riqueza artificio,
Que faz, que tudo ſe mude;
Tem pobreza o meſmo officio;
No pobre a virtude he vicio;
No rico o vicio he virtude.

Do

CLIX.

Do invejoſo.

O rapaz por deſenfado
Goſta de aſſanhar hum gozo ;
Tambem eu por bem prendado,
Goſtarei ver aſſanhado
Contra mim hum invejoſo.

CLX.

Do ladraõ.

Juſtiça he pura intençaõ
De a cada qual o ſeu dar;
Porém todo, o que he ladraõ,
Inverte a definiçaõ ;
E em vez de *dar* poem *tirar*.

CLXI.

Queixa da vontade ao entendimento.

Ah perverſo entendimento !
Sou cega por natural ;
Tu és meu moço ; maſ tal,
Que me lanças fraudulento
Nos precipicios do mal.

Reſ-

CLXII.

Reſpoſta do entendimento.

Até moſtras a cegueira
Neſſa queixa, que proferes;
Tu tens liberdade inteira;
Se cahes na ribanceira,
Cahes meſmo, porque queres.

CLXIII.

Do ambicioſo, e do avarento.

Segue o ambicioſo o rumo
De ſer grande cavalheiro;
Porém o avaro onzeneiro
Deixa aquelle caçar fumo,
E vai caçando dinheiro.

LIVRO III.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

LEitor, aviſar-te quiz,
Que naõ leias mais, ſe és falto
De penetraçaõ feliz;
Que muitas coiſas ſubtis
Haõ de paſſar-te por alto.
Mas pouco ſubtil ſou eu
Em te dar hum tal aviſo;
Porque no conceito teu
Inda ninguem te excedeo
Em ſubtileza, e juizo.

II.

Ao que ſendo pobre ſe jacta de illuſtres aſcendentes.

Se és pobre naõ faças vida
De dizer, que tens noventa
Avós de gente luzida,
Trata de buſcar comida,
Que o fumo naõ te ſuſtenta.

III.

Ao oiro.

Tinhas, oiro, o teu aſſento
Lá nas entranhas da terra;
Com quem gaſta, eſtás violento;
Dás-te bem com o avarento;
Porque eſte outra vez te enterra.

IV.

Do murmurador.

A pena do detractor
Era, que com mel untado
Se foſſe ao ſol expor,
Para com todo o rigor
Ser pelas beſpas picado:
Se eſta pena taõ cruel
Foſſe no tempo preſente
Dada a todo o maldizente,
Donde havia de vir mel,
Para ſe untar tanta gente?

V.

Do perjuro.

Cortou-ſe a lingua algum dia,
A quem em tom de ſizudo
Hia jurar, e mentia;
Se agora tal pena havia,
Haveria muito mudo.

VI.

A Ptolomeu Rei do Egypto, chamado o Parricida.

O' malvado Ptolomeu,
Chamaraõ-te Parricida;
Mas naõ to chamarei eu,
Que naõ creio, que ta deu
Eſſe, a quem tiraſte a vida.

VII.

Da liberdade.

Naõ he juſto, que ſe toque
Na liberdade, que he pura
Sem lei, ſem rei, e ſem roque;
Mas receio, ſe equivoque
Liberdade com ſoltura.

Do

VIII.

Do máo, que ſe queixa de lhe naõ fazerem juſtiça.

Oh naõ me fazem juſtiça!
Hum homem máo encarece:
Pois de juſtiça carece,
Lance-ſe fóra a preguiça,
Faça-ſe-lhe, a que merece.

IX.

A hum gago.

Como em huma ſó dicçaõ
Encalhas deſſa maneira
Em a ſyllaba primeira;
Vou-me; e em tendo occaſiaõ
Te ouvirei a derradeira.

X.

A hum velho com dentes poſtiços.

Dá-te oitenta annos de idade
A turba dos maldizentes;
Para provar mocidade,
Pódes dizer com verdade,
Que ha pouco mudaſte os dentes.

A

XI.

A hum que temia os eclipſes.

Se vês o ſol eclipſado,
Grande medo te traſpaſſa:
Eu, que ſou mais animado,
Fico tambem aſſombrado,
Se nuvem por elle paſſa.

XII.

Ironia a hum, que temia os comettas.

Naõ temas, o que he crinito,
Nem o cometta barbado;
O caudato he ſem deliᴏto;
Teme o falcato maldito,
Qual morte, de foice armado.

XIII.

Conſelho.

Se huma criada inclinar
Para algum máo proceder,
Naõ a queiras no teu lar;
Que mal ſe póde guardar,
Quem morre, por ſe perder.

Da

XIV.

Da mulher feia.

Erra, quem honeſta, e pura
Toda, a que for feia crê;
Talvez ha, quem a procura;
Que ás vezes a formoſura
Vem dos olhos, de quem vê.

XV.

Fundamento para ſuſpeitar.

Se hum vê, que anda mal direita
A mulher com eſte, e aquelle,
E moſtra, que naõ ſuſpeita;
Por bom homem ſe ſujeita,
A que ſuſpeitem mal delle.

XVI.

Quem ſeja rico.

Quem muita fazenda tem,
Naõ he peſſoa opulenta,
Se deſeja maior bem;
Que ſómente he rico, quem
Com o que tem ſe contenta.

XVII.

Empobrece, quem injuſtamente toma poſſe do alheio.

Quem tem por injuſto meio,
O que he de outro, empobreceo;
Porque naõ o enriqueceo
O alheio por alheio;
E faz-lhe perder o ſeu.

XVIII.

Da parcimonia.

A parcimonia convem,
Para ajuntar cabedal;
Mas no avaro he ella tal,
Que em lugar de ajuntar bem
Ajunta fome, que he mal.

XIX.

A hum que começando muitas obras nenhuma acabava.

Fim nunca coſtumas dar;
Só principias: aſſim
Ninguem te póde culpar
De falta de trabalhar;
Porque trabalhas ſem fim.

Senaõ he, que na verdade
A's tuas obras de preço
Dás normas de qualidade,
Que por tua habilidade
O ſeu fim he o comêço.

XX.

Que ſe naõ deve dar preſente a ava-rento, nem acceitar-lho.

Dado, que eu dê hum milhaõ
Ao avarento maldito,
Achará pouca porçaõ;
Se me der meio toſtaõ,
Cuida, que dá infinito.

Nada o meu muito agradece;
E quer, que eu muito agradeça
O nada, que me offerece:
Para negocio, como eſſe,
Tenho muito má cabeça.

Os ſete Epigrammas, que ſe ſeguem, tem por objecto ſentenças dos ſete Sabios de Grecia.

XXI.

Cleobúlo diſſe : Modum ſerva. *Iſto he, guarda meio.*

Cleobúlo conveio
Em eu o meio guardar:
Diz muito bem: eu o creio:
Aſſim elle déſſe meio,
Para eu eſſe meio achar.

XXII.

Pithaco diſſe : Ne quid nimis. *Iſto he, naõ haja exceſſo.*

Rigores pedem rigores:
O que o Sabio diz convinha,
Se meteſſe a machadinha
Na cabeça a falladores,
Que me vem quebrar a minha.

XXIII.

Periandro disse : Iram rege. *Isto he , rege a ira.*

Periandro nos avisa
A reger a ira atroz :
Quer por-lhe certa ballisa :
De ira ás vezes se precisa ;
E mais de nós para nós.

XXIV.

Solon disse : Respice finem. *Isto he , olha para o fim.*

Solon manda , que attendamos
Para o fim ; e eu bem quizera ,
Que com seu conselho vamos ;
Pois , se no fim naõ cuidamos ,
Muito máo fim nos espera.

XXV.

Bias disse : Plures mali. *Isto he , os máos saõ muitos.*

Ha muitos máos , disse Bias :
E tantas pessoas más
Resistem ás que saõ pias ;
Levaõ lucros , e honrarias ;
E os bons ficaõ para traz.

Thales disse: Noli spondere. *Isto he, naõ promettas.*

Thales diz, que naõ promettas;
E só em prometter sonha
O caloteiro; e dá petas;
E faz, que em perdas te metas;
E elle só perde a vergonha.

XXVII.

Chilon disse: Nosce te ipsum. *Isto he, conhece-te.*

Chilon diz, que te conheças;
Tal sentença desprezada
Faz, que tu te ensoberbeças,
Que hum numen a ti pareças,
Sendo pouco mais de nada.

XXVIII.

Do que lê sem reflexaõ.

O que lê, e naõ se applica:
Nada, do que tenho lido,
Me fica, diz mui sentido;
E diz bem; que nem lhe fica
O tempo que tem perdido.

XXIX.

Do mal, que ſe diz das mulheres.

Das mulheres eſcarneiaõ
Muitos: nunca iſto ſe acaba:
Eſpero, ſe huma ſe gaba,
Que mil diabos ſe nomeiaõ,
Naõ ſe nomeia huma *diaba*.

XXX.

A' calma.

Calma, neſte mez de Agoſto
Naõ eſtou comprimenteiro;
Se tu queres ter o goſto
De me veres com bom roſto,
Vem em Dezembro, e Janeiro.

XXXI.

Dos penſamentos.

Que confuſaõ, que miſtura!
Se ſe meditaſſe bem
Nos penſamentos, que vem
Taõ viſinhos á loucura,
Dava em louco, quem os tem.

XXXII.

Do naõ cuidei.

Quando algum me perguntar,
Que coiſa no mundo ſei,
Que mais quedas faça dar,
E as mais dellas de matar,
Reſpondo, que o naõ cuidei.

XXXIII.

Nem quem muito falla, nem quem muito cala.

Nunca quiz, quem muito cala,
Nem quem muito falla quiz,
Que entraſſe na minha ſalla:
He tolo, quem tudo falla;
He tolo, quem nada diz.

XXXIV.

A hum covarde, que ſe jactava muito de valente.

Que muito, que de repente
Mate o baſiliſco olhando,
Se nós te temos preſente,
Que fallando matas gente,
E ſó a matas fallando.

XXXV.

A hum que ſe queixava de dizerem muito mal delle.

Inda que ſejas hum ſanto,
Será muito natural
O dizerem de ti mal;
Porém o dizerem tanto
Naõ he muito bom ſinal.

XXXVI.

A hum neſcio muito amigo de diſputar.

Diſputa; mas em queſtaõ,
Que te naõ ſeja nociva,
Como, ſe és tu neſcio, ou naõ;
Que todos neſta eſtaráõ
Pela parte affirmativa.

XXXVII.

Do velho fallador.

Vendo hum velho impertinente
Em fallar, eſtou paſmado;
Porque errou deſde innocente,
E naõ ſe dá por contente
Do muito que tem errado.

A

XXXVIII.

A hum que fallava comſigo.

Cenſura-te alguma gente;
Porque tu fallas comtigo;
Eſſa acçaõ he de prudente;
Tenha-a todo o impertinente,
Que houver de fallar comigo.

XXXIX.

A' temperança.

Haja poder, que limite
Noſſas vontades taõ más:
Oh temperança! onde eſtás?
Deſterrou-te o appetite
Com deſtemperos, que faz.

XL.

Se ha Centaurós.

Quem os Centauros negar,
Carece de engenho, e arte,
Antes no ſeu opinar,
Depois de os ver, e tratar,
Parece Centauro em parte.

XLI.

De hum banquete de Nero.

De linguas de pavaõ deo
Nero hun banquete : os prudentes
Dizem , que a norma perdeo ;
Porque taes linguas cozeo ,
Naõ linguas de maldizentes.

XLII.

Do pintor Zeuzis.

Dizm , que Zeuzis pintou
Uva tõ formoſa , e bella ,
Que s aves hiaõ a ella :
Poucoenganou , ſe enganou
Pardas de boca amarella.

XLIII.

Qua Poeſia naõ he arte liberal.

Sei razaõ fundamental
A Peſia , inda que honrada ,
Libel arte he chamada ;
Naõie arte liberal
Humarte , que naõ dá nada.

Por-

XLIV.

Porque razaõ as mulheres ſaõ mais vexadas do demonio, que os homens.

O motivo ſaber queres,
Porque os démos as arraſaõ
Mais; e a nós menos contraſtaõ;
He, que ſabem, que as mulheres
Para nos vexarem baſtaõ.

XLV.

De huma mulher, ouvindo lêr o precedente Epigramma.

Ouvindo certa peſſoa
Noſſa jocoſa lembrança,
Tambem diſſe em tom de cança,
Que o demonio nos perdoa
Em razaõ da ſimilhança.

XLVI.

Admoeſtaçaõ.

Homem anda acautelado;
Naõ queiras a ti mentir,
Chegando-te a perſuadir,
Que he breve o tempo paſſ:o,
E que he longo, o que ha a vir.

XLVII.

De Simaõ cahido em pobreza.

Bem dó tenho de Simaõ,
Que teve, e eſtá exhaurido;
E além, do que tem perdido,
Convertendo-ſe em papaõ
Tudo delle tem fugido.

XLVIII.

Da palavra percevejo.

B por V devia ter
O nome de percevejo:
Já que elle com ſeu morder
Tanto ſe faz perceber,
Chamemos-lhe percebejo.

XLIX.

Que naõ ha deos do ſomno, mas ſim diabos delle.

Fez a Morpheo gente ruim
Por deos do ſomno feſtejos;
Naõ ha tal deos, quanto a mim;
Diabos do ſomno iſſo ſim;
Saõ pulgas, e percevejos.

Deſ-

XL.

Desprezo das riquezas.

Naõ sigo as riquezas bellas;
Pois vejo gente sem fim
Ir correndo atraz daquellas;
E se eu correr atraz dellas,
Correráõ atraz de mim.

L.

Aos ambiciosos.

Homens, que buscais respeito
Em lugares levantados,
Cuidais, que correis direitos
Atraz de muitos proveitos,
Correis atraz de cuidados.

LI.

Aos mesmos.

Para ver se governais
Tomais hum trabalho atroz;
Aqui vos mortificais:
Como haveis cuidar nos mais,
Se cuidais taõ mal em vós?

LII.

Ao avarento.

Sempre, avaro, a cahir vens
No mal, que te ſobreſalta,
Que he a perda dos teus bens;
Temes faltar-te, o que tens;
E na verdade te falta.

LIII.

Modo de viver.

O ſaber tem ſeu lugar;
Mas hum juizo profundo
Finge-ſe ás vezes alvar:
Naõ ſe póde bem paſſar
De outro modo neſte mundo.

LIV.

Ao prodigo.

Es muito largo em gaſtar,
Eſperando, o que naõ vem;
Por iſſo o teu eſperar
Faz muitos deſeſperar;
Pois naõ pagas a ninguem.

Ao

LV.

Ao filho de hum avarento.

Depois de livre ſe ver
O dinheiro encarcerado,
Que foi dar a teu poder,
Bem moſtra no ſeu correr,
Que eſteve antes reprezado.

LVI.

A hum perdulario.

Que maõ tens, que naõ conſente
Reter coiſa de valia:
A maõ eſcorregadia
Em vez de pelle de gente
Moſtra ter pelle de enguia.

LVII.

A Artemiſia ſobre o alto ſepulchro, que erigio a ſeu marido Mauſolo.

Sepulchro de grande altura,
Artemiſia, he huma empreza,
Que debalde ſe procura;
Porque em ſendo ſepultura
Por força dá em baixeza.

Aos

LVIII.

Aos que mandaõ gravar inſcripções na pedra da ſepultura.

Quem ſeu nome faz gravar
Na pedra da ſepultura,
Quer em memoria ficar:
Faça antes por ſe eſtampar
Em papel, que he de mais dura.

LIX.

A Alexandre Magno erigindo ao ſeu cavallo Bucephalo hum tumulo.

Quando Alexandre fez pôr
Ao cavallo por privança
Hum tumulo de primor,
Bem moſtrou, que aquelle amor
Naſcia da ſimilhança.

LX.

Da adoraçaõ q̃ davaõ aos Imperadores.

Adorou povo maldito
Imperadores polutos;
Como deoſes abſolutos;
Seriaõ deoſes do Egypto,
Onde adoravaõ os brutos.

LXI.

De Diogenes.

Diogenes persuade,
Que tudo he vaõ, e sem pezo;
Mas á vaidade andou prezo;
Desprezava por vaidade;
Porque prezava o desprezo.

LXII.

Dos que disputaõ entre si sobre a nobreza hereditaria, ou adquirida.

Hum diz: Eu sou bem nascido;
Outro: Eu brilho por soldado;
Outro: Eu lustro por letrado;
Cada qual toma partido,
Para ser mais nobre, e honrado.
Naõ sou daqui, nem dalli;
Porém, quem cortar direito,
Terá por maior sujeito
Homem, que se fez a si,
Que aquelle, que outro tem feito.

LXIII.

A's pyramides, que eraõ ſepulturas dos Reis do Egypto, e huma das ſete maravilhas do mundo.

Alguns por voſſa grandeza
Maravilha vos diráõ;
Eu cá por outra razaõ,
Que he ver em vós tal deſpeza,
Para guardar podridaõ.

LXIV.

A' caveira de Alexandre Magno.

Que he do meditar profundo
Em tantas honras, e emprezas,
Em grandezas ſem ſegundo?
Que grandezas as do mundo,
Se eſſe he o fim das grandezas!

LXV.

Dos meditabundos inuteis:

Medita gente infinita,
Sem que comece, ou acabe
Obra alguma, que ſe gabe:
Eu naõ ſei, o que medita;
E creio, que ella o naõ ſabe.

LXVI.

A' Andorinha.

Andorinha, naõ me encantas
Fazendo muſica tal;
As tuas girias ſaõ tantas,
Que no tempo bom me cantas;
No máo foges; máo ſinal.

LXVII.

A hum máo Pintor.

Ouço de ti murmurar
Os Pintores em commum:
Póde-los deſafiar,
Que vaõ hum monſtro pintar,
A ver, ſe te ganha algum.

LXVIII.

A hum máo Cozinheiro.

Dizem, que és máo: eu aſſento,
Que és Cozinheiro de brio
Para qualquer avarento;
Porque fazes alimento,
Que a todos mete faſtio.

Da

LXIX.

Da Prudencia.

Se pelo bom natural
Da Prudencia nos convem
Andarmos atraz do bem,
E darmos coſtas ao mal,
Bem poucos prudencia tem.

LXX.

Da Aurora.

Homero diſſe, que tem
A Aurora dedos de roſas;
Mas ninguem niſto convem;
Que a Aurora naõ cheira bem
A criadas preguiçoſas.

LXXI.

Da mulher tola.

A tola mal naõ fará;
Porque a ſua patetice
A tanto naõ chegará;
Mas traz o mal feito já;
Que he grande mal a tolice.

LXXII.

Dos avarentos em ensinar.

Como besta se conduz
Gente de sciencia rica,
Que a ninguem a communica,
Sendo o saber, como a luz,
Que se dá, e sempre fica.

LXXIII.

Dá a razaõ, porque as mãis tem mais amor aos filhos pequenos, que aos adultos.

Tem as mãis melhor vontade
A filhos na meninice;
Que estes pela pouca idade
Mostraõ nellas mocidade;
E os mais adultos velhice.

LXXIV.

Ao q̃ diz, q̃ vê a agua debaixo da terra.

Dizes ver o nascimento
Da agua, onde naõ he patente;
Eu faço maior portento,
Que vejo o teu pensamento,
E vejo, que elle, que mente.

LXXV.

Epitafio a huma mosca, que morreo, cabindo em hũa chicara de chocolate.

Huma mosca jaz no fundo
Desta triste sepultura,
Que procurando doçura,
Pelo costume do mundo
Achou pessima amargura.

LXXVI.

Da linguagem, q̃ o Poeta deseja saber.

Queira Tianeo aprender,
O que as aves, e macacos
Querem guinchando dizer;
Que eu mais desejo entender
A linguagem dos velhacos.

LXXVII.

A huma formosa.

Porque a amor muitos obrigas,
Andas de vaidade cheia;
Mas he menino, e perigas
De te morrer de bexigas,
Se ellas te fizerem feia.

LXXVIII.

A hum que se jactava de valente.

Das forças, que tens comtigo
Te pódes jactar á larga;
Que em nada te contradigo;
Antes, onde chego, digo,
Que és muito bom para carga.

LXXIX.

Da preversaõ de costumes.

Donde vem tal desatino,
Tanta culpa, tanto réo?
Quer antes povo mofino
Estar metido n'um sino,
Do que metido no Ceo.

LXXX.

A Miaro.

Vás mil insultos fazendo;
E quando eu alguma vez
Dos erros te reprehendo,
Acodes logo dizendo:
Eu sou, como Deos me fez.

No

No que toca a Deos me calo;
Que elle tudo faz bem feito;
Quando te noto o defeito,
Lá no que Deos fez, naõ fallo;
Mas fallo, no que tens feito.

LXXXI.

A Adolesco.

Lendo a livros tiro o pó:
Vens-me eſtorvar ſuſurrando;
Porque dizes, que tens dó
De me ver eſtar taõ ſó;
Mais ſó fico em tu chegando.

LXXXII.

A hum uſurario.

Por uſurario affamado
Es mil vezes reprehendido,
Dizes: Levo,. o que me he dado;
Mas nunca tens declarado,
Que levas, o que he devido.

LXXXIII.

Dos pedintes.

Se alguem pobres examina,
Dos que á porta vem carpir,
Achará tanta ruina,
Que os mais delles da doutrina
Só ſabem o bem pedir.

LXXXIV.

Dos meſmos.

Infinitos encoſtados
Vejo em moletas andar,
Que ſaõ pelos ſeus peccados
Para pedir aleijados,
E bem sãos para acceitar.

LXXXV.

A' lingua de Santo Antonio.

Lingua, que foſte vivendo
De milagres pregoeira,
Já morta eſtás hum dizendo,
Que o Senhor eſtá fazendo
Em te conſervar inteira.

Qual

LXXXVI.

Qual seja o maior gosto do avarento.

O maior gosto, que logra
Hum avaro, he, quando alcança
Como bemaventurança
O morrer-lhe sua sogra,
E deixar-lhe grande herança.

LXXXVII.

Dos sabichões do tempo.

Nenhuma razaõ alcanço,
Para andar empanturrada
Esta gente illuminada:
Dizem, que os velhos tem ranço;
E elles menos; que tem nada.

LXXXVIII.

A hum ladraõ, que furtou de casa ao Poeta huma caixa de prata.

Naõ vejo, com que razaõ
De mim essa caixa affastes,
Vendo tu, que ainda naõ
He Natal, nem Saõ Joaõ,
Para se mudarem trastes.

LXXXIX.

A hum que foi prezo em caſa de huma embuſteira, onde ſe benzia.

Indo benzer-ſe Agoſtinho
A caſa de huma embuſteira,
Levando-o prezo o Meirinho,
Hia-ſe pelo caminho
Benzendo da benzedeira.
Por quantas ruas elle hia,
Officiaes, e aprendizes,
Com outra gente dizia,
Que cuidou, que ſe benzia,
E que quebrou os narizes.

XC.

A hum que affectava imitar os Inglezes em tudo, e por tudo.

Meteo-ſe-te no miolo
Imitar em tudo o Inglez;
Mas por mais voltas, que dês,
Sempre tu ficas hum tolo
Em muito bom portuguez.

Que

XCI.

Que o Poeta naõ eſtranha ouvir conversações inſulſas.

Todos pódem deſtemidos
Frioleiras proferir;
Que eu naõ as poſſo ſentir;
Porque já trago os ouvidos
Calejados de as ouvir.

XCII.

Da droga chamada rapaõ.

Inventou para o veraõ
Droga arraiada o eſtrangeiro,
A qual com muita razaõ
Tem o nome de rapaõ;
Porque nos rapa o dinheiro.

XCIII

Da cauſa de muitos erros.

Tanto neſcio, tanto inſano!
Donde vem tal deſatino?
Tudo naſce de hum engano,
Que he pelo poder humano
Medir o poder Divino.

XCIV.

A hum demandiſta.

Creio, que tens pouco ſizo;
Talvez niſto naõ convens;
Poderás ter outros bens;
Mas tanta vez a juizo
He ſinal, de que o naõ tens.

XCV.

Da averſaõ do Poeta a mulheres tolas.

Mulher tola me intimida;
Pois me tenta a deſcompolla:
Antes fummo de cebola
Nos meus olhos eſprimida,
Do que aturar mulher tola.

XCVI.

Que o juizo nem ſempre he acto do entendimento.

Julga com o entendimento
Gente de outra qualidade;
E ſó tem habilidade
O Juiz, que he avarento
De julgar com a vontade.

A

XCVII.

A hum máo Poeta.

Fizeste a Saõ Pedro hum Canto,
Que te sahio por pateta
Obra taõ pouco discreta,
Que só poderia o Santo
Aturar taõ máo Poeta.

XCVIII.

De Democrito tirando os olhos para melhor filosofar.

Democrito se privou
Dos olhos; e parecia,
Que sem vista ficaria;
Porém tanto a accrescentou,
Que até os atomos via.

XCIX.

A hum que dormia muito.

Nos sete Dormentes ha
Pessoas bem pouco crentes;
Mas do somno, que te dá,
Fico crendo nelles já;
E que foraõ teus parentes.

C.

A acçaõ de Julio Cesar, quando cahindo para morrer traspassado com vinte e tres punhaladas, acodio a compor a toga, para que naõ cabisse descomposto.

A vida em tal crueldade
Naõ foi de todo perdida:
Cesar teve habilidade
De salvar a honestidade,
Da qual tinha feito vida.

CI.

A Lucrecia pertendendo matar-se.

Lucrecia, porque maldade
Em perder a vida tratas?
Cuidas morta a castidade?
Olha, que isso he falsidade;
Agora he, que tu a matas.

CII.

Ao que naõ póde fallar em publico ſem vergonha.

Se em publico has de fallar,
As palavras ſe te ſomem :
Naõ ſei, porque ſe conſomem ;
Se he, porque temes errar,
Teme tambem de ſer homem.

CIII.

Do eſcaravelho.

He muito de reparar
Neſte bruto pela ſua
Natureza naõ commua,
Que para ſe adiantar
Nas ſuas obras, recua.

CIV.

Meditaçaõ do Poeta junto a hum grande monte de caveiras.

Que penſamentos, que aſſumptos
Em ſer peſſoas primeiras
Por ſabias, e por guerreiras,
Teriaõ eſtes defuntos ?
Tudo parou em caveiras.

CV.

Aos que fallaõ na Igreja.

Foraõ no Templo açoitados
Vendilhões, que alli fallavaõ
Menos, do que vós, culpados,
Que fallais por mal criados;
E elles, pelo que ganhavaõ.
Pelo que ahi converſais,
Fazeis de huma Igreja praça,
E naõ pelo que lucrais;
Que vós de graça fallais;
Porém eu naõ lhe acho graça.

CVI.

Porque ſe chama ao ſoberbo inchado.

Chamas o ſoberbo inchado;
Naõ ſei, com que fundamento;
Porém cá me tem lembrado,
Que por ſer elle achacado
De hydropeſia de vento.

CVII.

Ao que tem vaidade pelas honras dos ſeus antepaſſados.

Achas vergonha trazer
Os veſtidos empreſtados;
Tambem a devias ter
De virem-te engrandecer
Empreſtimos dos paſſados.

CVIII.

Que devemos ſubir por merecimentos proprios, e naõ por interceſſaõ alheia.

Quem de humas terreas, e razas
Tem tomado por conſelho
Subir a mais altas cazas,
Convem, que ſuba com azas,
Naõ ſuba por aparelho.

CIX.

Conſelho para bem mandar.

Eu ſempre vacilar vi,
O que manda outros mortais:
Quem entrar em mandos taes,
Saiba mandar bem a ſi,
Saberá mandar os mais.

CX.

Da natureza de alguns bobos.

Huns, que a bobo andaõ metidos
Com ſeu ar de liſongeiros,
Saõ tolos porém fingidos,
Para que dos entendidos
Façaõ tolos verdadeiros.

CXI.

Da manſidaõ.

Naõ te deixes enganar
De exceſſivas manſidões:
Os que ſem já mais ſe irar,
Bom, e máo deixaõ paſſar,
Naõ ſaõ manſos, ſaõ poltrões.

CXII.

De Julio Ceſar, irando-ſe contra hum trovaõ.

Contra hum trovaõ ſe indignou
Ceſar muito agoniado;
Em tanto o trovaõ ceſſou;
E talvez elle cuidou,
Que ceſſou de envergonhado.

Do

CXIII.

Do murmurador.

Se me cenſurar alguem,
Eu terei por grande dita
Ser tal a teima, que tem,
Que de nada diga bem;
Que aſſim ninguem o acredita.

CXIV.

A hum, a quem mordeo hum caõ na barriga da perna.

Buſcou-te o malvado caõ
Pela parte poſterior;
Porém tem conſolaçaõ,
Que ficou eſſe vilaõ
Com infamia de traidor.

CXV.

A hum bobo, q̃ Tiberio mandou matar.

Todo o povo imaginou,
Que tu eras engraçado;
Mas ficou deſenganado,
Quando Tiberio moſtrou,
Que tu eras deſgraçado.

CXVI.

A hum tolo presumido de engraçado.

Tu ficas muito contente
Vendo, que tudo se ri
Quando fallas imprudente;
Mas ri-se toda essa gente,
Naõ das graças, mas de ti.

CXVII.

Ao desenvergonhado.

Como o teu rosto inda naõ
Foi com vergonha encarnado,
Chamaõ-te alguns descorado;
Mas eu com maior razaõ
Te chamara descarado.

CXVIII.

Do esforço, e covardia.

Por huma coisa excellente
Se reputa a valentia;
Mas eu vejo cada dia,
Que apanha, quem he valente,
Livra, quem tem covardia.

Ao

CXIX.

Ao affrontado.

Envergonhado appareces
De obrares contra direito;
Muita compaixaõ mereces
Por esse mal, que padeces;
Mas mais pelo que tens feito.

CXX.

Ao propriamente vergonhoso, isto he, o que teme o descredito se obrar mal.

He a vergonha terror;
Porém nessa covardia
Tens o teu maior valor;
Porque do mesmo temor
Te nascerá valentia.

CXXI.

Côr da virtude.

Haverá gente letrada,
Que nenhuma côr supponha
Na virtude: vai errada;
Que ella tem côr encarnada;
Que esta he a côr da vergonha.

CXXII.

A hum anonymo.

Se he immortal, ou mortal
Da nossa alma a natureza;
Perguntas talvez por mal:
Eu naõ sei, se he immortal;
E tenho, de que o he, certeza.
Digo-te a pura verdade;
Parece-te inconsequencia;
Naõ verás contrariedade
Sabendo a diversidade,
Que ha entre fé, e sciencia.

CXXIII.

Do adulador, e contraditor.

Beija-me hum adulador;
Morde-me outro, que se apura
Em ser meu contraditor;
Naõ sei, qual faz maior dôr,
Se o beijo, se a mordedura.

CXXIV.

Do louvor, e vituperio.

Se o merito predomina,
Naõ me parece homem ſério,
O que o louvor abomina;
Mas ſe o vituperio enſina,
Amo mais o vituperio.

CXXV.

Metamorfoſe do adulador.

Converte o adulador
Em Hercules, o que he fraco,
Hum jumento em hum doutor,
Hum peralvilho em ſenhor;
E a ſi converte em macaco.

CXXVI.

Ao contraditor.

Es todo contradiçaõ;
Mas has de convir em fim,
No que eu tiver na tençaõ;
Quero o teu ſim, direi naõ,
Quero o teu naõ, direi ſim.

CXXVII.

Ao meſmo.

Inda que tu te arrenegues,
Que és ſombra, e naõ homem, digo:
Vê-ſe, por mais que tu negues;
Pois, ſe eu te fujo me ſegues;
E foges-me, ſe eu te ſigo.

CXXVIII.

Concordancia entre o adulador, e contraditor.

Convem hum adulador
Em tudo; e em nada convem,
Quem dá em contraditor:
Ora, quem ha de ſuppor,
Que elles ſimilhança tem?
Pois eſta contrariedade
Em huma coiſa conſpira;
Fazem á ſua vontade
Da mentira huma verdade,
Da verdade huma mentira.

CXXIX.

Ao Sofista.

Tu presumes de talento;
Mas se he a pura verdade
Objecto do entendimento,
Naõ o tens, que o teu intento
He achar a falsidade.

CXXX.

De Favorino.

Louvou Favorino a febre
En elegante escritura;
Teve com ella ventura,
Que em paga, de que a celébre,
O pregou na sepultura.

CXXXI.

Da affabilidade.

Se qualquer me perguntar
Qual he da affabilidade
A maior habilidade?
Respondo, que he agradar
Fallando sempre a verdade.

CXXXII.

De Anaxagoras.

Ser negra a neve, affirmava
Anaxagoras; e naõ
O culpo: foi illuſaõ;
Via mal, que lhe faltava
A clara luz da razaõ.

CXXXIII.

A hum murmurador.

Sem lei, ſem fé, ſem piedade
Faltas alheias declaras;
Reprehendem-te a maldade;
Dizes, que fallas verdade,
Melhor he, que naõ fallaras.

CXXXIV.

Ao arrogante.

Se alcançar fama te agrada
Pelas prendas excellentes,
Faze-as menos eminentes;
Quando naõ ficas ſem nada;
Porque todos vem, que mentes.

CXXXV.

Do ſimulado.

Tudo, o que he teu desfiguras
Por muita diminuiçaõ;
Naõ ſei, qual he a razaõ;
Mas ſuſpeito, que procuras
Ganhar vida por anaõ.

CXXXVI.

Da Medicina.

Crer tudo da Medicina
He cahir em hum abyſmo
De patranhas, que ella enſina;
Tambem crer, que em nada atina,
He cahir no pyrrhoniſmo.

CXXXVII.

Ao que naõ tendo graça, preſume de engraçado.

Porque tens na fantaſia,
Que tens graça, ſem tal ter;
Fazes, que de ti ſe ria;
Cóm que aſſim galantaria
Só a tens em naõ a ter.

A

CXXXVIII.

A' galantaria.

Galantaria, mui mal
Teu nome á detracçaõ passa,
Que he hum peccado mortal,
Sendo tu virtude tal,
Que até te chamaráõ graça.

CXXXIX.

A hum que dizia graças, e naõ gostava, que lhas dissessem.

Ou graças, ou parvoices
Me dizes; e gostas pouco
De ouvir minhas chocarrices:
Oxalá naõ as ouvisses;
Que he final, que estavas mouco.

CXL.

Que se naõ devem dizer graças, a quem está triste.

Diz graças a bem má hora,
O que se poem gracejando,
Com quem se está lamentando:
Quem diz graças, a quem chora,
Deve ir das graças chorando.

CXLI.

As graças devem ser proporcionadas ás pessoas, que as fazem, ou dizem.

As graças devem de ser,
Conforme as pessoas saõ:
Mal lhe havia succeder,
Se o burro fosse fazer
As graças, que faz o caõ.

CXLII.

Que he necessaria prudencia para se gracejar com os superiores.

Graças para os superiores
Precisaõ de tanta traça,
Que he melhor naõ as expores;
Pois se a dizer graças fores,
Talvez decaias da graça.

CXLIII.

A hum nescio.

Naõ me espanto de te ver
De graças taõ avarento;
Nem póde deixar de ser;
Que, para graças dizer,
He preciso entendimento.

CXLIV.

Do tolo, e do velhaco.

Por vezes tolos ſoffri;
Mas os velhacos ſaõ taes,
Que ſempre delles fugi;
O tolo faz mal a ſi;
O velhaco mal aos mais.

CXLV.

Conſelho.

Foge de hum, que com razaõ
De ter grande tempeſtade
Dentro do ſeu coraçaõ,
Moſtra no roſto feiçaõ
De grande ſerenidade.

CXLVI.

Da morte.

Ninguem vive ſem comida,
E ſerá bem rara, e má,
A que ſem morte virá;
A morte nos tira a vida;
A morte a vida nos dá.

CXLVII.

A hum máo dançador.

Zombaõ de toda a mudança,
Que dançando vás fazendo:
Eu, que alegria pertendo,
Alegro-me de huma dança,
Que excita rizo, em ſe vendo.

CXLVIII.

A hum Copeiro bebado.

Teimas na etymologia
Do nome Copeiro topo:
Teima alguem, que te viria
De copa; mas eu diria,
Que elle te veio de copo.

CXLIX.

A hum máo Medico.

Com os remedios trocar
Te vás lançando a perder;
Porque em vez de receitar
Remedios para curar,
Receitas para morrer.

CL.

A hum Boticario, do qual havia fama publica, que falſificava os remedios.

Que falſificas receitas
Dizem: eu digo, que implica;
As receitas falſifica,
Quem ſabe, como ſaõ feitas,
E vai á tua botica.

CLI.

A hum Viajeiro.

Viſte muito em viajar;
Vejo o meſmo com me pôr
Neſte, ou naquelle lugar,
Que tu naõ pódes paſſar
De ter viſto luz, e côr.

CLII.

A' vigia.

O ſonho com larga maõ
Dando-nos, quanto bom ha,
Serve de conſolaçaõ:
Tu, vigia, és hum ladraõ,
Que roubas quanto elle dá.

Reſ-

CLIII.

Refpofta da vigia.

Lança-te hum toiro açanhado
O fonho, e mil inimigos;
Faz-te rodar defpenhado;
Gritas muito agoniado;
E eu te livro dos perigos.

CLIV.

Dos trabalhos paffados.

Os trabalhos, que paffaraõ,
Daõ gofto, quando lembrados,
Naõ pelo mal, que caufaraõ;
Mas porque naõ me acabaraõ;
E elles eftaõ acabados.

CLV.

A hum máo Ferrador.

Chega-te hum bravo animal;
E tu dentro em breve efpaço
O pões em manfidaõ tal,
Que já, para fazer mal,
Apenas dará hum paffo.

CLVI.

A hum máo Alveitar.

Ha gente, que te procura
Para a beſta lhe ſarar;
E eu naõ ſei adivinhar,
Se he mais beſta, a que ſe cura,
Se a que a manda a curar.

CLVII.

A hum máo Grammatico Grego.

Com dicções Gregas á viſta
Procuras aqui, e alli
Hum *circunflexo*, ou em *mi*;
Culpas o Diccionariſta,
Devias culpar a ti.

CLVIII.

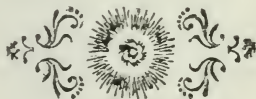
A hum máo Grammatico Latino.

Se traduzes com o fim
De entenderem-te, he em vaõ,
Que os que Latinos naõ ſaõ,
Entendem mais o Latim,
Do que a tua traducçaõ.

Da

CLIX.

Da meditaçaõ na morte.

Talvez, que bem ſe comporte,
Quem meditar ſem medida
Neſſa morte aborrecida;
Mas naõ vejo, de que importe
O meditar-ſe na morte,
Sem ſe meditar na vida.

LIVRO IV.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

DE palavras jógo ás vezes;
Se tu só sabes de ouvido,
Talvez terás aprendido
De alguns sabios Portuguezes,
Que este jogo he prohibido.
Essa he a regra geral;
Mas já, que és dos sabixões,
Pergunto-te as excepções:
Talvez naõ ouvisses tal:
Entaõ naõ me dês razões.

II.

Remedio para naõ haver guerras.

A tantas guerras, que vaõ,
Só podia pôr limite
Outra guerra, e dissençaõ,
Que he a guerra da razaõ
Contra o perverso appetite.

III.

A huma mulher muito feia.

Acharás ſevero, e crû,
Quem de teu agrado for;
Porque metes tal horror,
Que eu duvido, que até tu
Tenhas a ti meſma amor.

IV.

Do adulado, e do adulador.

Cameliaõ o adulado,
O meſmo he o adulador;
Hum por naõ ter certa côr;
Outro, porque he ſuſtentado
No vento do vaõ louvor.

V.

Do homem de bem.

Muito de inſignias reais
Naõ faz hum homem de bem;
Tal predicado convem
A' aquelle, que ſoffre mais
A' aquelle, que mais ſe abſtem.

VI.

De duas especies de tempo.

Corre hum tempo despedido,
De azas velozes armado,
Outro em moletas firmado;
Aquelle he de hum divertido;
He este de hum desgraçado.

VII.

Do exemplo dos pais para os filhos.

Dás ao filho bom conselho;
Mas tuas obras saõ más;
Com boas bom o farás;
Que he como imagem no espelho;
O mesmo que fazes, faz.

VIII.

Da má companhia.

Tu tens da bondade o dom;
Vás com hum vil, hum maráo,
Hum perverso em summo gráo;
Naõ diráõ, que o máo he bom;
Mas diráõ, que o bom he máo.

De

IX.

Do teimoſo.

Nunca já mais me affligi,
Se ſem razaõ teima alguem;
Digo-lhe, que elle diz bem;
E que ſuccede daqui?
Mais aſno vai, do que vem.

X.

A huma má lavandeira.

Mulher, ſem fazer-te affronta,
Quero-te deſenganar;
Eu dou a roupa a lavar;
Erras ſe fazes de conta,
Que ta dou eu a ſujar.

XI.

A outra.

Mil trabalhos queres ter,
Rompendo, o que ſe te dá;
Eu me dô-o de tal ver;
Deixa-te deſſe romper;
Lava, que eu romperei cá.

XII.

A hum bobo.

Com graças, que taes naõ ha,
Vás comendo como hum lobo;
E dizem, que tu és bobo;
He mais bobo, quem to dá.

XIII.

Qual ſeja o fim da guerra.

Pergunta-me hum imprudente
Da guerra o fim verdadeiro;
Tem ella hum fim bem patente,
Que he dar fim de muita gente,
E fim de muito dinheiro.

XIV.

Da paz.

Que a paz he bem ſem igual
Naõ deve negar alguem;
Porque he muito natural,
Sendo a guerra o maior mal,
Ser a paz o maior bem.

De

XV.

De huma pobre.

Huma pobre me dizia,
Que naõ tinha inda comido
Comer de lume esse dia;
E he certo; pois se comia
Tal comer tinha morrido.

XVI.

A hum que chorava estando bebado.

Vinho alegra o coraçaõ
Do homem; porém vejo, e escuto,
Que enche esse teu de paixaõ;
Porque bebes de feiçaõ,
Que naõ és homem, mas bruto.

XVII.

Da pobreza.

Dizem, que a pobreza he boa;
Porém naõ ha quem a queira;
Se hum a louva, e apregoa,
Dais-lhe hum dobraõ pela loa,
Mete-o logo na algibeira.

XVIII.

A Deos noſſo Senhor.

O meu coraçaõ quereis;
Eu já por voſſo o numéro;
Mas com que razaõ eſpero,
Meu Senhor, que o querereis,
Se elle he tal, que eu o naõ quero.

XIX.

Da riqueza.

Perguntou-me huma peſſoa,
Se a riqueza he mal, ou bem?
Conforme a maõ, a que vem;
Se he bom, quem a tem, he boa;
He má, ſe he máo, quem a tem.

XX.

A hum bebado.

Ser cruel, e ſer damninho
Sempre com vinho te vi:
Vás pondo tudo a caminho:
Oh, ſe fugiſſes do vinho,
Como ſe foge de ti.

A

XXI.

A outro.

Bom he, que o ſummo da vinha
Te provoque a adormecer;
Porque a deixar de aſſim ſer,
Nenhuma peſſoa tinha
Já vinho para beber.

XXII.

A outro.

Se enches de vinho os ilhais,
Tudo geralmente ri,
Galhofas univerſais;
Tu fazes galhofa aos mais;
Elles a fazem de ti.

XXIII.

A huma benzedeira.

Que eu tinha olhado convinhas;
E ſe mal ha taõ damnado;
Eu creio, que tinha olhado;
Pois tu olhado me tinhas.

Já

Já com groſſas contas vinhas
A benzer-me ; eu , que tal vi ,
Na arenga naõ conſenti ,
Que tu me havias dizer ;
Que eu melhor me ſei benzer ,
Naõ do olhado ; mas de ti.

XXIV.

A noſſa Senhora.

Vós ſois mãi dos peccadores ;
Vós ſois dos Santos Rainha :
Confeſſo , que por mãi minha
Me fazeis muitos favores.
Por elles vos dou louvores ;
Mas , como filho , vos fallo ,
Que me dá hum grande abalo
Em puro filho ficar ;
Antes queria paſſar
De filho para vaſſallo.

XXV.

Ao ambicioſo.

O que andas de diligente,
Por te pôr em grande altura!
Nenhum lugar eminente
Te livrará finalmente
De huma baixa ſepultura.

XXVI.

Ao ſoberbo.

Dou, que és ſabio, que és gentil,
Que és forte, e bens em ti ha,
Que o ſangue illuſtre ſerá;
Que importa, ſe és ſervo vil
Da ſoberba ama bem má?

XXVII.

Da falta de fé.

De andarmos nós opinando
No mais, naõ tomo paixaõ;
Porém doe-me o coraçaõ
De ver, que ſe vai mudando
A fé para opiniaõ.

XXVIII.

Da vaidade.

Diſſe, quem ſabia bem,
Que em tudo vaidade ha;
Naõ o negará alguem,
Vendo gente, que até tem
Vaidade de ſer má.

XXIX.

Ao preguiçoſo.

Mais faceis ſaõ de mover,
Que tu deſmarcados ſeixos:
Vejo, que ha de ſucceder
Deixares tu de comer,
Por naõ moveres os queixos.

XXX.

A hum que indagava como podia o Poeta compor tantos livros.

Tu vendo os livros, que ponho
No prélo, andas inquirindo,
De que modo eu os componho;
Porque te parece ſonho:
Naõ os componho dormindo.

XXXI.

A huma mulher muito porca.

Naõ duvida nesciamente
Aquelle, que saber quer,
Vendo a porqueira presente,
Se tu és mulher de gente,
Ou se és do porco mulher.

XXXII.

Da variedade de toucados.

Nenhuma mulher acerta
Em tanta moda encontrada
Com cabeça bem toucada;
Antes quem mais a concerta,
A tem mais desconcertada.

XXXIII.

A hum mentiroso.

Com esse mentir sem fim
Enganarás hum milhaõ;
Naõ me has de enganar a mim;
Tomo o teu naõ pelo sim,
E tomo o sim pelo naõ.

XXXIV.

De Mendo inutil.

Mendo, que o occupe, aperta;
Porém he de modo aquelle,
Que ſerá coiſa mais certa
Achar-ſe a ilha encuberta,
Que achar-ſe preſtimo nelle.

XXXV.

A hum máo Muſico.

Orpheo as pedras movia
Cantando ſuavemente:
Quanto delle és differente!
Pedras aquelle attrahia;
Tu fazes fugir a gente.

XXXVI.

A huma taverneira, que vendia vinho muito azedo.

Sendo tu má taverneira,
Pódes fazer hum milagre,
Que he vender vinho, e vinagre
Por huma meſma torneira.

A

XXXVII.

A hum taverneiro, que deitava muita agua no vinho.

Mil applausos deves ter;
Porque tens a discriçaõ
De taõ bom vinho vender,
Que o pódem Mouros beber,
Sem quebrantar o Alcoraõ.

XXXVIII.

A's moscas.

Os homens, que vós beijais,
Saõ em finezas escaços;
E as aranhas liberais;
Pois se vós beijos lhes dais,
Correspondem com abraços.

XXXIX.

Da justiça.

Hum punha certo labeo
Na justiça, outro a poz alta,
Dizendo, que era do Ceo:
Assim he, dizia hum réo;
Por isso ella cá nos falta.

Que

XL.

Que naõ devemos accumular riquezas.

He louco, quem por milhões
Se mete em trabalho forte,
Vendo, que essas possessões,
Se escaparem de ladrões,
Ha de rouballas a morte.

XLI.

Queixa do dinheiro do avarento.

Ah miseravel de mim,
Que aqui me tem prezioneiro!
Por livrar do cativeiro,
Desejo a meu amo o fim;
E mais lho deseja o herdeiro.

XLII.

Consolaçaõ, que o avarento dá ao dinheiro, tendo noticia da queixa deste.

Queixas-te dessa prizaõ,
Com que eu tanto me contento;
Naõ tens de queixa razaõ;
Que eu nem cuido em salvaçaõ,
Cuidando no teu augmento.

De

XLIII.

De alguns, que murmuraõ das honras.

Muita gente pertinaz,
Que naõ diz das honras bem,
Como quem caſo naõ faz,
Naõ diz mal dellas por más;
Mas diz, porque naõ as tem.

XLIV.

Dá a razaõ, porque ſe pinta o amor rapaz, ſendo elle taõ antigo.

Diſcorrendo eu na razaõ
De pintar-ſe o amor rapaz,
Sendo elle muito anciaõ;
Naõ vejo cauſa, ſenaõ
As traveſſuras, que faz.

XLV.

A hum anonymo.

Eſcreve-te, naõ ſei quem,
E diz: Meu bem; mas he tal
A ingratidaõ, que tem,
Que vendo, que és o ſeu bem,
Se faz o teu maior mal.

XLVI.

A outro.

Para que he tal praguejar?
Dás ao diabo hum, que ſe deu
Todo a matar, e roubar;
Eſcuſavas de lho dar,
Que eu creio, que era já ſeu.

XLVII.

Que o pobre he deſconhecido.

Em paſſando o rico, ou nobre,
Conhecem: dizem: Aquelle
Tem dinheiro, que lhe ſobre;
Mas ninguem conhece o pobre,
Senaõ para fugir delle.

XLVIII.

A hum ladraõ.

Nunca pedi a ninguem.
Deſte modo te gabavas;
Mas vindo alli, naõ ſei quem,
Te diſſe: Tu dizes bem;
Naõ pedias; mas tomavas.

XLIX.

Que naõ convem, que o marido faça todas as vontades á mulher.

Se bom, e máo, que quizer,
A tua mulher fizeres,
Faz-ſe inſolente a mulher,
Para fazer, o que quer;
E naõ, o que tu quizeres.

L.

Do máo caſamento.

Caſa mal, o que naõ penſa
Em conſervar paz de ſorte,
Que naõ viva em deſavença,
Que no caſado he doença,
Que ſó acaba com morte.

LI.

A reſpeito de conſeguir fama.

Aquelle, que eſtima, e ama
Ter para a fama bom porto;
Naõ faça vida de cama;
Que naõ vivirá por fama,
O que viveo, como morto.

LII.

Do ſuor do Heróe.

Teve hum ſuor mui cheiroſo
Alexandre Magno: alguem
O terá por milagroſo;
Mas naõ ha Heróe famoſo,
Sem ſuor, que cheire bem.

LIII.

A hum anonymo.

Andar em grande cuidado
Por hum officio te vi:
Depois que a outro foi dado,
Dizes que he mal empregado:
Ficava peior em ti.

LIV.

Do Rabula.

O Rabula, que he matreiro,
Cuida em ter livros baſtantes;
Naõ os revolve; mas antes
Cuida em revolver dinheiro
Da bolſa dos litigantes.

LV.

A hum anonymo.

Pedes a avaro fechado;
Mas deſcuida de levar;
Porque elle cuida em guardar
Com taõ eſteril cuidado,
Que he eſcuſado aguardar.

LVI.

Da riqueza, e pobreza.

He como enguia a riqueza
Depreſſa eſcorrega, e paſſa,
Sem nella ſe fazer preza;
Mas a maldita pobreza
Pega-ſe como carraça.

LVII.

A hum litigante.

Deſſa cauſa, que correſte,
Vens-nos dizendo: Venci.
Segundo, o que deſpendeſte,
Naõ ſei ſe tu a venceſte,
Ou ſe venceo ella a ti.

Das

LVIII.

Das mulheres.

Mulheres ſe queixaraõ
De eſtarem a leis ſujeitas,
Que dadas por homens ſaõ;
Mas tambem ellas lhas daõ,
Por ſinal pouco direitas.

LIX.

A hum relogio.

Relogio, vai proſeguindo,
Que eu me vou deſenganando;
Porque tu me eſtás moſtrando
O tempo, que vai fugindo
A' morte, que vem chegando.
Oh, de modo eu me deſpoje
Do mal, que parece bem,
Que fique o coraçaõ ſem
Saudades, do que foge,
Nem temores, da que vem.

LX.

Aos Exorciſtas.

Podia-ſe dar por dito,
O que creio, naõ ignora
Hum Exorciſta perito;
E he, que naõ ſuſtente o eſprito
De eſpritos, que deita fóra.

LXI.

A huma velha.

De humas dores, que naõ ſentes,
Sempre queixando-te vens:
Vai fazer lá outros crentes
Das tuas dores de dentes;
Que eu já ſei, que naõ os tens.

LXII.

Do hypocrita.

Quando ſe lhe dá louvor
De ter grande ſantidade,
Diz o hypocrita impoſtor:
Eu ſou grande peccador.
Só entaõ falla verdade.

De

LXIII.

De hum ſimples.

Hum homem ſimples ouvi
A hum hypocrita rogar,
Que foſſe por elle orar:
Em quem nem ora por ſi,
Bom proveito hia buſcar.

LXIV.

Do hypocrita, e do bobo.

O hypocrita ſem lidar,
Tem caſa, cama, e comida,
Tem que veſtir, e calçar:
Ninguem poderá negar,
Que he homem de boa vida.
A algum bobo ſe confere
O meſmo: anda muito freſco,
Sem trabalho, que o exaſpere:
He hypocrate, differe
Puramente em ſer burleſco.

LXV.

Da velhice.

De annos naõ ſó patetice;
Mas muitos achaques vem;
Porém ninguem ha, que viſſe
Mulher, que culpe a velhice,
Nem dos dentes, que naõ tem.

LXVI.

Do eſquecimento da morte.

Da morte andais eſquecidos,
Havendo quem vos exhorte
Da morte inda adormecidos;
Que ſaõ muito parecidos
Hum com outro o ſomno, e morte.

LXVII.

Veneno.

Muita gente ſe intimida
Do veneno; porque offende;
Mas outra delle depende
Para conſervar a vida.
Quem póde ſer? o que o vende.

De

LXVIII.

De algumas mulheres.

No mundo ha mulheres tais,
Que eu certamente affirmara,
Que ſeriaõ immortais,
Se renovaſſem o mais,
Como renovaõ a cara.

LXIX.

Dos Poetas laſcivos.

Huns Poetas occupados
Em ſeus amores cantar,
Bem lhes podemos chamar
Homens, que cantaõ peccados,
Os quaes deviaõ chorar.

LXXX.

Oraçaõ injuſta.

Se ha quem pede a Deos, q̃ faça
Morrer ſeu irmaõ morgado,
Eſte he louco confirmado;
Porque pertende por graça
Fazer outro deſgraçado.

LXXI.

Dos benzedores.

Naõ ſei, com que parecer
Benzedores aturais,
Sendo huns ignorantes taes,
Que naõ ſe ſabem benzer,
E querem benzer os mais.

LXXII.

A hum jactancioſo.

Falto em todo de ſaber
Nada ha, de que naõ te gabes;
He força, que neſcio acabes;
Porque o primeiro ſaber
He ſaberes, que naõ ſabes.

LXXIII.

A hum velho, que lhe tremia a cabeça em acçaõ de quem acena, que ſim.

Dás a toda a caſa penas
Fazendo grande motim?
A ti meſmo te condemnas;
Pois com a cabeça acenas,
Como quem me diz, que ſim.

LXXIV.

A hum anonymo prodigo.

Tu promettes a credores;
Depois mentiras inventas:
Gaſtas com aduladores;
Por ſuſtentar comedores,
A palavra naõ ſuſtentas.

LXXV.

A hum caçador pobre.

Tudo com cães desbaratas;
E tu com fome emmagreces,
Em quanto deſſes cães tratas:
Se fome canina matas,
Fome canina padeces.

LXXVI.

A hum que affectava de ſabio.

Em huma queſtaõ te ouvi
Do teu ſaber bem alheia:
Com preſumpçaõ, de que alli
Darias conta de ti,
Déſte com o pé na peia.

Viu-

LXXVII.

Viuvo.

O que caſa, em enterrando
A mulher, chora ſómente,
Naõ lhe morrer de repente;
Que evitava eſtar gaſtando
Com ella, em quanto doente.

LXXVIII.

Pranto de huma viuva.

Ai, miſeravel de mim!
Huma viuva dizia,
Que comi com companhia;
Mas agora como aſſim:
E ella pelos dois comia.

LXXIX.

A hum bebado ſoberbo.

Vês eſſe da cabelleira,
Que mil vezes outra tem?
Diz, que de bons troncos vem;
Cuido que ſaõ de parreira;
Porque elle bebe-lhe bem.

LXXX.

A hum avarento, que tinha hum grande nó de garganta.

Vejo o teu nó de garganta
Mais, e mais apparecer;
Trabalha pelo deter,
Senaõ foge em fome tanta,
E vai buſcar que comer.

LXXXI.

A hum avarento.

Se a tua boca tamanha
Serviſſe ſó de comer,
Nós a haviamos de ver
Com ſuas teias de aranha
Por falta de ſe mover.

LXXXII.

A hum Poeta ineptiſſimo.

Huns verſos denominados
Nos vens aqui imbutir,
Que nos deixaõ nauſeados:
Moucos bemaventurados,
Que te naõ pódem ouvir.

LXXXIII.

A hum ſoldado jactancioſo

Das tuas victorias tratas,
Das batalhas dos perigos,
Com que tanto nos maltratas,
Que creio, que mais nos matas,
Do que mataſte inimigos.

LXXXIV.

Do que ſendo pobre quer oſtentar de fidalguia.

Faz a ſoberba inimiga,
Que grandes males padeça,
Quem quer, que ſe compadeça
Trazer fome na barriga,
Fidalguia na cabeça.

LXXXV.

Dos pedintes.

Os mendigos fingem ſommas
De queixas com tal deſtreza,
Que parecem natureza;
E ellas todas ſaõ ſymptomas
Da peſtilente pobreza.

LXXXVI.

A hum poetaſtro.

Por naõ ſeres cenſurado
De verſos, que eu arrenego,
Acolheſtes-te a ſagrado;
Porque nunca tens paſſado
De compor lendas de cego.

LXXXVII.

A hum avarento.

Dizes, que lidas por ter,
Com que viver; eſſa lida
Vai durando até morrer;
Lidas por ter, que viver,
Quando naõ tiveres vida.

LXXXVIII.

Epitafio de hum avarento.

Podia ter vida extenſa;
Mas vim mais cedo aqui dar,
Por me eximir de gaſtar:
Naõ me matou a doença;
Matou-me naõ a curar.

LXXXIX.

A hum calvo.

Bem vejo, que a cara viras,
Quando paſſando te ſalvo;
E que a ninguem chapeo tiras;
Outros ſe accendem em iras;
Eu naõ, que vejo que és calvo.

XC.

Do máo Advogado.

A Letrado charlataõ
Expor tua cauſa vens;
Elle ſim ſerá ladraõ;
Mas naõ te furta a razaõ;
Antes ta dá, ſe a naõ tens.

XCI.

De homens, que voaõ.

Tu por fabula condemnas
O voar Dedalo; e eu naõ;
Pois vejo de homens centenas,
Que voaõ com ſuas pennas,
Principalmente o Eſcrivaõ.

XCII.

A hum anonymo.

Sei remedio verdadeiro,
Com que ſaltas tirarás,
Que te poem; e muito más;
Em naõ tendo a do dinheiro,
Nenhuma falta terás.

XCIII.

A hum inſigne meſtre de picaria.

Temo brutos nomeallos;
Pois taes ſinaes de razaõ
Moſtraõ com tu enſinallos,
Que vemos, que ſaõ cavallos;
E duvidamos ſe o ſaõ.

XCIV.

Falla a noite ao dia.

A mim venere, a mim ſiga
Gente, que quer bom conchego;
E de ti ſeja inimiga;
Que tu lhe dás a fadiga,
E eu lhe dou della o ſocego.

XCV.

Resposta do dia.

Inda mais que és venerada?
Naõ te procuraõ milhões
De gente, que he bem honrada?
Por exemplo a namorada,
Matadores, e ladrões.

XCVI.

A opiniaõ.

Naõ posso ter paciencia
Com a tua má relé;
Excitas muita pendencia;
Naõ te unes com a sciencia;
Es inimiga da fé.

XCVII.

Que mentem os homens, dizendo que andaõ á sua conveniencia.

Mentis dizendo, que andais
A' vossa conveniencia:
Inda a de cá, se a buscais,
Na lei do Senhor a achais,
E fazeis-lhe resistencia.

XCVIII.

A' borboleta.

Inda que alli te derretas,
Achas o fogo jucundo,
Para que nelle te metas:
Que de humanas borboletas
Eu vejo por esse mundo!

XCIX.

A hum que dizia ditos picantes.

Alguns que de fóra estaõ
Louvaõ teus ditos felizes
Pela sua discriçaõ;
Porém tal nunca diráõ
Aquelles, a quem os dizes.

C.

A' formiga.

O Sabio manda aprender
De ti, e bem pouca gente
Aprende a ser providente;
Muita a guardar; e esconder;
E velhos principalmente.

CI.

Da etymologia da botelha.

Naõ ſei bem, porque razaõ
A' garrafa, que ſe eſgota,
Nome de botelha daõ;
Eu fora de opiniaõ,
Que he botelha, porque bota.

CII.

A hum que tinha as pernas groſſas.

Vendo eſſa perna remota,
Parece tronco de azinho:
O que de perto ſe nota,
He, que preciſa huma bota
Taõ larga, como a do vinho.

CIII.

Dos homens, que naõ tem boca.

Dizem, que ha no Oriente
Gente, que boca naõ tem:
Tambem cá no Occidente
Ha ſem boca muita gente;
Mas he, para dizer bem.

Ho-

CIV.

Homens de grande orelha.

Ha homens de huma naçaõ,
(Se havemos crer certo Author)
Que de taes orelhas ſaõ,
Que huma ſerve de colchaõ,
Serve outra de cobertor.
A coherencia me aconſelha
A ficar hum pouco crente;
Que inda que naõ emparelha,
Tambem de mui grande orelha
Temos por cá muita gente.

XV.

Homens extraordinarios.

Qualquer que diz, que homens ha
Com rabo, de fé careça;
Porém aſſentado eſtá
Por certo, que temos cá
Muitos homens ſem cabeça.

De-

CVI.

Definiçaõ da velhice.

Sempre, quanto ſoube, diſſe,
A quem o quiz aprender;
Agora queres ſaber,
Que coiſa ſeja velhice?
He ir deixando de ſer.

CVII.

A Aulo.

Enſina, Aulo Latim,
A Rhetorica, o Francez:
Hum prodigio és para mim;
E mais, quando a ſaber vim,
Que nem ſabes Portuguez.

CVIII.

Apologia pelos papeis dos cegos.

As que o cego anda a vender
Dizes, que ſaõ obras más;
Obras más naõ pódem ſer,
As que ajudaõ a viver
Author, e cego, e rapaz.

E ſe eſſa lingua taõ louca
Cenſurando engenhos tardos,
Acha em papeis graça pouca;
Nem todos ſaõ de má boca,
Ha burros, que comem cardos.

CIX.

A hum jactancioſo.

Fazes huma miſturada
De tantas prendas, e bens,
Que as grandezas, com que vens,
Moſtraõ naõ te faltar nada,
Nem falta; que nada tens.

CX.

A huma mulher preſumida de diſcreta.

Com voz de tiple fingida,
A tua boca torcendo,
Taes arengas vás dizendo,
Que ſe crês, que és entendida,
Eu juro, que naõ te entendo.

A

CXI.

A huma mulher cabeçuda.

Inda que gente ſizuda ,
Que és cabeçuda encareça ;
Naõ ſei , que ſe compadeça
O ſeres tu cabeçuda
Tendo falta de cabeça.

CXII.

A hum bobo.

Vás comendo como hum lobo ,
Veſtes bem , tens boa cama ,
Por teres de bobo a fama ;
Eu naõ ſei , ſe tu és bobo ,
Ou , ſe he bobo , quem to chama.

CXIII.

A' morte.

De trabalhos allivias ;
Porque te havemos temer ?
Oh , que nos pódes meter
Em maiores agonias :
Façamos por naõ as ter.

De-

CXIV.

Definiçaõ do mundo.

O mundo he huma morada
Por dois dias concedida,
Com duas portas formada;
A vida he porta de entrada,
A morte he a da ſahida.

CXV.

Falla a cortezia.

Todo o mundo a mim ſe inclina
Com amor, e complacencia;
Porém ha quem me arrruina;
Pois de modo me refina,
Que me faz impertinencia.

CXVI.

Se ha lobishomens.

Se os lobishomens ſaõ ditos
Por conſtar de lobo, e homem,
Ha muitos deſtes malditos;
Porque ha homens infinitos,
Que ſaõ lobos, no que comem.

CXVII.

A hum que tinha medo de defuntos.

Se me acometerem juntos
Defuntos, dou delles fim;
Porque a tal esforço vim,
Que me temo de defuntos,
Como os defuntos de mim.

CXVIII.

Da brevidade da vida.

Dizemos, que he breve a vida;
Mas nas más obras moſtramos,
Que ella paſſa da medida;
E para naõ ſer comprida,
Fazendo mal a encurtamos.

CXIX.

Do pedinte moço.

Moço, que anda a mendigar,
Coſtuma bem repetir:
Antes pedir, que furtar;
Mas naõ póde encarrilhar:
Antes lidar, que pedir.

CXX.

Ao invejoſo.

Se algum em bens vês creſcer,
Lhe tomas hum odio tal,
Que lidas pelo perder;
Eu eſtimara ſaber,
Se o bem delle te faz mal.

CXXI.

A hum avarento.

Para deixar ao herdeiro,
Com que elle veſte, e elle come,
O trabalho te conſome;
E para fechar dinheiro
Abres a boca com fome.

CXXII.

Ao prodigo.

Sem conta, pezo, ou medida,
Vás derramando dinheiro:
Que ſe eſpera deſſa vida?
Naõ lhe dou outra ſahida,
Ou ladraõ, ou caloteiro.

Do

CXXIII.

Do objecto do amor.

Naõ ſei como póde ſer
O bom objecto do amor,
Se he máo o mundo traidor,
No que nos dá, que ſoffrer;
E elle tem muito amador.

CXXIV.

Da mulher amiga de gozos.

Tem mulher tal affeiçaõ
A ſeu caõſinho Cupido,
Que, ſe a eſcolher lhe daõ,
Que morra o marido, ou caõ,
Ha de dizer, que o marido.

CXXV.

Dos hypocritas, e de qualquer peſſoa fingida.

Zombaõ de Deos, e da Igreja,
Naõ poſſo hypocritas ver;
Mas ſeja qualquer que ſeja,
Aborreço, quem deſeja
Mais parecer, do que ſer.

Do

CXXVI.

Do contradictor.

Se tu chegares a ver,
Quem, ſem olhar a razaõ,
Se empenha em contradizer,
Tem preſumpçaõ de ſaber;
Mas tem ſó a preſumpçaõ.

CXXVII.

A hum apaixonado pelos Authores do ſeculo de quinhentos.

Se cuidas, que a habilidade
Nos de quinhentos eſtá,
E nenhuma em outra idade;
Mais, ou menos na verdade
Cá, e lá más fadas ha.

CXXVIII.

Dos que pertenderaõ introduzir-nos a lingua antiga.

No fallar o uſo me importa;
Por iſſo he má tentativa,
A da peſſoa, que exhorta,
Que gente ha ſeculos morta
Venha enſinar lingua viva.

CXXIX.

Aos meſmos.

Debalde trabalhais ſós,
Para que nos embutais
Lingua de noſſos avós:
Que importa querereis vós,
Senaõ quizerem os mais?

CXXX.

Dos meditabundos inuteis.

Vejo huma gente exquiſita
Em meditações paſmada;
Em executar parada;
Naõ ſei, em que ella medita;
Cuido, que em naõ fazer nada.

CXXXI.

A hum ocioſo.

Quero ler, quero eſtudar;
Tu malvado com roſnares,
Naõ baſta o tempo gaſtares,
Queres-me tambem gaſtar.

Deſejo de me enfadar;
Porém vendo, que te deu
Em gaſtar o tempo teu
Com hum fallar frio, e vaõ,
Enfadarme-hei ſem razaõ;
Porque me gaſta o meu.

CXXXII.

Do amor cego.

Ser amor cego, ou naõ ſer
Naõ he queſtaõ, que eu ſuſtenha;
Mas ſe cego o conceder,
Creio, que naõ póde haver
Cego, que mais moços tenha.

CXXXIII.

Da diſplicencia, que os moços tem com os velhos.

Dizem-me, que a mocidade
Tem a velhos averſaõ,
Sem outra maior razaõ,
Que eſtes fallarem verdade;
Mas para que deſagrade
Eſta razaõ, com que vem,

Hu-

Huma grande objecçaõ tem;
E he, que mil velhos verias,
Que mentem noites, e dias;
E mais naõ lhes querem bem.

CXXXIV.

A hum velho garrido.

Tu queres imitar esses
Moços, que com muito rizo
Dizem, que já entonteces;
E eu digo, que bem pareces
Moço; mas he no juizo.

CXXXV.

A hum valentaõ.

Tu presumes de valeres
Por valentaõ singular;
E eu tenho disso prazeres;
Porque he bom para poderes
Com muitas que has de apanhar.

CXXXVI.

A hum que dizia (e com razaõ) que naõ cria em bruxas.

Naõ crês, que haja alguma bruxa:
Oh, como vás enganado !
Sangue o dinheiro he chamado ;
E ha tal, que de modo chucha,
Que deixa tudo eſgotado.

CXXXVII.

A Plutumeno inſolente.

Foſte bom, quando eras pobre;
Tens, deſprezas teu irmaõ :
A riqueza errou a acçaõ ;
Pois faz muita gente nobre ;
Mas a ti fez-te vilaõ.

CXXXVIII.

Maxima.

Naõ te queiras odïar,
Nem com infimo vilaõ :
Qualquer ſe póde vingar ;
O bem cuſta muito a dar ;
O mal ſempre eſtá á maõ.

CXXXIX.

A hum desavergonhado.

Por tua patifaria
Merecias feito em pó;
Porque em muita companhia
Fazes o que naõ faria,
Por pejo, outro estando só.

CXL.

A Pomero.

Sempre andas a pergnntar,
Porque naõ hei de applaudir
Tuas coisas, nem louvar:
Tem pouco que adivinhar;
He que naõ quero mentir.

CXLI.

Do rico, e do pobre.

Porque anda de bom humor
O pobre, e sempre de chança;
Triste o rico, e com má côr?
Reina no rico o temor,
Reina no pobre a esperança.

CXLII.

A hum fallador.

Fallas hum dia de Maio,
Sem teres a voz cançada;
Ninguem comtigo quer nada;
Se tu foſſes papagaio,
Serias coiſa eſtimada.

CXLIII.

A hum velho namorado.

Depois de com cans te ver,
Sem dentes, e encarquilhado,
Velho te havia de crer;
Mas iſto naõ póde ſer,
Que eu vejo-te namorado.

CXLIV.

A hum pobre ſoberbo.

Saõ tuas ſoberbas tais,
Que por ellas te daõ chaſcos:
Naõ vi deſgraças iguais;
Além de pobre no mais,
Tambem és pobre de caſcos.

CXLV.

A hum que promettia, e naõ dava.

Promettes em quantidade;
Nada dás: ha quem te entenda;
O prometter talvez renda
Fazer-te alguem a vontade;
No dar gastas a fazenda.

CXLVI.

Das regras, que se daõ para as composições.

Para compor vejo dar
Regras de hum proveito fraco;
Ensinaõ-me a imitar;
Se eu nellas quizer ficar,
Naõ sou author, sou macaco.

CXLVII.

Louvor da Batrachomiomachia.

Se Homero aqui intentou
Mostrar-se principiante
Na arte, em que depois lustrou;
Nem na Iliada mostrou
Engenho mais relevante.

Que

CXLVIII.

Que naõ devemos ſeguir cegamente os antigos.

A antiguidade he ſciente ;
Louvo-a ; mas naõ me arrebata
A ſeguilla cegamente ,
Fazendo-me aſno , e ella gente ,
Que vá comigo á arreata.

CXLIX.

O burro diſcreto.

Hum burro eſtá a comer
Farelos , em caõ chegando ,
As orelhas agachando
Dá couces , e quer morder
Algum furto receando.
Porém ſe ſevada tem
Diante , com a chegada
Do caõ naõ ſe inquieta nada ;
Porque ſabe muito bem ,
Que o caõ naõ come ſevada.

CL.

A Nero matricida.

Culpa-te gente entendida
De ires da vida privar,
A quem vida te foi dar;
Mas mesmo por te dar vida,
Lha devias tu tirar.

CLI.

A Manlio matando seu proprio filho.

Déste ao filho morte insana,
Por quebrar lei paternal;
Mais mereces pena tal,
Que elle quebrou lei humana;
E tu a lei natural.

CLII.

De certo Historiador.

Naõ minta o Historiador.
E naõ he mentira leve
Aquella de nos propor,
Que vai historia compor,
E encomios dos seus descreve.

CLIII.

A hum criado preguiçoso.

Nós devemos discutir,
Qual he o fim de hum criado;
Eu julgo, que he o servir;
Tu julgas, que he o dormir;
Hum de nós anda enganado.

CLIV.

Dos muitos que se lançaõ a pedir.

Mal aos pobres ha de vir,
Se isto vai, como se vê,
Porque indo, como o vejo ir,
Todos daráõ em pedir,
Sem haver algum que dê.

CLV.

A hum que andando ausente lhe fugio a mulher, vendendo o q̃ havia em casa.

Em quanto por fóra andaste,
A mulher além de se ir,
Naõ te deixou nem hum traste:
Cala-te, que bem ganhaste
Em'a mulher te fugir.

A

CLVI.

A hum que pedia muito.

Arre com tal perſeguir;
Já te naõ poſſo aturar;
Outra teima hei de ſeguir;
Naõ fazes fim em pedir;
Naõ farei fim em negar.

CLVII.

Sobre as gaitinhas, que nos vendem os eſtrangeiros.

Que ſom ſaberáõ tanger
As gaitinhas do eſtrangeiro?
Pouco mais ſabem fazer,
Que tocar a recolher,
Com que recolhem dinheiro.

CLVIII.

Falla a alma de hum avarento ao ſeu herdeiro.

Onde eſtou atormentado,
Por ajuntar com uſura,
Irás tu por eſtragado;
Mas tu irás regalado;
E eu morri á fome pura.

CLIX.

Refpofta do herdeiro á alma do avarento.

Mentes em te nomear,
O que faltou ao precifo,
Para rico me deixar;
Porque elle fó por naõ dar,
Nem me daria effe avifo.

CLX.

A hum máo tangedor de viola.

Homem, deffe teu tocar
Ignoro; qual he o fim;
Se he por te mortificar,
Vai lá para outro lugar,
Naõ mortifiques a mim.

CLXI.

Da efcolha de mulher.

Aquelle, que prefumir
De mulher boa efcolher,
Para naõ fe arrepender,
Efcolha-a, pelo que ouvir,
Naõ a efcolha pelo ver.

A

CLXII.

A hum anonymo a respeito de Balbino avarento, e descortez.

Que esperas tu de Balbino,
Fazendo-lhe cortezias?
Que te dê? loucas porfias,
Que o maldito he taõ mofino,
Que nem nos dá os bons dias.

CLXIII.

Tempo velocissimo.

He mui veloz hum veado;
Inda he mais veloz o vento;
Mais veloz o pensamento;
Mais o tempo decretado
A fazer hum pagamento.

CLXIV.

A hum anonymo a respeito de Jano.

Duas caras te dizia,
Que tinha Jano: disparas
Em negar: louca porfia;
Que estás vendo cada dia
Pessoas de muitas caras.

LIVRO V.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

FAço Epigrammas a centos:
Perguntas donde me venha
Ter taõ varios penſamentos?
Saõ todos os meus intentos,
Que outros mais varios naõ tenha.

II.

A hum anonymo tolo.

Sempre fallas ao revez,
Do que pede a diſcriçaõ:
Hum homem, como tu és,
Naõ naſcer de quatro pés,
Foi hum erro de impreſſaõ.

Do

III.

Do que ſe deſagrada, ou moſtra, que ſe deſagrada de muitos.

Se vejo hum, que deſcontente
A muita gente amofina,
Chamando-a má, e inſolente,
Naõ creio má eſſa gente;
Creio máo quem a crimina.

IV.

Dos chapeos á eſtrangeira.

Olha de modas, que fazem
Os malvados chichisbeos;
E talvez que contra os Ceos;
Seus chapeos de hereges trazem:
Queira Deos, que ſó chapeos.

V.

Dos que cantaõ modinhas pela rua.

Quem pela rua caminha,
Exercitando a guela
Em exercitar ſua modinha,
Sempre foi ſuſpeita minha,
Que lhe falta huma aduela.

Dos

VI.

Dos bordões de nós.

Para haver de ſe moſtrar,
Que a liſura anda bem fóra
De em muita gente habitar,
Até deraõ em uſar
Huns bordões de nós agora.

VII.

A huma mulher, que por muito riſonha ſe fazia ridicula.

Moſtras bem pouco juizo
Em te andar arreganhando,
Sem veres como, nem quando.
He fraſe o eſpojar com riſo,
Fraſe, que em ti vem frizando.

VIII.

A hum exactiſſimo em cobrar dinheiro.

Por bom cobrador te vou
Ao Gallego comparar,
Que mandando-o acompanhar
Noſſo Senhor, perguntou,
Quem lhe havia de pagar.

Da

IX.

Da moda de dois relogios.

Eu naõ ſei, para que feſta
Se traz de huma , e outra banda
Relogio , que pouco preſta ;
Porque ha muita gente deſta ,
Que naõ ſabe ás quantas anda.

X.

Da muita gente, que frequenta as aulas , e que ſabe dellas como entrou.

Eu paſmo de ver, que acuda
Tanta gente a aulas trilhar ,
Que vem de lá neſcia , e ruda :
Suſpeito , que , ſe ella eſtuda ,
He ſó em naõ eſtudar.

XI.

Conſelho.

Pais , informai-vos primeiro ,
Que o filho entre nas lições ,
Se elle tem diſpoſições ;
Que o mais he gaſtar dinheiro
Em ſuſtentar mandriões.

Naõ

Naõ baſta para ſciencia
Ter mais engenho, que Oroſio;
Quer trabalho, e paciencia,
Que engenho ſem diligencia
He caravina de Ambroſio.

XII.

Filhos mal criados.

Saõ filhos bem mal criados,
Se os pais nunca lhes retem
Appetites tolerados;
Que a licitos coſtumados,
Mal de illicitos ſe abſtem.

XIII.

Conſelho.

Fugi futeis diſſenções;
Que he huma grande loucura
O quebrarem ſabichões
A cabeça com queſtões,
Que naõ daráõ para a cura.

XIV.

A hum falſo Profeta.

Já que Profeta te fazes;
E toda a vida te vi
Fazer obras incapazes,
O que Eliſeo a rapazes,
Façaõ rapazes a ti.

XV.

A hum Arrieiro.

Huma mula te pedia,
Que naõ foſſe aſpera, e brava:
Fizeſte mais que eu queria;
Pois tal manſidaõ trazia,
Que apenas paſſada dava.

XVI.

Conſelho.

Naõ queirais ouvir a voz
De huns, a que eu chamo Aſmodeos,
Gente, que por impia, e atroz
Diz, que Deos naõ cuida em nós:
Ella he, que naõ cuida em Deos.

XVII.

Da liberdade, com que gente impia profana o eſtado Eccleſiaſtico.

Vi gente ſacerdotal
Profanada, e me affligi:
Dizem; mas eu naõ o cri,
Que vem parte deſte mal
De profanarem a ſi.

Saõ juizos de homens vãos,
Muito diverſos dos meus;
Que naõ crem juizos sãos,
Que quem toma Deos nas mãos,
Tenha o coraçaõ ſem Deos.

XVIII.

A hum anonymo.

Fazendo de vicios gala,
Dizes, que tempo virá
Em que deixes fama cá:
Eſcuſas de procuralla;
Que já a tens; porém má.

XIX.

Dos chichisbeos.

Ora eu aſſento, que ſaõ
Taõ puras como agua pura,
As que com chichisbeos vaõ;
Mas caſa, que tem pontaõ,
Eu naõ a dou por ſegura.

XX.

A hum attribulado.

Grande triſteza te vem,
Vendo que a morte fatal
Te ha de tirar algum bem;
Alegre-te ella tambem,
Que te ha de tirar o mal.

XXI.

A hum de más palavras.

A tua boca ſe arrede;
Pois tem hum fedor mortal:
E ſe alguem naõ ſabe qual,
Seja a boca, que mais fede;
He a de quem falla mal.

XXII.

Que coiſa ha muito neceſſaria, que nada cuſta a aprender, e rara a aprende.

Que coiſa ſe ha bem miſter,
Que naõ cuſta a aprender nada,
E naõ a aprende qualquer?
Pois he em huma mulher
O ſaber eſtar calada.

XXIII.

A hum velho namorado.

Deu-te, velho em namorar,
Sem tirar mais beneficio,
Que hum rir, outro eſcarnicar,
Fóra tolo outro gritar.
Amigo velho, outro officio.

XXIV.

Da vulgaridade dos relogios.

Naõ vejo melhoramento
Sendo o relogio taõ baſto,
Que tudo nelle faz gaſto:
Só ſe o compraõ com intento
De gaſtar tempo mal gaſto.

XXV.

Da leitura por máos livros.

Quem lê perverſa eſcritura,
Senaõ lê para impugnar,
Parece-me delirar;
Porque naõ vê, que he loucura
Querer aprender a errar.

XXVI.

Da occaſiaõ.

Tem monete a occaſiaõ;
Dizem, que foje, ſe já
Naõ lançares della maõ:
Será da boa, que naõ
Creio tal coiſa da má.

XXVII.

Das Beatas falſas.

Huma gente abeatada,
Que naõ tem outro deſtino
Mais que vida regalada,
Naõ tem de divina nada,
Senaõ comer ao divino.

XXVIII.

Das endemoninhadas fingidas.

A muita gente ouvi já,
Que ha mulher, que finge ousada,
Que endemoninhada está;
Mas eu digo, que naõ ha
Fingida endemoninhada.
Talvez alguem me poem raso,
Gritando, que he muito crer;
Porém o meu parecer
He, que em similhante caso
Basta fingir para ser.

XXIX.

Propoem-se hum objecto notavel das nossas orações.

Sério te quero fallar:
Para que males abrandes,
Convem muito a Deos orar,
Que elle nos queira livrar
De erros de pessoas grandes.

XXX.

A hum velho muito mentiroſo.

Porque fallaõ a verdade,
Diz-ſe, que odio a velhos tem;
Tu déſte na habilidade
De mentir ſem piedade;
Tudo te ha de querer bem.

XXXI.

Ao que promette, e naõ dá.

Tu promettes largamente;
Mas em dar nunca te canças;
E por eſte modo alcanças,
Que te ſirva muita gente
Sem mais paga, que eſperanças.

XXXII.

Bondade do máo defunto.

Houve hum, que naõ teve dom
De virtude, e ſantidade,
Antes foi pura maldade;
Morre, diz tudo, que he bom;
Cara lhe cuſta a bondade.

Re-

XXXIII.

Regalos do mundo.

Gente pobre, e maltratada
Naõ ſe queixa nem de calos;
Eſſa gente regalada
Anda ſempre empalamada:
Naõ entendo taes regalos.

XXXIV.

A huma mulher pouco ajuizada por nome Maria.

Es louca, e obſervei hum dia,
Que criança balbuciante
Indo a chamar-te Maria,
Deu-te o nome de Mania,
Que era o mais conveniente.

XXXV.

A hum Poeta.

Em qualquer Poema, que obres
Queres, que todos os teos
Penſamentos ſejaõ nobres:
Se remedio naõ deſcobres,
He pô-los todos em Deos.

Con-

XXXVI.

Conſelho.

A ſabia gente, que explora,
Qual he no corpo o lugar,
Onde a alma eſtá, e mora,
Naõ cuide onde eſtá agora;
Mas cuide onde ella ha de eſtar.

XXXVII.

Eſtimaçaõ dos authores ſantos, e deſprezo dos authores impios.

Com Jeronymo caminho;
Gregorio me ha de guiar;
E deviaõ-me amarrar,
Se hum Ambroſio, e hum Agoſtinho
Por quatro birbas trocar.

XXXVIII.

Dos que ſe moſtraõ affeiçoados a authores impios.

Huns que os impios eſcritores
Louvaõ fóra dos limites,
Saõ falſos enganadores;
Naõ ſeguem eſſes authores,
Seguem os ſeus appetites.

XXXIX.

Do fallar por pendurados.

Pendurados ſó achais,
Em quem lhe entra no miolo
O diſtinguir-ſe dos mais;
E com pedantiſmos tais
Diſtingue-ſe; mas por tolo.

XL.

Dos que fazem oſtentaçaõ de eruditos.

Baſtante gente ha tentada
Em moſtrar, que he a primeira
Em ſciencia conſumada:
Em tudo quer dar pennada;
E dá; mas diz muita aſneira.

XLI.

Naõ quer o author feſtejar os ſeus annos.

Feſta de annos! façaõ eſta
Peſſoas mais pacientes;
Feſtejem, quem as moleſta;
Que eu naõ quero fazer feſta,
A quem me arrancou os dentes.

Dos

XLII.

Dos verſos ſatyricos.

Se faz ſatyras alguem
A ſujeitos nomeados,
Taõ más artes niſto tem,
Que inda ſabendo a arte bem,
Sempre faz verſos errados.

XLIII.

Dos que trazem flores no peito.

Com o devido reſpeito,
Que naõ ſei ſe hum delles és:
Quanto a mim todo o ſujeito,
Que traz ſua flor no peito,
Merece cravos nos pés.

XLIV.

Dos que dizem, que lhes apparecem defuntos.

Se algum vos diz, que lhe tem
Hum defunto apparecido;
Vereis, ſe obſervareis bem,
Que eſſe defunto ſó vem
Depois de elle ter bebido.

Dos

XLV.

Dos homens de virtude.

Dou, q̃ huns gabando-ſe venhaõ
De homens de virtude, quem
Crê taes homens, naõ vai bem;
Porque, pára que a naõ tenhaõ,
Baſta dizerem, que a tem.

XLVI.

Da noſſa má inclinaçaõ.

Quanto o genio da peſſoa
Humana he mal inclinada,
Rapazes o tem moſtrado,
Que nenhum faz coiſa boa,
Senaõ ſe for obrigado.

XLVII.

Dos eſcandaloſos no Templo.

Quem na Caſa de oraçaõ
Taõ pouca vergonha tem,
Que nem dizella convem,
He gente de devoçaõ;
Porém devoçaõ a quem?

XLVIII.

Dos que saõ difficultosos em tirar o chapeo.

Vendo algum com cola ao Ceo,
Disposto em ar de Milor,
Sem querer tirar chapeo,
Ou he grande tabaréo,
Ou soberbo, que he peior.

XLIX.

A Rodrigo, q̃ se honrava ser de Lisboa.

Es da Cidade maior,
Com isso te honras, Rodrigo;
Mas na verdade te digo,
Que te era muito melhor,
Que ella se honrasse comtigo.

L.

O numero dos tolos he infinito.

Numero infinito monta
O dos tolos, vou contado
Nelle, posto que me affronta;
Mas quem quer fugir da conta,
Esse he o mais refinado.

Aos

LI.

Aos que vem dançar o urſo.

Eſſe urſo máo dançador
Era caçador primeiro,
Enſinou-o o eſtrangeiro
A ſer melhor caçador;
Porque vos caça o dinheiro.

LII.

Sobre os que uſaõ de alenterna magica.

De Severo hum máo privado
Venda de poſtos fazia;
Severo ordenou irado,
Que morra em fumo affogado,
Viſto que fumo vendia.
Igual caſtigo preſumo,
Que mandaria ir fazendo,
Em o da alenterna vendo,
Que, ſe outro vendia fumo,
Elle anda ſombra vendendo.

LIII.

A hum que reprehendia os mais, e naõ emendava a ſi.

Moſtras com aviſos tantos
Ser tanto noſſo amador,
Que a ti tens menos amor;
Pois nos queres todos ſantos,
Ficando tu peccador.

LIV.

A hum que lhe chamaraõ ridiculo.

Foi ridiculo hum chamar-te;
A colera te fervia:
Antes deves contentar-te
De teres taõ boa parte,
Que nos cauſas alegria.

LV.

Aviſo a hũ velho, q̃ affectava ſer moço.

Com mocidade affectada,
Naõ ſe te ſabendo a era,
Vás com a perna curvada
A correr por huma eſcada;
Morte de queda te eſpera.

LVI.

A hum Poeta impertinente.

Já te naõ posso aturar;
Porque ha dias repetidos
Me vens versos empurrar;
Se os lês para me agradar,
Agradaõ-me mais naõ lidos.

LVII.

A hum que perguntava ao author; porque naõ comprava hum papagaio.

Papagaio com fallar
Nas minhas lições me atraza;
Assim longe de o comprar
Tomara-me eu descartar
De alguns que me entraõ em casa.

LVIII.

Economia.

A qualquer direi, que naõ
Pague obras adiantadas,
Que mudaõ de condiçaõ;
De adiantadas, que saõ,
Ficaõ obras atrazadas.

A

LIX.

A hum que de todos dizia mal.

Mais eſtranho natural,
Do que eſſe teu, nunca o vi;
Porque tens hum genio tal
De dizer de todos mal,
Que até o dirás de ti.

LX.

A hum anonymo.

Que naõ te enfadas de ler
Tens mil vezes repetido;
Dizem que naõ póde ſer;
Mas eu naõ deixo de crer;
Porque tu nunca tens lido.

LXI.

Da ſoberba, e do merecimento.

A ſoberba he mal commum,
O merecimento hum bem,
Em que os homens deſconvem;
Todos cuidaõ, que tem hum,
Nenhum cuida, que outra tem.

LXII.

A hum que celebrava muito os ſeus ditos, ſendo elles puras frioleiras.

Ninguem ha que naõ desfaça
Neſſes teus ditos; porém
Es mais ſubtil, que ninguem;
Porque achas em ditos graça,
Que nenhuma graça tem.

LXIII.

A hum jactancioſo de ſabio.

Baſta, que tu te me gabes
Deſſe teu muito entender,
Para me fazeres crer
Naõ ſómente, que naõ ſabes;
Mas que nem pódes ſaber.
Dá-te vontade de rir
De profecia taõ má;
Mas bem certa ha de ſahir,
Que naõ ſe póde inſtruir,
Quem cuida, que ſabe já.

LXIV.

A hum ambiciofo fem merecimento.

Tu bufcas exaltaçaõ,
He melhor naõ a bufcar;
Pois cuidas, que vás gozar
De huma grande eftimaçaõ;
E tu vás-te deshonrar.

Poucos fabem tua falta;
Porém ferá ao revéz,
No que cuidas, que te exalta;
Que grita a inveja em voz alta,
E publîca, o que tu és.

LXV.

Doença extraordinaria.

Hum mal dá por muita gente,
Que faz grande prejuizo;
E quem mais eftá doente
Deffe mal menos o fente:
He a falta de juizo.

LXVI.

Do deſprezo.

Sem horror, e ſem eſpanto,
Naõ poſſo deſprezos ver,
No que vai ruas varrer,
Quando Deos o prezou tanto,
Que quiz por elle morrer.

LXVII.

Da demaſiada preſumpçaõ.

Ora eu naõ ſei ſe ſou rudo;
Porém ſem duvida alguma
Tenho por verdade ſumma,
Que quem preſume de tudo,
Nada tem de que preſuma.

LXVIII.

Incredulidade do author.

Supponho, que vem hum cento,
Para certo me fazerem,
Que algum tem merecimento,
He lançar vozes ao vento,
Sem as obras mo dizerem.

Dizendo gente baſtante,
Que he damnado o caõ, morreo
A' voz do povo ignorante;
Aſſim ſe faz hum gigante
Do mais pequeno pygmeo.

LXIX.

Nobreza, e vileza.

He muito pouco ſubtil,
Quem vê, como qualquer obre;
E com iſſo naõ deſcobre,
Que ha muita nobreza vil,
E muita vileza nobre.

LXX.

Das romarias.

Os que a romarias vaõ,
Poderáõ ir mal, ou bem;
Elles lá o ſaberáõ:
Naõ ſei, ſe tem devoçaõ;
Mas gaita de foles tem.

LXXI.

Conselho.

Em mula de manha ruim
Outros caminhantes vaõ;
Mas se conselho te daõ
De ir em mula, que diz *sim*,
Dize tu logo, que naõ.

LXXII.

O louvor falso naõ me obriga.

Se hum, que dependente está
Hum louvor falso me deu,
A nada me obrigará;
Porque o louvor, que me dá,
Nunca fica sendo meu.

LXXIII.

Descobrimento de tolo.

Pelle de leaõ achou
Hum burro; e por precauçaõ
De modo alli se embrulhou,
Que entretanto naõ zurrou,
Sempre passou por leaõ.

Já vi burros, que tomaraõ
Geſto de hum homem prudente;
E entretanto naõ fallaraõ;
Ou em quanto naõ zurraraõ,
Sempre paſſaraõ por gente.

LXXIV.

A hum vingativo.

Dizes que has de dar com páo
Em hum vilaõ te offendendo,
A' tua honra attendendo:
Querer-te honrar com o máo
He honra, que eu naõ entendo.

LXXV.

A hum anonymo.

A' cara meter-nos queres,
Que he ſer á muſica dado
Sinal de predeſtinado:
Goſtas ſó da de mulheres,
He ſinal de condemnado.

Da

LXXVI.

Da mulher.

Na velhice a mulher ver
Muito perto a ſepultura
Lá lhe dá em que entender;
Mas ella antes quer perder
A vida, que a formoſura.

LXXVII.

A hum mouco, que perguntava muito.

Perguntas; e o reſponder
He, que naõ ſei, por fugir
De gritando enrouquecer:
Dizes, que vá aprender;
Vai tu aprender a ouvir.

LXXVIII.

Do heróe da guerra.

Vejo, que por heróe paſſa,
O que na guerra he valente;
Porém parece-me graça,
Que a gente hum heróe o faça;
Porque mata a meſma gente.

LXXIX.

Homem indigno de se soffrer.

Homem, que me vem fallando
Em fitas, e rocicleres,
Que me vem modas gabando,
Ou fujo delle, ou o mando,
Que vá fallar com mulheres.

LXXX.

Advertencia.

Se vires com mageſtade
Hum entre gente de bem
Fallar com mais liberdade,
Affectando authoridade;
Sabe que nenhuma tem.

LXXXI.

De hum Saloio bebado.

Quiz á infamia occorrer
Da bebedice hum Saloio;
E diſſe, que hia a pender,
Naõ pelo muito beber;
Mas por ter o vinho joio.

LXXXII.

Conſelho ás mulheres.

Conſervai voſſa decencia,
Mulheres, cuidai em vós;
Que ſe entrou a flatulencia
De dáreis em inſolencia,
Sereis peiores, que nós.

LXXXIII.

A Aphulacto.

O faſto, o jogo omittiſte,
Para pagar a acredores;
Como ſem jogo te viſte,
Para naõ andares triſte,
Tomaſte, naõ ſei que amores.
Deixa-te deſſa alegria,
Toma o teu jogo, e o teu faſto;
Bem vejo, que iſto ſeria
Ir de mania a mania;
Porém vás com menos gaſto.

LXXXIV.

Que naõ ſe deve crer em todos os que ſe queixaõ de dôr de cabeça.

Diz algum: Doe-me a cabeça:
Póde ſer, que diga bem;
Porém talvez aconteça
Ser engano, e lhe pareça,
Que tem cabeça; e naõ tem.

LXXXV.

Do que ſe buſca, e naõ ſe quer achar.

Gente rica; porém bruſca,
Que ſe vai comprimentar
Pelo intereſſe o mandar,
He a coiſa, que ſe buſca,
E que naõ ſe quer achar.

LXXXVI.

A hum deſconfiado.

Tu poderás ſer leal;
Mas que o és, inda naõ cri:
Como tens o natural
De julgar de todos mal,
Eu julgo peior de ti.

A

LXXXVII.

A diſcriçaõ na tolice.

Es bem tolo, ſenaõ vires
Taes tolices por ahi,
Que do teu ſerio te tires;
Mas ſe tu dellas te rires,
Alguem ſe rirá de ti.

Se és na diſcriçaõ completo,
Dirá, que tens máo miolo,
Quem naõ tem juizo recto:
Para ſer ſempre diſcreto,
Convem ſer ás vezes tolo.

LXXXVIII.

A hum incredulo.

Tu negas a Providencia;
Porém eu apoſtaria,
Que a veres, que te ſervia
A certa conveniencia,
Havias teimar, que a havia.

De

De Deos providente aqui
Vemos ſinaes a milhares;
Mas teimas em affirmares,
Que naõ cuida Deos em ti,
Só para em Deos naõ cuidares.

LXXXIX.

Ao meſmo.

Dizes, que em caſtigo eterno
Já mais havemos ter parte:
Ora digo, que tens arte
Em nos livrares do inferno,
Quando nelle vás lançar-te.

XC.

A hum, que converſando ſe eſcutava.

Perguntas, por que fugi
De comtigo converſar?
Tem pouco que adivinhar;
Porque te eſcutas a ti,
Naõ te quero eu eſcutar.

XCI.

A hum impertinente.

Dizes, que te naõ visito:
Perguntas-me, com que fim:
Devias supposto dito;
He por ver se assim evito,
Que me visites a mim.

XCII.

A hum impio.

Que sou fanatico clamas:
Dás-me hum epitheto honroso,
Quando cuidas, que me infamas,
Que tu fanatico chamas,
A quem he religioso.

XCIII.

Seculo illuminado.

Se acaso alguem me procura,
Porque este seculo errado,
Que he illuminado jura?
Perdeo a fé, que he escura;
E chamou-se illuminado.

XCIV.

A hum que affectava ſer engraçado.

Pertendes fazer-me rir ;
Quanto mais niſſo te eſmeras ,
Menos te ſahe o que eſperas :
Melhor te havia ſahir
Se cócegas me fizeras.

XCV.

A hum que repetia nas converſações as meſmas hiſtorias , e muito compridas.

Vens ſempre os meſmos contar
Contos de marca maior ;
Se he para eu os decorar ,
Eſcuſas de te cançar ;
Porque eu já os ſei de cor.

XCVI.

A huma peſſoa , que pertendia eleger director.

Eu naõ ſei ſe haverá reo ,
Do que me lembrou aqui ,
Que he director para ti ,
Que dirija para o Ceo ,
Naõ dirija para ſi.

XCVII.

A hum Algarvio.

Es praguejador eterno;
E naõ acho razaõ pouca
De efcrever nefte quaderno,
Que a tua boca he de inferno;
Pois tens o diabo na boca.

XCVIII.

A hũ que goſtava de ouvir murmurar.

Goſtas de ouvir detracçaõ;
Indo o detractor dahi,
Lá para onde outros eſtaõ,
Eſtes tambem goſtaraõ
De ouvir murmurar de ti.

XCIX.

Diſtinçaõ a huma opiniaõ vulgar.

Culpais de pouco atilados
Os morgados por inteiro:
O ſenaõ he verdadeiro,
Se vós fallais dos morgados,
Que eſtaõ faltos de dinheiro.

C.

Da riqueza, e pobreza.

Pare a fecunda riqueza
Parentes em quantidade:
Por contraria natureza
Faz a abortiva pobreza
Nelles grande mortandade.

CI.

Lisboa embaraçada.

O miſeravel humano,
Que andar a pé por Lisboa,
Para ſe livrar de damno,
Neceſſita ſer hum Jano,
Ou hum Argos em peſſoa.
Daqui com hum carro encalhas;
Vás para delle fugir,
Já vês huma ſege vir;
Ou em ceiraõ, ou cangalhas
Muito grandes vás cahir.

Daqui beſtas de moleiros;
Dalli as de ribeirinhos,
De lacaios, e arrieiros;
Em fim burros a milheiros,
E eſtes ſaõ os mais damninhos.

CII.

A Theodorico.

Queres ir, meu Theodorico,
Morar na Corte, e confeſſas,
Que has de ſer lá muito rico;
Serás, eu to certifico;
Mas rico ſó de promeſſas.

CIII.

Lamentaçaõ.

O' Igreja de Deos viva,
Muito por peccados meos
Vejo em ti da primitiva;
Mas he em tanta invectiva
Contra os Miniſtros de Deos.

Inde-

CIV.

Indecencia, naõ ſei ſe real, ſe apparente.

Quando vejo a diligencia,
Que huns fazem por governar;
Naõ me parece decencia,
Que hum voto de obediencia
Se empenhe tanto em mandar.

CV.

A Aſcbaſto.

Creio no que enſina a Igreja;
Mas já affirmarte ouvi,
Que a minha crença he ſobeja;
E eu naõ creio, que ella o ſeja,
Senaõ quando eu crer em ti.

CVI.

Succeſſo extravagante.

Para me deſenganar,
Hia ouvir o Prégador;
Dei lá com hum a pintar,
Com que aſſim fui-me enganar;
Que eu naõ queria Pintor.

CVII.

A hum pai.

Por deixar bens ſem medida
A filhos, dizes que naõ
Olhas, a que vá perdida
Saude, deſcanço, e vida:
Accreſcenta a ſalvaçaõ.

CVIII.

A outro.

Tens já hum filho eſcolhido
Para o mundo: bens lhe aprontas;
O mais no clauſtro metido;
No Ceo digo; mas duvido
Se o Ceo eſtá pelas contas.

CIX.

Da reverencia aos velhos.

Quando Roma naõ eſtava
Como agora, em decadencia,
Apenas velho paſſava,
O moço ſe levantava
A fazer-lhe reverencia.

Ho-

Hoje naõ ha graça tanta;
Mas quando o velho appareça,
Talvez moço se levanta,
Para ver se lhe quebranta
Com huma pedra a cabeça.

CX.

A Androde Grammaticastro, sobre huma sua composiçaõ latina.

Hum accusativo, Androde,
Puzeste aqui de maneira,
Que naõ sei onde o accommode;
Nem accommodar-se póde,
Senaõ se for na algibeira.

CXI.

A hum presumpçoso.

Tua pessoa naõ tem
Huma coisa de louvar;
E naõ te pódem tirar
De cuidares, que és alguem,
E só és em o cuidar.

Pre-

CXII.

Preplexidade.

Hum homem bem governado,
Que certo officio ſervio,
Veio a morrer empenhado;
Outro pobre, e carregado
De familia ſe ſeguio.
Depreſſa mudou de ſorte,
Grande tratamento he viſto
Nelle, filhas, e conſorte;
Comprou quinta, joga forte:
Eu naõ poſſo entender iſto.

CXIII.

A Anicula hypocrita.

Em quanto moça te vi
Muito pompoſa, e enfeitada
De untura, e teſta rapada;
E ſe olhavaõ para ti,
Moſtravas-te conſolada.

Tan-

Tanta pompa já deu fundo;
Vejo-te em modestia posta;
Mas eu farei huma aposta,
Que te desgostas do mundo;
Porque o mundo te naõ gosta.

CXIV.

A hum que procurava humas ratoeiras.

Que ratoeiras procures,
Coisa he, com que naõ engraço:
Em procurallas naõ cures;
Antes dellas te segures;
Porque as ha a cada passo.

CXV.

A hum hypocrita.

Serás humilde; mas tais
Sinaes vejo, que te digo,
Que tens muito máos sinais,
Em quereres tu os mais
Humildes para comtigo.

A

CXVI.

A huma hypocrita.

De ſeres juſta tens dado
Huns ſinaes, mas pouco cridos;
Que eu de juſtas naõ me agrado,
Que tenhaõ tanto cuidado
De ajuſtar bem os veſtidos.

CXVII.

A hum eſcandaloſo.

Que dia ha, que eu te naõ veja
Por Igrejas? e naõ vi
Outra obra, que boa ſeja:
He bem bom, que entres na Igreja;
Mas melhor, que entres em ti.

CXVIII.

A Ponero achacado.

Tenho de ti muito dó,
Que és nos votos infinito,
Por curar corpo maldito;
Porém naõ fazes hum ſó,
Para curares o eſprito.

CXIX.

A hum anonymo.

Dizem-me, que queres dar
Huma lampada a hum ſanto;
Eu louvo o dom ſingular;
Mas, ſe lhe fazes gravar
As armas, naõ louvo tanto.

CXX.

Do caſamento por amor.

Ha quem reprova ir caſar
Por amor, e me parece,
Que eſcuſa de o reprovar;
Que amor naõ tem já lugar;
Caſa-ſe por intereſſe.

CXXI.

Das diſcordias entre os caſados.

Tem infinitas tramoias
Entre caſados havido;
Porque a mulher tem ſentido
De ſe carregar de joias,
E de magoas o marido.

Con-

CXXII.

Conſelho.

Ha quem conſelho naõ quer
De mulher: eu lhe aconſelho,
Quando o conſelho vier,
Naõ olhe ſe he de mulher;
Olhe ſe he bom o conſelho.

CXXIII.

A hum anonymo.

Dizias mal das mulheres,
Muito mal do caſamento;
Que era affectaçaõ aſſento;
Porque hoje caſar-te queres
Tendo de annos quaſi hum cento.

CXXIV.

Optimo ſegredo.

Amar a ſua o caſado,
Sem amar outra por mal,
Seria hum ſegredo tal,
Que era melhor tello achado,
Que a pedra filoſofal.

CXXV.

A huma anonyma.

Tu queres moſtrar aos mais
Que andas com intençóes bellas ;
Mas ſaõ muito máos ſinaes
Ter livros eſpirituaes
Com os livros de novellas.

CXXVI.

Duvida.

Huma viuva no dia ,
Em que lhe morre o marido ,
Diz que mais naõ caſaria ;
Que lhe dure eſta porfia
Mais de oito dias duvido.

CXXVII.

A huma viuva.

Tendo o eſpoſo fallecido ,
Banhada em choro te vi ;
Mas deſſe choro duvido ,
Se he por amor do marido ,
Ou ſe he por amor de ti.

CXXVIII.

A hum anonymo.

Procuro hum homem ſciente:
Tu, que naõ tens conhecido,
Que ha muito lente fallido,
Apontas-me com hum lente:
He o ponto, ſe elle he lido.

CXXIX.

Tentaçaõ dos velhos.

He valente tentaçaõ
Dos velhos o edificar:
Em quanto na fundaçaõ
Das caſas cavaõ o chaõ,
Cava outro, onde os enterrar.

CXXX.

Do homem falto de razaõ.

Se vires hum, que porfia
Contra a razaõ demonſtrada,
E naõ dá por ella nada,
Prende-o em huma eſtribaria,
Deita-lhe palha, e ſevada.

Re-

CXXXI.

Regra de gaſtar bem o tempo.

Se queres ſer bem regrado
Em o tempo conſumir,
Faze que tempo paſſado
Naõ te deixe amedrentado
Para o tempo, que ha de vir.

CXXXII.

Aos ocioſos.

Ocioſos tal, ou qual
Queixa ſempre vos contraſta;
Vem-vos cedo à hora final;
Pois gaſtais o tempo mal,
Vinga-ſe elle, e mal vos gaſta.

CXXXIII.

Conſolaçaõ.

Huma vida, que virá,
Me conſola em tanta lida,
Quanta eſta vida nos dá:
Que conſolaçaõ terá,
Quem naõ crê em outra vida?

CXXXIV.

Definiçaõ vulgar da felicidade.

Perguntais, naõ ſei a quem,
Que coiſa he o ſer feliz;
Diz, que o ter muito vintem,
Comer bem, e beber bem;
Mas viver bem naõ ſe diz.

CXXXV.

Da felicidade terrena.

Felicidade preſente,
Digo a de cá, he bem feia;
Seu proprio nome deſmente;
Porque ſe faz commummente
Da triſte miſeria alheia.

CXXXVI.

Dos ricos.

Como ha muito quem ſe applica
A ſer rico, ſem querer
O ſeu officio aprender,
Ha muita peſſoa rica;
E poucas, que o ſaibaõ ſer.

CXXXVII.

Do avarento.

Em tendo dinheiro junto,
Vai enterrallo o avarento;
Bem gente tem ſentimento
De a naõ levar o defunto
No ſeu acompanhamento.
Naõ quer o avaro malvado
Neſte enterro companhia:
Grande mal, que ſe a ſoffria,
Eu apoſto, que o enterrado
Neſſa noite reſurgia.

CXXXVIII.

A hum avarento.

Quem murmura, que a ninguem
Fazes bem, como eu ouvi,
Maldita a razaõ, que tem:
Como farás a outro bem,
Se nem o fazes a ti?

CXXXIX.

Da uſura, e ſimonia.

Pertenderaõ viajar
Uſura, e mais ſimonia;
Mas qualquer dellas temia,
Que ouvindo-ſe nomear,
Lhe façaõ deſcortezia.
Mudaõ o ſeu nome, e vaõ;
Sahio-lhes taõ bem a traça,
Que pelo lucro, que daõ,
Em vez de deſattençaõ
Gente infinita as abraça.

CXL.

Do avaro.

Hum avaro naõ ſe prende
A amores; ſó ſe ſe ajuſta
Com coiſa, que muito rende;
Mais amores naõ entende,
Que bem ſabe o que iſſo cuſta.

CXLI.

Caſo.

Hum filho quiz ir nadar,
A triſte mãi receando
Lhe começou a gritar:
O' vai-te lá affogar,
E vem para cá chorando!

CXLII.

Parallelo.

Como mentira correſſe
Da minha vida acabar,
Eſcreveo-me certo alvar;
Que ſe eu morri lhe eſcreveſſe,
Para ſe deſenganar.

CXLIII.

A hum velho namorado.

Morde-te gente baſtante,
Olhando a quem tens amor:
Serás prudente amador,
Se te fizeres amante
De Medico, e Director.

CXLIV.

A hum anonymo.

Eſtudas a arte de amar;
Eſſa he arte de eſparrellas:
Se queres aproveitar,
Deves huma arte eſtudar,
Para te livrares dellas.

CXLV.

A hum perverſo, que dava muitos, e bons conſelhos.

Tu me dás ſem lucro algum
Bons conſelhos, e darás;
Naõ quero ficar atraz;
Melhor, que todos, dou-te hum,
E he, que tomes os que dás.

CXLVI.

Excepçaõ da regra, que diz, que o amor vence tudo.

Gente de baſtante eſtudo,
E de claro entendimento
Com hum geral documento
Diz, que o amor vence tudo;
Eu exceptuo o avarento.

Mas fallo de outros amores,
E naõ do amor do dinheiro;
Que em amallo he o primeiro,
Sem delle eſperar favores;
E chamaõ-lhe intereſſeiro.

CXLVII.

A hum que ſe agoniava de o contradizerem.

Mal comigo te puzeſte,
Só porque te contradigo:
Tu primeiro mo fizeſte;
Porque primeiro diſſeſte
O contrario, do que eu digo.

CXLVIII.

Temor peſſoal.

Mais temo a mim, que inimigo,
Que me poſſa dar o fim:
Tenho em mim maior perigo;
Pois para onde vou me ſigo,
Sem poder fugir de mim.

CXLIX.

Do juramento do taful.

Em vaõ o taful procura
Com jurar fazer-me crente;
Naõ poſſo crer huma gente,
Que todos os dias jura,
E todos os dias mente.

CL.

Morte do rico.

Morre hum rico, e quem o ſente
He pobre, a quem deu eſmola;
Porque toda a ſua gente,
Ou da herânça eſtá contente,
Ou com ella ſe conſola.

CLI.

Da Oraçaõ funebre a ſujeito indigno.

A Principe, que vivendo
Foi naõ ſó máo, mas maldade,
Louva-o o pulpito em morrendo;
Neſte ponto naõ entendo
Tal cadeira da verdade.

Pane-

CLII.

Panegyrico molesto.

Bem máo sou, visto que tanto
Hum Prégador me molesta,
Que por lucrar tanto, ou quanto,
Em vez de prégar do Santo,
Préga de quem faz a festa.

CLIII.

Do individado, que faz grandes edificios.

Faz hum, que dividas tem,
Edificio de primor;
E quando espera louvor,
Se algum da obra diz bem,
Muitos dizem mal do author.

CLIV.

Do Peralta com palito na boca.

Por mostrar, que tem comido,
Traz Peralta na vasia
Boca hum palito metido;
E talvez só tem roido
Palito naquelle dia.

CLV.

A hum anonymo.

Hoje és peſſoa exemplar,
Foſte peſſoa perdida;
Vás diſpoſto a te ſalvar,
Se eſſa mudança durar,
Em quanto durar a vida.
Deos queira ſer tua guia,
Para naõ teres o cabo
De rapaz, que outro o ſeria:
Jeſus, Jeſus principia;
E acaba em valha-te o diabo.

CLVI.

Que tambem ſe muda o nome no matrimonio.

Algum que for recebido
Com ſenhorita, daquelle
Nome antigo, e appellido,
Dê-ſe já por deſpedido;
Que ella ha de lhe chamar *elle.*

Do

CLVII.

Do modo com que vaõ os moços, e velhos na prociſſaõ.

Gente moça em prociſſaõ
Vai com os olhos no Ceo;
Só peticego anciaõ
Leva os ſeus olhos no chaõ
Com medo de algum boléo.

CLVIII.

Duvida, e repoſta.

Algum ha de duvidar,
Porque eſcrevi tantos chiſtes:
Quiz triſtes alliviar;
Que cuſta já muito a achar
O livro Allivio de Triſtes.

LIVRO VI.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

HA muitos livros, que ſaõ
Qual talha de azeite immundo:
No fundo borras eſtaõ;
Eu cuidarei, em que naõ
Aches as borras no fundo.

II.

Que o mundo he maſcarada.

Eſte mundo he maſcarada,
Ninguem nelle he conhecido,
Toda a gente anda tapada;
He mui diverſa a fachada,
Do que eſtá dentro eſcondido.

Tanta maçã de Sodoma,
Que por eſte mundo vaõ,
Fóra tudo he perfeiçaõ;
Dentro naõ ha quem as coma;
Que eſtaõ cheias de carvaõ.

A-

III.

Arrependidos.

Homens ha de condiçaõ,
Que ſe naõ pódem ſoffrer;
Porém vem-ſe a arrepender;
E ſe alguma coiſa ſaõ,
He, porque deixaõ de ſer.

IV.

A hum anonymo.

Contas-me, que contendias
Com muitos Mouros, e aquelles
Inteiramente vencias;
Eu creio, que os vencerias,
Em ſer mais Mouro, do que elles.

V.

A Oinoco taverneiro.

Oinoco, trago huma magoa
Bem grande no mais interno
Do meu coraçaõ; e trago-a,
Vendo que carga de agoa
Vás dar no fogo do inferno.

VI.

A hum anonymo de hum ingrato.

Mil annos, que viva cá,
Diz, que obrigações, que deve,
Nelles te naõ pagará;
Eu creio, que aſſim ſerá;
Pois nunca tal tençaõ teve.

VII.

De Treponio ſoldado.

Vens, Treponio, a requerer,
Acho-te razaõ baſtante
Para deſpachado ſer;
Porque ao menos no correr
Ninguem te poz o pé diante.

VIII.

Da vida.

Ha gente, a quem muito amarga
Liberdade reſtringida;
Quer vida larga, e mais larga,
Sem ver, que quem muito a alarga,
Eſſe encurta mais a vida.

IX.

Homens inertes.

Ha muitos homens, que trazem
Hum animo propendente
A arraſtar, como ſerpente,
Ficaõ-ſe em homens naõ fazem
Diligencia por ſer gente.

Nem ſabem, nem ſe ſoccorrem
De ſaudaveis conſelhos,
Com que amigos lhes occorrem;
Naſcem, como eſcaravelhos
No eſterco, e no eſterco morrem.

X.

A hum tolo.

Es eſpecie de animal
Com taõ pouca intelligencia,
Que eu naõ ſei ſe és racional;
Mas dado, que ſejas tal,
Só o ſerás em potencia.

XI.

Do uſo de côr no roſto.

Ha quem cenſura a mulher,
De que côr no roſto ponha;
Ponha-a, e dê, donde der;
Que talvéz, ſe a naõ puzer,
Nem côr terá de vergonha.

XII.

Do ſoberbo.

Ninguem cortez attençaõ,
Em hum ſoberbo viria:
Sollicíta exaltaçaõ,
E moſtra ſer hum vilaõ,
Que nem ſabe cortezia.

XIII.

Da fortuna.

A ver, ſe fortuna obtem,
Muita gente sûa, e anela:
Bem tolo he quem ſe deſvela;
Que fortuna ſó a tem,
O que naõ faz caſo della.

XIV.

Do augmento da maldade.

Contra os que tem ſantos dons
Ha máos em tal quantidade,
Que receio, que a maldade
Exclua os bons, que por bons
Lhe fazem má ſociedade.

XV.

A huma mulher barbuda.

Nas barbas homem pareces;
Que és mulher, ſempre tens dito,
E neſſe traje appareces;
Em fim tu lá te conheces:
Eu julgo-te hermafrodito.

XVI.

Qual he o melhor julgador.

He o melhor julgador,
O que he ſabio, o que he prudente,
O que odio em ſi naõ conſente,
E ſe julgar por amor,
Seja á juſtiça ſómente.

XVII.

A hum vèlho preſumido de valente.

Para as tuas valentias
Só baſta, que te pareça,
Que eu fujo; pois me ſeguias;
Torpeçavas, e cahias;
E quebravas a cabeça.

XVIII.

Do juiz pobre.

Naõ he muito, que juſto obre
O rico, que naõ o atiça
A pobreza, a que ſe dobre;
Mas juſtiça em juiz pobre
Pede hum louvor de juſtiça.

XIX.

A huns meninos de eſcola de ler, cujo meſtre para os exercitar em picaria, os fazia montar em canas.

Neſſa falſa picaria
Voſſo meſtre vos engana;
Porque he louca fantaſia
Aprender cavallaria
Em huns cavallos de cana.

O que em taes cavallos vai,
Nunca ſerá cavalleiro:
As voſſas canas deixai;
E no meſtre vos montai,
Que he cavallo verdadeiro.

XX.

Dos ſoberbos.

Juntas aranhas baſtantes
Entre ſi ſe mataraõ;
Aſſim os ſoberbos ſaõ;
Sendo todos ſimilhantes
Nunca tem boa uniaõ.

XXI.

A hum alfaiate, que lhe tardava com hum veſtido.

O meu fato naõ ſe talha,
Nem cuidas em ſe fazer;
Ora avia, deſencalha;
Que he fato, naõ he mortalha,
Que venha, quando eu morrer.

XXII.

A hum (como dizem) levantado do pó da terra.

Hontem de taõ pouco preço,
Hoje eſtás no galarim;
Mas taõ mudado do aveço,
Que quaſi te naõ conheço;
Tu inda menos a mim.

XXIII.

A hum ſoberbo.

Sabes tu, por que nos vens
Com eſſa cola taõ alta
Inchado com os teus bens?
He por cuidar, no que tens;
Naõ cuidar, no que te falta.

XXIV.

A hum glotaõ.

Quando tu és convidado,
Para encher eſſes ilhais,
Se eſtás de antes aviſado,
Dizem-me, que vás purgado,
Para accommodares mais.

XXV.

A hum que tinha muito medo da morte.

Dôe-te levemente hum dedo;
Tomas hum medo taõ forte,
De que venha a morte cedo,
Que te matará o medo
Primeiro, que a mesma morte.

XXVI.

A hum que comia terra.

Comes terra; e ouço dizer,
Que respondes muito inteiro,
A quem te vai reprehender,
Que, se ella te ha de comer,
A queres comer primeiro.
Tu dizias bem, a seres
Livre de te comer essa
Com tu primeiro a comeres;
Mas isso mesmo he fazeres,
Que te coma mais depressa.

XXVII.

A hum que permanecendo nos vicios, admoeſtava os mais a que viveſſem virtuoſamente.

Os mais á virtude chamas;
Tu nunca vás para ahi:
Tal caridade naõ vi;
Porque o teu proximo amas
Mais que tu amas a ti.

XXVIII.

Da memoria.

Naõ ſei que coiſas darás
Mais que a memoria valente;
Volta o tempo para traz;
Pois o que he paſſado faz,
Que nos ſeja inda preſente.

XXIX.

Do Meſtre, que o Author tem para ſer acautelado.

Meſtre, que preſente eſtá,
Faça alguem acautelado
Com doutrinas; mas eu cá
Tenho hum Meſtre, que naõ ha,
Que he o tempo já paſſado.

XXX.

A hum Geografo muito porco.

No de longe eſtás bem certo;
Mas ſempre porco te vi;
Es para o de longe eſperto;
Mas he máo, que de ti perto
Te eſqueças tanto de ti.

XXXI.

A hum caõ, que ſe lhe deitava em cima da cama.

Senhor caõ, que ſempre o vejo
Na minha cama veſtido;
Naõ ſe deſpe por ter pejo;
E eu tenho grande deſejo
De o ver no campo deſpido.

XXXII.

A hum que tinha grande memoria.

Tua memoria he portento;
Sabes de livros centurias;
Porém eu mais me contento
Com o teu eſquecimento,
Que he ſómente das injurias.

XXXIII.

Conſelho.

Arreda-te ſem preguiça,
Do que abunda em parvoiſſe;
Porque ſe alguem inquiriſſe,
Que queixa ha mais pegadiça,
Eu diſſera, que a tolice.

XXXIV.

A hum que tinha as ventas largas.

Pedias huma theſoira
Para alguns lenços cortar;
Lenços naõ pódem baſtar;
Preciſas pá, e vaſſoira
Para as ventas alimpar.

XXXV.

Que nas arduas emprezas naõ nos devemos fiar ſó no noſſo entendimento.

Occorrendo hum arduo intento,
Tomar conſelho convém;
Que ſe entaõ ſe fia alguem
Só no ſeu entendimento,
Fia-ſe no que naõ tem.

Da

XXXVI.

Da vontade.

A vontade he deſigual;
Azas tem, e azas naõ tem:
Naõ pódes entender tal;
Pois tem azas para o mal,
Naõ tem azas para o bem.

XXXVII.

De Calliergo preſumpçoſo de gentil.

Anda toda a terra cheia,
Que de gentil, e de airoſo
Calliergo ſe gloreia:
Em homem coiſa he bem feia
O preſumir de formoſo.

XXXVIII.

A hum que ſempre andava levantando o calçaõ.

Tu ſempre andas a ſubir
O calçaõ: a gente ri-ſe;
Mas poſſo-me perſuadir,
Que mais ſe havia de rir,
Se de todo te cahiſſe.

XXXIX.

De Phaulo.

Phaulo louvores queria,
Sem ter, que lhe elogiassem:
Extratonica seguia,
Que era calva, e pertendia,
Que o cabello lhe louvassem.

XL.

Conselho.

Mulher, que estás taõ sujeita
A linguas do povo errado,
Se queres honra perfeita,
Has de fugir da suspeita
Tanto, como do peccado.

XLI.

Ao Mundo.

Debalde mostrando vens
Grato, o que em dois dias passa:
Quem acha graça nos bens,
Que tu, falso mundo, tens,
Tem pouca, ou nenhuma graça.

XLII.

Da elevaçaõ, e depressaõ dos homens.

Subir vejo huns dos mortaes,
Para baixo outros correr,
Sem algum socego ter;
Mas os que descem saõ mais,
Que he mais facil o descer.

XLIII.

Que naõ ha fundamento para a vã-gloria.

Como he máo tudo o quê he meu,
Delle me naõ vãgloreio;
Se de vãgloria ando cheio
Pelos bens, que Deos me deu,
He ter vãgloria do alheio.

XLIV.

Que só tem honra, quem a merece.

Quem em meritos florece,
Dado que o naõ honre alguem,
Nem assim de honra carece:
Quem a tem, e a naõ merece,
Cuida que a tem, mas nada tem.

Que

XLV.

Que naõ creamos facilmente na fama, que algum tem de ſabio.

Se hum tem fama de ſciente,
Ninguem no ſeu ſaber creia
Sem hum contraſte eminente;
Que o ſaber de muita gente
Naſce de ignorancia alheia.

XLVI.

Que ſe ama o que ſe naõ conhece.

Dizem, que ninguem tomara
Amor, a quem naõ conhece;
O contrario me parece;
Pois ninguem o mundo amara,
Se o mundo bem conheceſſe.

XLVII.

Diſplicencia das aſſembléas.

Acho lugares mais gratos;
A aſſembléa naõ me agrada;
Muita gente miſturada
Faz converſaçaõ de patos;
Gritaõ, naõ ſe entende nada.

Con-

XLVIII.

Conſelho.

Naõ queiras dos vicios nada;
Que, ſe huma vez os recebes,
Faça-te a ſede pegada;
E ſaõ, como agua ſalgada,
Mais ſede, quanto mais bebes.

XLIX.

Que pouco, ou nada vale, quem ſe vã-gloreia, por ver outros inferiores a ſi.

Quem por ver outro inferior
De ſer nobre ſe gloreia,
Naõ póde ter explendor;
Porque todo o ſeu valor
Lhe vêm da miſeria alheia.

L.

A hum que cria em bruxas.

Que ha bruxas tens aſſentado;
Nunca cri peta tamanha;
Mas vejo que vou errado;
Porque tu ſó embruxado
Pódes crer em tal patranha.

A

LI.

A hum que detrahia nos mais para ſe elevar.

Ninguem he bom, que naõ ande
De ti muito eſcarnecido;
Se queres outro abatido,
Para fazer de ti grande,
Es grande em certo ſentido.

LII.

A hum que ſe fingia profeta.

Queres, que eu faça juizo,
Que és profeta verdadeiro:
Digo-te em todo o meu ſizo,
Que eu o ſou; pois profetizo,
Que tu és fino embuſteiro.

LIII.

A hum peccador publico.

Com a má fama, que cobras
Muita gente contaminas,
Por iſſo os peccados dobras;
Porque peccas, pelo que obras;
E peccas, pelo que enſinas.

LIV.

Da utilidade da virtude.

A virtude de hum ſujeito
Faz muitos affortunados :
Mil, e mil, e alguns malvados,
Eſtaõ tirando proveito
Da virtude dos paſſados.

LV.

A hum que cuſpia muito.

Se proſegues em cuſpir,
Será eſta caſa hum mar :
Tu deixa-te ahi ficar,
Que eu boto já a fugir
Com medo de me affogar.

LVI.

Dos amplificadores da liberdade.

Liberdade ſem limite
Querem muitos ; porém vaõ
Muito mal ; porque elles daõ
Liberdade ao appetite,
E cativeiro á razaõ.

Para-

LVII.

Paranesis.

Obedecei á regencia;
Que se vos naõ sujeitais,
Tudo vai em decadencia:
Faltando á obediencia,
A quanto he vosso, faltais.

LVIII.

Dos que estudaraõ para burros.

Huns, que dizem, que estudaraõ,
E foraõ, como vieraõ,
Melhor he, que se calaraõ,
Que a preguiça naõ mostraraõ,
Ou rudeza, que tiveraõ.

Sendo nescios confirmados,
Buscaõ todas as maneiras
De se mostrarem letrados,
Metem-se a licenciados,
Mais, que outros, dizem asneiras.

LIX.

A hum máo Alfaiate.

.Naõ te causara espanto,
Se obra na loje te tarda;
Pois dizem, que sabes tanto,
Que foste talhar hum manto,
E te sahio huma albarda.

LX.

Que naõ devemos crer, que outros saõ nescios.

Naõ tirarás bom partido
Crendo nascia alguma gente:
Ha muito nescio fingido;
Vê-te desapercebido,
Faz-se sabio de repente.

LXI.

De quanto o nescio he abominavel.

Terá muito que sentir,
Quem se chega a sujeitar;
Mas quizera antes achar
Hum sabio para o servir,
Que hum nescio para o mandar.

LXII.

Que o tolo he prompto em resolver duvidas.

Occorre hum caso intrincado;
O varaõ sabio, e prudente,
Vê-se nelle embaraçado;
Chega hum tolo confirmado,
E resolve de repente.

LXIII.

Da ingratidaõ do avarento.

Naõ serás correspondido,
Se a avaro fazes favor;
He beneficio perdido;
Que elle he taõ agradecido,
Como hum morto he fallador.

LXIV.

A hum que ria intempestivamente.

Ris sem que, nem para que;
Mas pódes-te persuadir,
Que o sujeito, que te vê
Rir sem saberes de que,
Já sabe, de que ha de rir.

Con-

LXV.

Conſelho ao adulador.

Liſonjeiro, deixa o intento
De louvar o deſvarío
De hum avaro macilento;
Que adular hum avarento
He malhar em ferro frio.

LXVI.

De hum anonymo a reſpeito do ingrato.

Naõ te queiras chegar perto
De hum ingrato deſcarado;
Porque he inferno o malvado
Para receber aberto,
E para largar fechado.

LXVII.

A hum toureiro.

Sortes fazes a peſſoas,
Que te daõ hum bom importe;
Vê lá como te abotoas,
Que entre tantas ſortes boas
Eu te temo huma má ſorte.

LXVIII.

Da ſemrazaõ.

Odio, e amor taõ longe eſtaõ
De em razaõ a coiſa pôr,
Que fóra della a poráõ;
E hoje naõ ha mais razaõ,
Que a que dá odio, ou amor.

LXIX.

Sobre hum dito de Plutarcho.

Serve pouco a valentia,
Onde ha falta de razaõ,
Hum ſabio antigo dizia:
No ſeu tempo aſſim ſeria;
Mas no noſſo tempo naõ.

LXX.

A hum anonymo.

Em quanto foſte abaſtado
Eras mui prompto em gaſtar;
Ficaſte em todo eſgotado,
Es agora governado;
Mas naõ tens, que governar.

Do

LXXI.

Do gulofo.

Todo o varaõ virtuofo
Cuida em procurar o meio ;
Porque o extremo he viciofo:
Naõ quer meio, o que he gulofo,
Quer o eftomago bem cheio.

LXXII.

Que nem todo o agente obra por amor do fim.

Dizem que todo o agente
Trabalha para algum fim ;
Quem ajunta, e naõ confente
Gaftar nem inda doente,
Parece naõ fer affim.

LXXIII.

Qual he o melhor confelho.

Dá-fe muito parecer ;
Mas nenhum mais fingular
Confelho me pódem dar,
Que aquelle, que faz faber,
Com quem me hei de aconfelhar.

LXXIV.

A hum anonymo, que lia novellas.

Porque causa te desvélas
Novellas lendo? eu diria;
Que te deixasses tu dellas:
Para que has de lêr novellas,
Se as ouvimos cada dia?

LXXV.

A huma mulher, que dava no marido.

Fallaõ com pouco sentido;
Cadaqual diz o que quer;
Dizem que dás no marido;
Mas eu estou persuadido,
A que tu dás na mulher.

LXXVI.

Da liberdade em fallar.

He sinal de fidalguia
A liberdade em fallar;
Naõ sei que antigo ó dizia;
Porém eu antes diria,
Que he sinal certo de errar.

Do

LXXVII.

Do cativeiro.

Cativamos por dinheiro
Almas por Deos resgatadas;
Sejaõ estas libertadas,
E ponhaõ-se em cativeiro
Linguas soltas, e damnadas.

LXXVIII.

Da liberdade.

Huma inteira liberdade
Nunca neste mundo a vi;
Porque huns servem a maldade,
Alguns a sua vontade,
Todos finalmente a si.

LXXIX.

Das causas das doenças.

Calores, e frialdades,
Alimentos depravados,
Aguas de más qualidades,
Causa saõ de enfermidades;
Mas a maior saõ peccados.

LXXX.

Da ſaude.

Se o corpo naõ eſtá são,
Todos os goſtos tem fim;
Aſſim com muita razaõ
Tem ſaude, e ſalvaçaõ
O meſmo nome em Latim.

LXXXI.

Dos eſpiritos fortes.

Gente de tal deblidade,
Que julgando, que naõ póde
Praticar com equidade
Lei de tanta ſociedade
O jugo della ſacode;

Gente, que ſuſpeite nullo
O ſeu ſyſtema de forte,
Que deſmaia em vindo a morte;
Temendo de errar o pulo,
Porque ſe ha de chamar forte?

Mas

Mas já sei donde lhe vem
Esforço taõ singular,
Que forte se quer chamar:
He pelo animo que tem
De no inferno se lançar.

LXXXII.

A hum Medico.

Experiente dizes ser:
Póde haver ahi fallencia;
Assim naõ te posso crer,
Sem eu experiencia ter
Da tua mesma experiencia.

LXXXIII.

Que coisa he mais frequente no mundo?

Talvez que hum sabio, e prudente
Me naõ saberá dizer,
Que coisa costuma ser
Neste mundo mais frequente:
Pois he nascer, e morrer.

Que

LXXXIV.

Que o caminho de ſer, he caminho de naõ ſer.

Sem creſcer naõ ſomos nada;
Para ſer ſe ha de creſcer,
Que he caminhar a morrer;
Com que aſſim a meſma eſtrada
He a de ſer, e naõ ſer.

LXXXV.

Dos que criaõ flores.

Huns do tempo gaſtadores
Criaõ flores, e eu reputo
Inuteis taes creadores;
Que de homens, que criaõ flores,
Naõ ſe eſpera muito fruto.

LXXXVI.

A hum Eſtudante preguiçoſo.

Teu pai notavel eſcolha
Para o eſtudo de ti fez,
Deſpachado Portuguez,
Que, para mudar a folha
Do livro, gaſtas hum mez.

De

LXXXVII.

De Deos.

Eu naõ me atrevo a dizer,
Que he Deos coisa muito escura;
Porque para o conhecer
Basta-me só attender
A' mais pequena creatura.

Se observa qualquer pessoa
A trombeta de hum mosquito,
Inda que ella pouco sôa,
He trombeta, que apregôa
Aquelle ser infinito.

LXXXVIII.

Qual he o maior perigo.

Que perigo era o peior,
Perguntou hum meu amigo;
E eu de repente lhe digo;
Que o perigo, que ha maior
He naõ lembrar do perigo.

LXXXIX.

Inconveniente dos Authores ſubtîs.

Es hum agudo eſcritor;
Quaſi tudo entende pouco;
E o que he máo entendedor,
Em vez de te dar louvor,
Vai dizendo, que és hum louco.

Hias fama procurar
Com teu agudo eſcrever;
Naõ a pódes alcançar;
Porque o caminho de a achar
He caminho de a perder.

XC.

De huma criada janelleira.

Huma ſerva taõ poupada
Tenho (diſſe hum) e taõ bella,
Que para a boa criada
Naõ ter a caſa occupada,
Foi morar para a janella.

XCI.

Da triſteza da noſſa vida.

De Heraclito ouço dizer,
Que o ſeu choro teve fim
Só depois de elle morrer;
Mas eu tomara ſaber,
Quem ha que naõ ſeja aſſim.

XCII.

Do choro do herdeiro.

Se virdes algum chorar
Na morte de hum avarento,
Do qual elle eſpera herdar,
Deixai-vos de o conſolar,
Que chora por comprimento.

XCIII.

A hum que chorava ſeu irmaõ auſente.

Auſente de teu irmaõ
Naõ fazes mais que chorar;
Mas tem a conſolaçaõ,
Que a auſencia te dá paixaõ;
A auſencia ta ha de curar.

XCIV.

Do Filosofo Clazomeno.

Clazomeno perguntado,
Para que nasceo, dizia:
Para ver o claro dia,
A Lua, e o Ceo estrellado.
Que mandriaõ que seria!

XCV.

Da confeiçaõ anacardina.

A anacardina se exalta
Por dar a memoria augmento;
Mas quem a beber assento,
Que se á memoria lhe falta,
Mais lhe falta o entendimento.

O que bebe tal bebida
Dizem, que perde hum sentido;
Mas como elle arrisca a vida,
O de pessoa entendida
Leva de ante maõ perdido.

Da

XCVI.

Da occasiaõ.

Occasiaõ para o bem
Deve ter lugar primeiro;
Mas poucos devotos tem;
A de fazer mal porém
Compra-se por bom dinheiro.

XCVII.

De Laura rica, que casou com Bermudo pobre, por ter bons dentes.

Namorada dos bons dentes
Casou Laura com Bermudo;
Naõ foi pensamento rudo;
Deraõ prova de excellentes;
Porque lhe comeraõ tudo.

XCVIII.

A Rodrigo.

Se me encontras, meu Rodrigo,
Fazes perguntas frequentes;
Porque naõ sou eu amigo
De ter negocios comtigo?
Ha fama, de que tu mentes.

Da

XCIX.

Da alegria.

Os que trataõ da alegria
Affirmaõ, que he muito bella;
Mas talvez já ſe veria
Tal, que nojo meteria,
Conforme o motivo della.

C.

Da raiz dos maiores pezares.

Que máos climas, que máos ares!
Que vaõ de pálidos roſtos!
Cauſas de pena a milhares;
Mas os maiores pezares
Naſcem dos maiores goſtos.

CI.

A hum mentiroſo.

Quando naõ fallás verdade,
Dás juramentos frequentes,
Para nos fazeres crentes;
E eu com menos falſidade
Poſſo jurar, que tu mentes.

CII.

Ao mesmo.

Eu ouço-te referir
De hum modo agora huma historia;
De outro ta vou logo ouvir:
Fraco mestre he de mentir,
Quem tem taõ fraca memoria.

CIII.

A huma mulher chocalheira.

Entre os teus máos procederes,
Que eras chocaleira ouvi:
Naõ és; porque, para o seres,
Convém chocalho trazeres
Para fugirmos de ti.

CIV.

Que difficultosamente se vive em paz.

Tanto mal a guerra traz,
Quanto bem a paz encerra;
Mas está de modo a terra,
Que o mesmo he hum querer paz,
Que porem-lhe os outros guerra.

CV.

Da verdade.

Quem a verdade conhece
Diz, que ella tem prendas boas;
Mas tal vergonha padece,
Que a bem poucõs apparece,
Menos a grandes peſſoas.

CVI.

A hum deſavergonhado.

Tens huma coiſa bem rara,
E que parece, que implica;
Por mais que com agua clara
Cuidas em lavar a cara,
Sempre deslavada fica.

CVII.

Quem he o que mais falla.

Se hum curioſo em ſaber
Me vier a perguntar,
Quem ſe naõ póde callar?
Tem pouco que reſponder;
He quem naõ ſabe fallar.

CVIII.

Duvida.

Naõ ſei que fatuidade
Tem huns ſujeitos primeiros,
Que lhes amarga a verdade,
E ouvem de boa vontade
Patranhas de liſonjeiros.

CIX.

Conſelho.

Se tu has de andar com medo,
Que ſe diga aqui, e alli,
O que queres em ſegredo,
Nem o fies de hum penedo,
E, ſe pódes, nem de ti.

CX.

A hum què naõ ſabia guardar ſegredo.

Naõ hei de nem por dinheiro
De ti ſegredo fiar;
Pois fica mais são, e inteiro,
Se eu o diſſer ao porteiro,
Que mo vá a pregoar.

CXI.

Que a vida he morte, &c.

Nós vida eſtamos chamando
A' que vai ſempre a correr:
Morte a devemos dizer;
Porque ir a vida faltando
Nada he mais do que morrer.

Que gente he taõ eſquecida
Da razaõ, da lei, da fé,
Tal que faça fincapé
Em huma caſta de vida,
Que ainda quando he, naõ he.

CXII.

Regra para ſer bom.

Para que em tal ordem andes,
Que ſejas hum dos melhores,
Quero que te naõ deſmandes
A deſprezarem-te os grandes,
Ou temerem-te os menores.

CXIII.

A hum Peralta.

Alli do pé para a maõ
Te fizeſte cavalheiro;
Mas tens dado occaſiaõ
A nova adivinhaçaõ,
Que he donde te vêm dinheiro?

CXIV.

Arte de enriquecer.

Se tu quizeres huma arte,
Para ter muita riqueza,
Zomba da louca grandeza,
E trata de contentar-te,
Do que pede a natureza.

Nada pede que lhe ſobre,
Como por ella te rejas,
Nada ſuperfluo deſejas;
Que, ſe deſejas, és pobre,
Inda que mui rico ſejas.

CXV.

Da morte.

Cura a morte o mal urgente;
(Diz quem confolar procura)
Mas com tudo a mais da gente
Antes quer eftar doente,
Do que receber tal cura.

CXVI.

Ao murmurador.

Queres-te moftrar agudo
No modo de difcorrer;
Porém eu fó poffo crer,
Que he fempre o melhor de tudo,
O que deixas de dizer.

CXVII.

Remedio para que hum mudo falle.

Se vós quereis, que conceba
Falla fujeito, que he mudo,
Ordenai, que fe receba
Em banquete, onde fe beba:
No fim defte falla tudo.

CXVIII.

Da fortaleza da mulher.

Por fraca a mulher ſe tem
Entre alguns, que inda tem mingoa
De indagar o ponto bem:
Tem mais força, que ninguem
A mulher; mas he na lingua.

CXIX.

Da lingua.

Poz a cauta natureza
A lingua em prizaõ eſcura
Bem fechada, e bem ſegura;
Porém com eſtar taõ preza,
Nunca lhe falta ſoltura.

CXX.

Da má deſculpa.

Tua culpa eſtá patente,
E tu deſculpalla intentas;
Fazes-te mais delinquente;
Pois na deſculpa imprudente
Culpa de novo accreſcentas.

CXXI.

Do mal.

Trazer hum mal mais de cem
He coiſa bem natural ;
Mas o mais mal que tem ,
He ſer algum mal que vem ,
Já principio de outro mal.

CXXII.

Do governo.

Naõ ſei que de ſingular
Tem o governo , que o quer
Immenſa gente alcançar ;
Mas elle deve-ſe dar
A'quelle , que o naõ quizer.

CXXIII.

A hum anonymo.

De ti em muito máo tom
Ouço fallar por ahi :
Naõ te conhecem o dom ;
Mas eu ſei que tu és bom ,
E muito bom para ti.

CXXIV.

Que sujeito o Poeta deseja saber governar.

Tenhaõ outros hum profundo
Juizo, hum saber sem fim;
Hum governo sem segundo;
Saibaõ governar o mundo;
Saiba eu governar a mim.

CXXV.

A hum anonymo.

Dás, e enchendo-te de vento
A todos dizendo-o vens:
Queres agradecimento,
Já o tens com muito augmento
Na vaidade que tens.

CXXVI.

Da vingança, e do perdaõ.

Eu naõ sei como te agrade
Vingança mais que perdaõ,
Sendo bem clara verdade,
Que este nasce de bondade,
E ella de máo coraçaõ.

CXXVII.

A hum que cahindo em pobreza o desampararaõ os amigos.

Tendo tu bens abundantes,
Muitos amigos te vi;
Es pobre, faltaõ baſtantes;
Mas ſempre amigos como antes;
Porque ainda o ſaõ de ſi.

CXXVIII.

A hum anonymo.

Dizes que ſabes Francez,
Latim, e Inglez: eſtou vendo,
Que naõ ſabes Portuguez;
Teu Latim, Francez, e Inglez
Confeſſo, que naõ entendo.

CXXXI.

A hum odiento.

Faz-te mal qualquer ſujeito;
Tomas-te-lhe odio mortal;
Tambem mal a ti tens feito,
Trazendo eſſe odio no peito,
Que talvez he maior mal.

Se

Se tu a ti dás perdaõ,
Devendo eſtar mal comtigo,
Por te dar a tal paixaõ;
Deves com igual razaõ
Dar perdaõ ao inimigo.

Mas ſe de cães, e leões
Tens raiva, e mais permanente;
Nenhuma razaõ conſente
Gaſtar comtigo razões;
Que as razões ſaõ para a gente.

CXXX.

A hum que com praticas frivolas conſumia o tempo ao Poeta.

Furta-me antes o dinheiro,
Do que o tempo: poſſo bem
Recuperar o primeiro;
Porém o tempo ligeiro,
Se foge, nunca mais vêm.

Qual

CXXXI.

Qual he a coiſa mais veloz.

Que coiſa ha, que mais ſe apreſſa,
Que paſſa mais velozmente?
Se o juizo me naõ mente,
Nada paſſa mais depreſſa,
Que o tempo de eſtar contente.

CXXXII.

Que o tempo he ſimilhante aos homens.

He o tempo como a gente;
Sempre ſe louva o paſſado
Muito mais do que o preſente:
Morre hum máo, e de repente
Fica ſanto confirmado.

CXXXIII.

A hum anonymo.

Recordo-me, que huma vez
Amigos, que duvidaraõ,
Que annos tens? te perguntaraõ:
Diſſeſte, que trinta e tres.
Como os tens ſe já paſſaraõ?

Qual

CXXXIV.

Qual he a coisa mais escura.

Persio muito escuro está;
Thucydides he escuro;
Mais a Arte, que Lulo dá;
Mas nada mais escuro há,
Do que he o tempo futuro.

CXXXV.

Como havemos conhecer a verdadeira humildade.

O que traz fato grosseiro,
Que mostra, que se envilece,
Talvez humilde parece;
Mas o humilde verdadeiro
Só na injuria se conhece.

CXXXVI.

Do proveito.

Observo, que quando occorre,
O que proveito parece,
Naõ faltou quem lá corresse;
Mas a maior parte corre
Atraz, do que naõ conhece.

CXXXVII.

A nossa Senhora da Conceição.

Esse que do Ceo descia,
A fim de mandar embora
Peccados, que nelle havia,
Só em Vós, Virgem Maria,
Naõ achou, que deitar fóra.

CXXXVIII.

Ao murmurador.

Eu creio, murmurador,
Que esses teus gostos saõ taes,
Que encontras menos sabor
Em ouvir o teu louvor,
Que em murmurares dos mais.

CXXXIX.

A hum que fallava muito alto.

Desestrado, grita pouco,
Que eu ouço sem te cançares,
Deixa o fallar alto, e rouco
Lá para quando eu for mouco
Por causa de me gritares.

CXL.

Do proprio corpo.

Inimigo turbulento
He o meu corpo mortal;
Porque eu lhe dou o ſuſtento;
E o ſeu agradecimento
He puxar-me para o mal.

CXLI.

A hum homem affeminado.

Ha quem imbutir-me quer,
Que és homem; naõ tenho crido,
Coma petas quem quizer;
Que quanto a mim és mulher
Em traje de homem veſtido.

CXLII.

A hum bebado.

Hum homem nunca bebia;
Por força o Rei Ladisláo
O mandou beber hum dia;
O miſeravel cahia
Em accidente bem máo.

Mas

Mas tu és taõ differente,
Que ſe alguem te conſtranger
Algum dia a naõ beber,
Naõ ſó terás accidente,
Mas és capaz de morrer.

CXLIII.

De certos cavallos.

Contaõ, que hum homem havia,
Que qual cavallo, ou jumento
Suas orelhas movia:
Ha muita cavallaria
Sem aquelle movimento.

CXLIV.

Que a mulher he de ſegredo.

Hum critico muito azedo,
Diz, que ſegredo naõ cabe
Em mulher: tal naõ concedo;
Porque a mulher tem ſegredo
Em tudo o que ella naõ ſabe.

CXLV.

De Afra.

Tendo Afra o marido aufente,
Come com bem desfaſtio;
E pouco, ſe eſtá preſente;
Donde infere muita gente
Que elle lhe mete faſtio.

CXLVI.

Da traiçaõ.

A aranha á moſca he traidora;
He traidor á lebre o caõ;
O rato indico ao leaõ;
O gato á ave voadora;
Só o homem a ſeu irmaõ.

CXLVII.

Que nós devemos compadecer muito dos neſcios.

Muita compaixaõ devemos
Ter dos filhilhos ſem pais,
Das viuvas, que daõ ais,
E de quantos pobres vemos,
Do pobre de caſcos mais.

CXLVIII.

Que os máos saõ faltos de compaixaõ.

Os máos saõ a gente, em quem
Eu menos compaixaõ vi:
Como a pódem ter de alguem,
Se os justos delles a tem,
E elles naõ a tem de si.

CXLIX.

Da utilidade da paciencia.

A paz da alma donde vem?
Donde a santa continencia?
Donde o dizer dos mais bem?
Donde o naõ ter odio a alguem?
Tudo vêm da paciencia.

CL.

Em que caso se deve ter mais paciencia.

Perguntas, em que lugar
Mais paciencia devo ter;
Eu te respondo, que em vêr
Hum poderoso a asnear,
Sem que o possa reprehender.

CLI.

A hum nescio.

Aulo em saber singular
Dizes que he a ti conforme,
Sendo tu taõ nescio, e alvar:
Se anda no saber a par
De ti he, quando elle dorme.

CLII.

De Pythagoras.

De Pythagoras ha quem
Diga, que ouvia o ruido
Do Ceo suar muito bem:
Ouvia como ninguem;
Pois ninguem tal tem ouvido.

CLIII.

A hum anonymo.

Perguntas, que General
Posso nomear a ti,
Que naõ tivesse outro igual?
Se ha algum que seja tal,
He o que se vence a si.

Con-

CLIV.

Conselho.

Ande outro atraz da grandeza,
Querendo-se pôr nos cumes
Da fidalguia, e nobreza;
Ande outro atraz da riqueza;
Tu atraz dos bons costumes.

CLV.

Que póde haver quem mereça louvor; porque naõ quer, que o reprehendaõ.

Muitas vezes tenho ouvido
Murmurar de algum; porque
Foge de ser reprendido;
Se elle naõ tiver de que,
Merece ser applaudido.

CLVI.

Do adulador.

Pratíca hum adulaçaõ;
Só outro diz delle bem;
Os mais mal; mas elle tem
Lá seus longes de oraçaõ,
Que sempre acaba em amem.

CLVII.

A hum que queria fallar com o Author no tempo da Miſſa.

Homem, vai-te já dahi,
Se de fallar tens cubiça:
Crês talvez, que eu venho aqui
Para haver de ouvir a ti,
Erras, que eu venho ouvir Miſſa.

CLVIII.

Conſelho para ſegurar bem o dinheiro.

Para que o dinheiro vá
Sem riſco de roubadores,
Seguraõ-to mercadores:
Dáo-o aos pobres, que naõ ha
Melhores ſeguradores.

CLIX.

A hum avarento.

A liberal, porque dá
Encobrir faltas intentaõ;
A ti fechadura má
Sobre as faltas, que tens já,
As que naõ tens, accreſcentaõ.

CLX.

A hum enganador.

Enganaſte-me, e eu bem fóra
De ter o engano eſtranhado,
O que eſtranho he a demora
De ter eſtado atégora
Sem me teres enganado.

CLXI.

Ao meſmo.

Enganaſte-me, e he de vêr,
Que te andas diſſo gauando;
Pequena façanha, quando
Eu por me naõ conhecer
Ando a mim meſmo enganando.

LIVRO VII.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

ORa eu tenho-me alargado;
E duvido, Leitor meu,
Se te dou algum enfado;
Talvez estejas cançado,
Mas mais cançado estou eu.
Com tudo inda naõ amanso;
Hum pouco a obra prosegue;
Porque as contas, que lhe lanço
He, que quem busca descanço,
Cança-se, e nunca o consegue.

II.

Do conhecimento proprio.

Se cada qual conhecesse
A si, hia o mundo bem;
Porém ninguem se conhece,
Nem quer; porque lhe aborrece
Ouvir os podres, que tem.

III.

A hum que louvava a si mesmo.

Porque te louvas se vê
Muita gente censurar-te:
Já que naõ ha quem te dê
Louvor, nem ache de que,
Fazes tu bem em louvar-te.

IV.

A hum velho, que tendo grandes orelhas, se gabava de aconselhar muitos.

Muitos dizes, que aconselhas;
Mas eu naõ sei se vaõ mal;
Pois fóra do natural
Te cresceraõ as orelhas;
E isso he muito máo sinal.

V.

A hum que fallava pouco.

Fazes muito bem, se attendes
A quem está conversando
Bem poucas palavras dando;
Porque tu ouvindo aprendes,
E talvez erres fallando.

A

VI.

A hum defcortez.

De cabeça era inclinado
Cataõ, e ha quem efcarneça
Pela naõ ter levantado:
Peior tu, que és murmurado
Por naõ abaixar cabeça.

VII.

A hum dos que interrompem a converfaçaõ dos mais.

Vens-te fempre atraveſſar,
No que intento proferir:
Já te naõ poſſo aturar;
Ou tu me deixa fallar,
Ou eu deixo de te ouvir.

VIII.

A hum erudîto.

Es erudîto; porém
Se crês, que a erudiçaõ
Tem a maior attençaõ,
Enganas-te; porque a tem
Lifonja, e murmuraçaõ.

IX.

Do que querendo perſuadir, cuida mais em oſtentar de engenhoſo, que de perſuaſivo.

Se o caminho da verdade
Me moſtra hum com deſcaminho
De oſtentar de habilidade,
Naõ ſe cance, naõ ſe enfade,
Que eu me porei a caminho.

X.

A hum eſcandoloſo.

Ora naõ deixo de vêr,
Que és, como eu, hum deſgraçado
Homem ſujeito a peccado;
Mas tu bem pódes naõ ſer
Homem deſavergonhado.

XI.

Da Fé.

Outro aprender mui bom he;
Mas acha quem tem prudencia
Na Fé mais conveniencia;
Porque ſe alcança por fé
Muito mais que por ſciencia.

XII.

Da Esperança.

Que esperança pódes ter
Se nos meritos te atrazas?
Devem estes preceder;
Que esperar sem merecer
He querer voar sem azas.

XIII.

Da Caridade.

A lei do povo Christaõ
Cifra-se toda em amar;
Naõ ha mais suave acçaõ;
Assim só a semrazaõ
Dirá, que he má de guardar.

XIV.

A hum que andava sempre com más companhias.

Andas com máos companheiros;
E só acharei razões
De crer-te hum dos bons varões,
Quando observar, que os cordeiros
Acompanhaõ com os loões.

A

XV.

A outro que andava ſempre com boas companhias.

He taõ grande a careſtia
De peſſoas ſingulares,
Que louvando-te eu o andares
Com taõ boa companhia,
Louvo mais a arte de a achares.

XVI.

A hum máo Cirurgiaõ.

Tal confiança trazias
Em certo remedio teu,
Que diſſeſte, que em dois dias
Conta do enfermo darias:
Déſte, que nos dois morreo.

XVII.

Medicina recopilada.

Em ſabendo receitar
Purga, vomitorio, quina,
Cauſticos, banhos do mar,
Mudar de ares, e ſangrar,
Sabes toda a medicina.

XVIII.

A hum que comia muito.

Comeste tres pães a fio,
Queixando-te do tormento
De andar muito fastiento;
Senaõ tivesses fastio,
Comerias mais de hum cento.

XIX.

Definiçaõ da piedade.

O que he piedade te digo,
Já que queres saber tal:
He contra o teu natural
Ter impiedade comtigo,
Para evitares o mal.

XX.

A hum caritativo.

Que és hum sujeito capaz
Em virtude se concede;
Porque a quem te pede, dás;
Mas acho que melhor faz,
O que dá a quem naõ pede.

XXI.

A hum máo homem.

Com o fim de eu te dizer,
Que he virtude, vens-me á porta;
Naõ te quero reſponder;
Porque eſcuſas de ſaber
Coiſa que nada te importa.

XXII.

A hum anonymo.

Querendo-te defender,
Tendo feito huma maldade,
Déſte depois em dizer,
Que és incapaz de a fazer:
Ninguem falla mais verdade.

XXIII.

Do Mundo.

Olha a comedia, em que eſtás;
Hoje hum faz papel de pobre,
A' manhã de rico o faz;
He de vilões capataz,
O que ha dois dias foi nobre.

Naõ te defcuides de olhar,
O que o theatro parece;
A defordem no affentar
Talvez em melhor lugar,
O que menos o merece.

XXIV.

A hum rico.

Cuidas, que te veio dar
A fortuna effe dinheiro?
Quero-te defenganar;
Empreftou até cobrar
Para o dar ao teu herdeiro.

XXV.

A hum preguiçofo.

Sempre eftás feito poltrão
A dormir, e a refonar,
Culpando a fortuna em vaõ;
Acho, que com mais razaõ
Te devia ella culpar.

XXVI.

Da fortuna.

Que coisa he felicidade?
Pergunta gente importuna:
Fortuna he só na verdade
O naõ ter neceſſidade
De ter alguma fortuna.

XXVII.

Qual he o homem mais infeliz, que ha no mundo.

Sé ha peſſoa, que duvida
Quem he o mais infeliz;
Digo, que he quem muito lida,
Para neſta triſte vida
Ser o homem mais feliz.

XXVIII.

A hum queixoſo da fortuna.

Naõ fazes ſenaõ dizer,
Que de perigo em perigo
Te vai fortuna meter:
Aparelha-te a ſoffrer,
Se tomou teima comtigo.

XXIX.

Nomea-ſe quem ainda agora he mais generoſo, que Alexandre Magno.

Alexandre dadivoſo,
Generoſo ſe chamava;
Mas o trabalho cuſtoſo
He muito mais generoſo;
Pois lhe deu quanto elle dava.

XXX.

Qual he o ſujeito mais eminente.

Quem he hum taõ excellente,
Que a terra naõ tem ſegundo
Em nobre, em ſabio, e em valente?
He o que mais fortemente
Deſpreza as coiſas do mundo.

XXXI.

Dos moços.

Lá terá ſua valia
Dos moços a fortaleza;
Mas quédas da natureza
Moſtraõ, que tal valentia
He refinada fraqueza.

Da

XXXII.

Da velhice.

Tudo arruina a velhice
Nesta nossa natureza:
Disse, que tudo? mal disse:
Nella cresce a bebedice,
A rabuge, e a avareza.

XXXIII.

Da velha, que quer pacecer formosa.

Velha enfeitada he loucura,
Se dando á velhice figas,
Campar por bella procura;
Que velhice, e formosura,
Saõ capitaes inimigas.

XXXIV.

A hum anonymo de hum ocioso.

Dizias bem enfadado
A hum ocioso, que o tal
De aprender naõ tem cuidado;
Mas vives muito enganado;
Que elle aprende a fazer mal.

XXXV

A hum preguiçoſo, que queria dar no criado,porque era tambem perguiçoſo.

Pertendes no moço dar;
Porque a preguiça o naõ deixa:
Antes elle tem lugar,
Para de ti ſe queixar,
Que lhe pegaſte eſſa queixa.

XXXVI.

Do perdaõ.

Manda-ſe-nos perdoar:
A regra tem excepçaõ;
Porque eu devo dar perdaõ
A qualquer que me aggravar;
Mas a mim, ſe ſou máo, naõ.

XXXVII.

De hum coſtume dos Gregos.

Entre os Gregos quem bebia
Pouco á meza, ſem demora
O mandavaõ porta fóra:
Huma tal deſcortezia
He bem eſcuſada agora.

De

XXXVIII.

De outro coſtume dos Romanos.

As mulheres, que bebiaõ
Vinho em Roma deſterradas
Para algumas Ilhas hiaõ:
Sendo aſſim cá eſtariaõ
As Ilhas bem povoadas.

XXXIX.

Da temperança.

Accreſcenta a noſſa vida
Temperança nos guizados:
Regra bem mal entendida;
Porque a julgaõ dirigida,
A que vaõ bem temperados.

XL.

Que o beneficio eſquece, e lembra a injuria.

Quem beneficio recebe,
Logo de bruços ſe inclina,
E do Lethes agua bebe;
Mas quem injuria percebe,
Eſſe bebe anacardina.

Ma-

XLI.

Maxima.

Se tens visto, ou tens ouvido
Algum caso portentoso,
Conta-o muito cauteloso;
Quando naõ ficarás tido,
Sem o ser, por mentiroso.

XLII.

Da falta de cautela.

Que tenhas poucas cautelas,
Quem naõ prevê o mal, vá;
Porém taõ besta gente ha,
Que vendo outra em esparrelas,
Vai tambem meter-se lá.

XLIII.

Encomio do varaõ sabio.

Naõ he o ser opulento,
O ter muita fidalguia,
O que he maior valia:
Nada dá mais luzimento,
Que huma ampla sabedoria.

Rico, e fidalgo ſómente,
Onde aſſiſte ſe nomeia;
Porém a fama excellente
Do varaõ muito ſciente
Vai por muita terra alheia.

O rico, e fidalgo vaõ
Jazer em perpetua cama;
Ninguem delles faz mençaõ;
Naõ corre o ſabio varaõ,
He immortal pela fama.

Dou, que outro exercitos dóme,
Bem pouco nome terá,
Se hum ſabio eſcritor naõ ha,
Que tem eſte tanto nome,
Que até a muitos o dá.

XLIV.

Do ocio, e regalo.

Ora dizei-me, que eſpero
De hum corpo, que de ocio goſta,
E de boa meſa poſta;
Mas naõ digais, que naõ quero
Ouvir huma má reſpoſta.

XLV.

A hum anonymo.

Tu me vens a perguntar,
Qual he huma diligencia,
Que parece negligencia?
He a que anda a procurar
Coisa de muita appetencia.

XLVI.

A hum atrevido.

Fiado no penſamento,
De que os homens atrevidos
Saõ da fortuna validos,
Tiveſte hum atrevimento;
Trouxeſte os oſſos moidos.

A fortuna te faltou;
Mas com tudo o povo injuſto,
Que ſabe o que te cuſtou,
Teima, que ella te ajudou
Com huma ajuda de cuſto.

XLVII.

Da pobreza.

Tenho a pobreza primeira
Bemaventurança achado;
Mas tudo eſtá taõ mudado,
Que naõ ha hoje quem queira
Ser já bemaventurado.

XLVIII.

Do avarento.

Paſſa fome hum avarento
Para á riqueza ſervir,
Má farda, máo apoſento,
Má cama para dormir,
Se lho ſoffre o penſamento.

Soffre calmas, ſoffre frios;
Leva por más veſtiduras
Apupadas, e aſſobios;
Pedem huns, manda-os vaſios.
Rompem em deſcompoſturas.

Tratando o Mouro infiel
Seus efcravos com crueza,
Nenhum efcravo de Argel
Soffre pena mais cruel,
Que efte efcravo da riqueza.

XLIX.

Que naõ fe póde fazer bom conceito, do que fe emprega em fervir o mundo.

Que poffo eu crer; do que vi
Em fervir mundo occupado,
Se he fó bem juftificado,
Quem naõ poem cuidado em fi,
Para pôr em Deos cuidado?

L.

Da vergonha.

Bom he, tendo delinquido,
Com vergonha padecer;
Mas he melhor naõ a haver,
Por fe ter antes fugido
De occafiaõ para a ter.

Que

LI.

Que saõ bemaventurados os cabreiros.

Hei de escutar hum que mente,
Sem lhe poder retrucar;
Ouvir outro murmurar:
Bemaventurada gente,
Que ouve só cabras berrar.

LII.

A Jesus Christo.

Por me livrar de castigo
Morresteis em huma cruz:
Só vos peço, só vos digo,
Que desempenheis comigo
Esse nome de Jesus.

LIII.

A hum inconstante.

Nada firme te demora,
Sempre de modo te avens,
Que nem comtigo convens;
Tens mil conselhos á hora,
E nenhum conselho tens.

LIV.

Apologia ironica pelos aduladores.

Naõ ſei que odio figadal
A liſongeiros ſe tem,
Sendo gente taõ igual,
Que ſe muda o bem em mal,
Tambem muda o mal em bem.

LV.

Da compaixaõ com os criminoſos.

Mete-me mais compaixaõ
O perdaõ dos delinquentes,
Que o ve-los no ar pendentes;
Porque eſtes ſe eſcapaõ vaõ
Ser caſtigo de innocentes.

LVI.

A hum collector de antigualhas.

Hum por fama, que ſe eſpalha
De collecçaõ taõ idonia,
Quer vender-te huma antigualha;
Vem a ſer huma navalha
Do porco de Calidonia.

Da

LVII.

Da diſtribuiçaõ do dinheiro.

Póde ſer que ſaber queiras,
Donde vaõ tantos toſtões,
Que arraſtaõ caſas inteiras:
Gaſta-ſe mais em aſneiras,
Que ſe gaſta em diſcrições.

LVIII.

Das dadivas, q̃ vem por muitos rogos.

Dizem que a coiſa, que daõ
Muito rogada, e pedida,
Cuſta mais, do que a vendida;
Porém eſta opiniaõ
He hoje pouco ſeguida.

LIX.

Cuidado da moça, que caſa com velho rico.

Sabeis qual he o cuidado
Da moça, que deſpoſar
Hum velho rico, e abonado?
He, que morra o deſdentado,
Para com moço caſar.

Da

LX.

Da formoſura.

Por ſi ſó mais valeria
A gentileza, e beldade;
Mas tem a deformidade
De andar com má companhia,
Que he ſoberba, e vaidade.

LXI.

Da ſepultura.

Sepultura de ſenhor,
Sepultura de vilaõ,
Quanto a mim o meſmo ſaõ;
Pois ſeja qualquer que for,
He cofre de podridaõ.

LXII.

Que nem todos devem chamar ás mulheres ſonhoras.

A ſuas mulheres daõ
De ſenhoras appellidos;
Porém naõ lhe acho razaõ;
Porque ellas nem todas ſaõ
Senhoras de ſeus maridos.

Se-

Seja humilde, ou ſeja nobre,
Ser ſempre ſenhora implica;
Iſſo de ſenhora fica
Sómente para homem pobre,
Que caſa com mulher rica.

LXIII.

Da caſa dos orates.

Para curar diſparates,
(Que pouco curaveis ſaõ)
Nunca ouvi fallar ſenaõ
Em huma caſa de orates;
Naõ ſei ſe todas o ſaõ.

LXIV.

A hum anonymo.

Meus Epigrammas tens lido,
Dizes, que naõ achas ſal;
Naõ ſei ſe he delles o mal;
Se tens o goſto perdido,
Ou nunca tiveſte tal.

Te-

Terás ouvido o ditado,
Que diz: *Naõ se fez o mel.*
Demo-lo por acabado;
Já que sal naõ tens achado,
Naõ aches ao menos fel.

LXV.

Opiniaõ a respeito dos loucos.

Se chamamos louco a alguem,
Poem-nos o mesmo senaõ;
Naõ sei quem he louco, ou naõ:
Concerta-se tudo bem
Com dizer, que todos saõ.

LXVI.

Causa de padecer em qualquer parte a justiça.

Força he, que em qualquer lugar
Muito a justiça padeça,
Se o dominio se trocar;
E em vez da lei só mandar,
Se faz que a lei obedeça.

LXVII.

Do burro regente.

Naõ tem fel burro innocente;
Mas ſerá como milagre,
Se o que he de muitos regente,
Naõ achar burros, que a gente
Fazem de fel, e vinagre.

LXVIII.

A hum invejoſo.

Quiz-te hum ſabio elogiar,
Moſtraſte diſſo faſtio,
Naõ pelo naõ deſejar;
Mas por naõ ouvir louvar,
Quem te fazia o elogio.

LXIX.

Do que tem zelos.

Mete-ſe em grande trabalho,
Se entra em zelos hum amante;
E talvez eſſe ignorante
Seja o que faz o eſpantalho,
E delle meſmo ſe eſpante.

LXX.

Do meſmo.

Eſta maldita peçonha
Dos zelos he vil paixaõ;
Porque o zeloſo, que ſonha,
Que outro ha que ſe lhe anteponha,
Tem hum baixo coraçaõ.

LXXI.

Do favor.

O que tivér opportuna
A fortuna em ſeu abono,
Tem o favor por patrono;
Que elle anda atraz da fortuna,
Como o caõ atraz do dono.

LXXII.

Do pobre, que dá a rico.

Hum pobre, que a rico dá
Para que eſte mais lhe mande,
Feito peſcador eſtá;
Quer que a pequena iſca vá
Segurar hum peixe grande.

LXXIII.

Maxima.

Se vejo hum de vantajoſa
Malicia delle me alargo;
Que a coiſa mais proveitoſa
Com beſta maliciofa
He o pôr ſempre de largo.

LXXIV.

Homens ſem boca.

Ha homens no Oriente
(Fique na fé dos authores)
De boca carecedores:
Bemaventurada gente,
Que naõ tem murmuradores.

LXXV.

Parto monſtruoſo.

Conta-ſe, que antigamente
Houve huma mulher gentia,
Que pario huma ſerpente:
Naõ ha parto mais frequente;
Cá ſuccede cada dia.

LXXVI.

Da pedra Eliotropio.

Dizem da pedra Eliotropio,
Que tem virtude infallivel
De fazer gente invisivel:
Inda que me parece opio,
Naõ falta a quem seja crivel.

Agora me chega o medo
De pôr entre os meus borrões
A virtude do penedo;
Mas eu a conto em segredo,
Que naõ a saibaõ ladrões.

LXXVII.

Do signo de Aquario.

Affirmaõ, que nas canellas
Domina o signo de Aquario;
Se houverem lá taes mazellas,
Que corra bem agua dellas,
Eu naõ direi o contrario.

LXXVIII.

De huma fonte notavel.

Affirmaõ, que huma fonte ha
N'uma Ilha Fortunata,
Que aquelle, que bebe lá,
Taõ grande rizo lhe dá,
Que esse mesmo rizo o mata.

Talvez que alguem creia mal;
Mas segundo o meu juizo
A coisa he bem natural;
Porque eu até de ler tal
Naõ podia ter o rizo.

LXXIX.

A hum Filosofo muito roto.

Dizem que sempre tens sido
Hum Filosofo Atomista;
Porém eu muito duvido;
Porque mostras no vestido,
Que és meio Gymnosofista.

LXXX.

A huma velha enfeitada.

Neſſas queixadas desfeitas
Pões, velha, poſturas, e untos;
Veſtidos da moda deitas:
Parece-me, que te enfeitas
Para namorar defuntos.

LXXXI.

A hum pedinte moço, e são.

Quem quizer fazer juſtiça
Devia dar-te dobrado;
Porque eſtás encarregado
De tua mulher preguiça,
Com quem andas bem caſado.

Porém como o ſuſtentar
Tal mulher he corriola;
Porque te ha de depravar,
Póde ſer que o naõ ta dar
Seria a maior eſmola.

LXXXII.

A hum arrogante.

Attribues-te ſciencia
Sendo hum neſcio confirmado;
E ſendo pouco atilado
Attribues-te prudencia;
Em fim ſonhas acordado.

LXXXIII.

A hum aſtuto.

Gente, que he tua inimiga,
Diz, que o caminho perdeſte;
Porque havendo quem te diga,
Que aprendeſſes da formiga,
Tu da rapoſa aprendeſte.

LXXXIV.

Que naõ ſaõ as letras, e armas o melhor caminho de valer.

Letras, e armas do valer
Saõ o caminho primeiro,
Segundo eu ouço dizer;
Mas vá-ſe tudo eſconder,
Onde chegou o dinheiro.

LXXXV.

Remedio contra o engano.

Eſperar do trato humano
Enganos te perſervera
De cahires em tal damno;
Que he impoſſivel, que o engano
Venha, donde já ſe eſpera.

LXXXVI.

Dá o Poeta a razaõ de naõ eſcrever alguns Epigrammas amoroſos.

Notarás, que todo o dito
De amores aqui te nego:
Nem em tal coiſa medito;
Que muitos tem já eſcrito
Orações para eſſe cego.

LXXXVII.

Dá a razaõ, por que nem ſempre diz ditos agudos.

Tenho razaõ de affroxar
Em dizer ditos agudos
Neſte, e naquelle lugar:
Quero tambem conſolar
Os Leitores, que ſaõ rudos,

LXXXVIII.

A hum anonymo ironica apologia de Gelio.

A razaõ, a quem a tem
Dizem, que Gelio naõ dá:
Saõ coiſas de gente má;
Que naõ póde dar alguem
Razaõ, a quem a tem já.

LXXXIX.

Do homem bom, e do homem mào.

Se cahido hum bom ſe vio,
Tudo o esforça, tudo o anima,
Tudo delle ſe laſtima;
Porém ſe algum máo cahio,
Lançaõ-lhe pedras em cima.

XC.

A huma mulher muito feia.

Os cegos ſaõ deſgraçados,
Naõ poſſo contradizer;
Porém vivaõ conſolados,
Que ſaõ bemaventurados
Em te naõ poderem ver.

Dos

XCI.

Dos que dizem, que foraõ ter a calma á algum lugar.

Fui ter a calma á Landeira,
Diz hum, que foi de jornada;
Tendo calma pela eſtrada,
Ou he, ou parece aſneira
Ir ter outra na pouſada.

XCII.

A huma mulher torta.

Chama-te torta hum ſujeito;
Chama-lhe torto tambem;
Pois nada tem de direito
Aquelle, que algum defeito
Lança em roſto, a quem o tem.

XCIII.

Idolatria.

Houve na Scithia nações
De taõ fraco antendimento,
Que davaõ adorações,
E faziaõ orações
A' cabeça de hum jumento.

Cá

Cá entre nós quem ignora
Que o velhaco liſonjeiro,
Para ver ſe ſe melhora
Caveira de burro adora,
Que tem burra de dinheiro.

XCIV.

Que naõ devemos pôr nimio cuidado em tratar o noſſo corpo.

Como andando bem tratado
Eſte corpo miſeravel,
Coſtuma dar muito enfado,
Pôr nelle nimio cuidado
He deſcuido, e bem culpavel.

XCV.

De Avito calumniado.

Dizem-me, que Avito ſente
Ser ſem culpa condemnado:
He máo, que pague o innocense,
Mas he peior certamente,
Que pague o que eſtá culpado.

XCVI.

Da candura.

Louvo muito o exercicio
Da virtude da candura;
Mas onde reina impoſtura,
Tem eſta virtude hum vicio,
Que he o ſer pouco ſegura.

XCVII.

De Mevio ſuſpeitoſo.

Diz, que conjectura ſem
Erro Mevio; naõ ha tal;
Porque, como de ninguem
Uſa conjecturar bem,
Sempre conjecturar mal.

XCVIII.

A hum preguiçoſo:

Mil culpas te deſenterraõ
Pela preguiça, que trazes;
Cenſuraõ-te pertinazes;
Elles, no que fazem erraõ;
Tu erras, no que naõ fazes.

XCIX.

A Breno, que dormia na Igreja todo o tempo do Sermaõ.

Tenho, Breno, reparado,
Que vás o Sermaõ ouvir
Por hum modo desusado;
Que o mais povo ouve acordado,
E tu ouves a dormir.

C

Do que tem mulher perversa.

Ou soffrella, ou emendalla,
O que tiver mulher má;
Mas o mais certo será,
Que naõ podendo domalla,
No soffrer se ficará.

CI.

A hum que sendo pobre casava com mulher rica.

Atraz da riqueza vás,
Serás hum marido bravo
Nas guerras, em que andarás;
O mais certo he, que serás
Em vez de marido escravo.

CII.

Do máo coſtume.

Tudo o que em ſi deixa entrar
Algum máo coſtume, ignora,
A que hoſpede dá lugar;
Cuſta muito a ſuſtentar;
E mais a deitar fóra.

CIII.

Sinal para conhecer o ſoberbo.

Naõ olhando a outros ſinaes,
O ſoberbo conheci,
Por deſprezar os iguaes;
Que ſe alguem deſpreza os mais,
He por prezar muito a ſi.

CIV.

A hum namorado.

Cuidados de amor toleras,
Que te daõ mil agonias;
Bom he que a outros te deras;
Que ſe outros antes tiveras,
Nunca tu eſſes terias.

CV.

A hum amante de huma mulata.

Naõ acho nova mania,
Em que portas a amor abras
Por mulata da Bahia;
Que tambem na Grecia havia
Gente, que adorava cabras.

CVI.

A hum curioſo.

Perguntas, em me encontrando:
Que ha de novo. Eu to direi,
Em tu tal manha deixando;
Que naõ vires perguntando
Por novidade terei.

CVII.

Que naõ ſabemos ſe he bom, ou máo o que nos ſuccede.

Se vem bem, ou mal a alguem,
Naõ o ſabe ainda o mortal,
A queu o bem, ou mal vem;
Que ha mal, que vem para bem;
Ha bem, que vem para mal.

Qual

CVIII.

Qual he o maior mentiroso.

Nem Poeta fabuloso;
Nem Escritor noveleiro;
Nem escravo preguiçoso
He o maior mentiroso:
Leva a palma o caloteiro.

CIX.

A hum adulado.

O louvor naõ merecido
Recebes muito sereno;
Mas elle he escarnecido,
Qual desmarcado vestido
Em corpo muito pequeno.

CX.

Da infamia.

Devem todos os prudentes
Da vil infamia fugir:
Tem taes inconvenientes,
Que arruina os bens presentes;
E embaraça os que haõ de vir.

CXI.

Que convém que tenhamos malicia, e qual deve ser.

O ter malicia convém;
Nem he possivel que viva
Seguro sem ella alguem;
Essa malicia porém
Deve ser só defensiva.

CXII.

A hum degenerado.

Nenhuma estimaçaõ cobras
Dizendo, que de parentes
Vens iilustres, e excellentes;
Que olhando-te para as obras
Todos affirmaõ, que mentes.

CXIII.

A hũ que lançava tabaco no vestido.

Dizes que esse teu vestido
Custou huma grande somma:
Dou, que assim naõ tenha sido;
Bem caro te tens sahido
Pelo tabaco, que tomas.

Apo-

CXIV.

Apologia pela ſyllaba final ão.

Eu naõ ſei com que razaõ
Pertendem, que o *ão* ſe eſconda,
Sendo huma terminaçaõ,
Que nunca pronunciaráõ
Senaõ * com boca redonda.

CXV.

A huma lingua terceira.

Dizes que Aulo me moteja;
Porém eu poſſo ſoffrer,
Que meu homicida ſeja;
Com tanto que longe eſteja,

* *Graiis ingenium Graiis dedit ore rotundo Muſa loqui.* Horat. de Art. Poet.

E onde nem me poſſa ver.

CXVI.

A hum inteiramente dado a regalos.

Naõ ha poder, que te esfrie
De regalos procurar:
Se trabalhas por achar
Algum, que naõ te enfaſtie,
Eſcuſas de te cançar.

CXVII.

A hum amante de huma negra.

Dou, que a negra te contente,
Que lhe dobres o joelho
Adorando-a reverente;
Que já no Egypto houve gente,
Que adorava o efcaravelho.

CXVIII.

A hum anonymo.

Na maõ de hum prodigo hias
Dinheiro depofitar;
Poffo-te certificar,
Que igual negocio farias
Depofitando-o no mar.

CXIX.

A outro.

Bem má fama vai correndo
Ahi por effa Cidade;
Satyras te andaõ fazendo;
Porque tu indigno fendo
Procuras a dignidade.

Di-

Ditos de povo maligno,
Que por nescio naõ medita,
Que com razaõ sollicita
A dignidade hum indigno,
Que o digno naõ necessita.

CXX.

Maxima.

Com tolo naõ disputeis:
Diz pavoices aquelle;
He força, que vós ireis;
Sem saber o que dizeis,
Dizeis mais tolices, que elle.

CXXI.

A huns amigos a respeito de Duloprepo.

Por ser de bons pais nascido
Duloprepo veneraes;
Mas elle faz obras taes,
Que eu até hoje duvido,
Se elle he filho desses pais.

Naõ

Naõ de todo me eſcuſando
De ſer ſeu veneredor,
Vou-me ſempre demorando;
Guardo iſſo lá para quando
Elle, como ſeus pais, for.

CXXII.

A hum anonymo.

Tens por novidade o ver,
Que he hum vaidoſo rudo:
Por força aſſim ha de ſer;
Porque mal póde aprender,
Quem cuida, que ſabe tudo.

CXXIII.

Remedio para conſeguir facilmente fama de erudîto.

Sendo hum dos principiantes
No muito que eſtá eſcrito,
Falla muito entre ignorantes,
Metendo petas baſtantes,
Terás fama de erudîto.

A

CXXIV.

A hum que tinha grande presumpçaõ de Rhetorico, e de tudo escarnecia.

Tulio, e Demosthenes taes,
Que em Rhetorica eraõ pasmo,
Naõ te seriaõ iguaes,
Se tu soubesses do mais,
Como sabes do sarcasmo.

CXXV.

Que o Poeta recusa fallar em antigo.

Naõ fallo lingua antiquada,
Inda que me preguem juntos
Esses por quem he gabada:
Naõ sei como algum se agrada
De fallar como os defuntos.

CXXVI.

Apologia pela lingua Portugueza.

Culpa gente peregrina
A nossa lingua, e naõ chega
A ver, que he a que crimina,
Nas dicções quasi Latina,
E na frase quasi Grega.

CXXVII.

Do modo porque huma velha benzia.

Confessou-se, que benzia
Huma velha: o confessor,
Perguntou-lhe o que dizia,
Faço *cruzes*, respondia,
E digo ca no interior:

Mal de tolo se te acabe;
Oh coitadinho de quem
He tolo, e mais naõ o sabe!
Esta benzedura cabe
A muita gente de bem.

CXXVIII.

De hum livro, que compoz Cleopetra.

Foi Cleopetra compor
Certo livro, no qual dava
As regras do toucador,
Por grande preço, e valor
Este livro se comprava.

Re-

Regras dos tempos paſſados
Seriaõ agora aveſſas,
E os preceitos limitados;
Porque ſaõ hoje os toucados
Taõ varios, como as cabeças.

CXXIX.

Do amor da vida.

Naõ ſei, com que fundamento
Amo huma vida taõ má
Em ſeu agradecimento,
Que dando-lhe eu o ſuſtento,
Ella trabalhos me dá.

Porém ſe em amalla peno,
Para que a amo com ternura?
Eu faço o mal, que condemno;
Que he proprio do amor terreno
Ir de loucura em loucura.

CXXX.

A hum pertinaz.

Dás erros; quináos te daõ;
Vens com erros a milhares
Para erros patrocinares:
Fazes bem; porque elles ſaõ
Muito teus familiares.

CXXXI.

Aviſo a hum credor.

Se vás a ver ſe te dá
O que deve hum gaſtador,
He eſcuſado ires lá;
Que elle nunca em caſa eſtá,
Quando o procura credor.

CXXXII.

Da deſculpa dos rapazes.

Se hum rapaz ſe deſculpar,
Naõ creias, que culpa tira,
Que elle a vêm accreſcentar;
Fez mal, e vem-te pregar
Inda em cima huma mentira.

CXXXIII.

A hum praguejador.

Andas em grande ſuſurro
De continuo a praguejar:
Nada fazes; porque o zurro,
Que dá cá na terra hum burro
Nunca póde ao Ceo chegar.

CXXXIV.

A hum que tinha fama de ſaber muito.

Que ſabes diz muita gente:
Naõ o moſtras: diz alguem,
Que encobres o ſer ſciente:
Creio; porque geralmente
Se encobre, o que ſe naõ tem.

CXXXV.

De huma mulher chamada Lais, que morreo ſendo vivo ſeu ſetimo marido.

Sete eſpoſos teve Lais;
Naõ he numero pequeno;
Mas era ella tal veneno,
Que ainda matava mais,
Senaõ morre no ſeteno.

CXXXVI.

A hum anonymo.

Queixa-ſe hum por inferencia,
Que lhe furtaſte os ſeus bens,
Tu logo dizendo vens:
Naõ me accuſa a conſciencia.
Nem póde; porque a naõ tens.

CXXXVII.

Do máo exemplo do pai para os filhos.

Quando o pai he depravado,
Quaſi ſempre he má peſſoa
Filho com elle creado;
Que imitando hum máo traslado
Ninguem fará letra boa.

CXXXVIII.

A hum ſoldado covarde.

Dizes, que do teu officio
Vás exercicio fazer;
Naõ queiras tempo perder,
Deixa-te deſſe exercicio;
Exercita-te em correr.

A

CXXXIX.

A hum que hia degradado.

Porque a hum degredo irás,
Andas formando mil queixas;
Se és máo já tu nelle eſtás;
Se és bom lá patria acharás
Talvez melhor, que a que deixas.

CXL.

A hum que temendo os eclipſes, naõ temia andar de noite.

Eu naõ poſſo entender tal!
Temes, e enches-te de horror
De hum eclipſe parcial,
E a noite eclipſe total
Nunca te cauſou pavor.

CXLI.

A hum anonymo.

Todo o mundo murmurava;
Porque vio á guerra hum ir
Em beſta, que coxeava;
Mas elle niſſo moſtrava,
Que naõ queria fugir.

Da

CXLII.

Da verdade.

Democrito proferia,
Que a verdade taõ buſcada
Tem n'uma cova morada:
Bem perto da verdade hia
Em a ſuppor ſepultada.

CXLIII.

A hum anonymo.

Dormes muito, e andas dizendo,
Que deixar fama convém;
Que a queres deixar tambem;
E deixas; que vai correndo
Fama, de que dormes bem.

CXLIV.

A Ponero.

Tendo materia opportuna,
Fazes ſem temer a Deos,
Com que a juſtiça te puna:
Saõ revezes da fortuna,
Dizes; e eu digo, que teus.

CXLV.

A Diacoro.

Tens muito bom paſſadio ;
E dizes , que nem hum quarto
De paõ comes por faſtio :
Tu naõ tens febre , nem frio ;
O teu achaque he de farto.

CXLVI.

De Fabio rude ; mas favorecedor de erudîtos.

Fabio nem lê bons eſcritos ;
Nem lhes póde tomar pé ;
Nem entende de bons ditos :
Favorece os erudîtos ,
Por moſtrar que hum delles he.

CXLVII.

A reſpeito de quem he feliz.

Muitos engenhos ſubtis
Varias opiniões tem ,
Para declararem quem
He neſte mundo feliz ;
Mas a minha he que ninguem.

CXLVIII.

Da ſimilhança do filho com o pai.

Ouço do filho dizer,
Que he com o pai parecido;
Se o pai he máo naõ duvido;
Se o pai he bom póde ſer;
Mas menos vezes tem ſido.

CXLIX.

D criaçaõ das filhas.

Filhas como ajudadoras
Vaõ as criadas ſupprir:
Naõ ſabes, o que ha de vir;
Saibaõ mandar, quaes ſenhoras;
Saibaõ, quaes ſervas, ſervir.

CL.

A hum tolo muito curioſo de picaria.

Póde ſer, que alguem diria.
Que te naõ conduzes bem;
Porém naõ ſe paſſa dia,
Sem que andes na picaria;
E andas no que te convém.

Da

CLI.

Da perna de oiro de Pythagoras.

De Pythagoras ſoou,
Que perna de oiro trazia:
Em toda a caſa entraria;
A duvida, em que eu eſtou,
He, ſe de lá ſahiria.

CLII.

A hum fallador.

Naõ te reſpondo ás propoſtas;
Tu tomas diſſo pezares
Em vez de gratificares
Naõ tirar com reſpoſtas
O tempo de tu fallares.

CLIII.

Que coiſa imitamos melhor.

Creio que me naõ dirás,
O que imitamos melhor
De tudo quanto ſe faz:
Talvez naõ repararás:
Imitamos o peior.

A

CLIV.

A hum tolo.

A cobra tapa o ouvido
Para naõ ouvir o encanto:
De te ouvir aborrecido,
(Porque és tolo) naõ duvido
Em fazer já outro tanto.

CLV.

De Ono, indo nadar.

Ono ſem ſaber nadar,
Quiz nadar; naõ tomou pé;
Morre, ſe o naõ vaõ tirar:
Burro facil em entrar
Na agua ſómente aquelle he.

CLVI.

Ao Leitor.

Se frioleira chamaſte,
A quanto leſte atéqui,
A frioleira he de ti;
E maior, ſenaõ achaſte
Frioleira alguma alli.

LIVRO VIII.

EPIGRAMMA I.

Ao Leitor.

SE tu, Leitor, fores rudo,
Eu tambem rudo ſerei,
Sem me valer genio, e eſtudo;
Mas ſe tu fores agudo,
Por agudo paſſarei.

II.

A hum vaidoſo.

Culpaõ-te de vaõ, ſem ter
Fundamento; e iſſo he deveras
Ser vaõ; que se tu tiveras
Fundamento para o ſer,
Por iſſo meſmo o naõ eras.

Epi-

III.

Epitafio de hum preguiçoso.

Hum que evitou toda a lida,
Em quanto esteve lá fóra,
Aqui jaz, ou aqui mora;
Que o que fez em toda a vida,
Isso mesmo faz agora.

IV.

Da idade de oiro.

Affirmaõ, que houve huma idade
De oiro: atéqui póde ser:
Com ser de oiro, ouço dizer,
Que era de muita equidade;
Isto he custoso de crer.

V.

A qualquer, que despreza o pobre por pobre.

Vês hum pobre; pões-te a rir
Por desprezo: que loucura!
Sem á lembrança te vir,
Que nasceste nú, e has de ir
Quasi nú á sepultura.

Con-

VI.

Conſelho.

Naõ queiras de alguma ſorte
Ser ſoberbo; porque és mais:
Teu mais he de pouco porte;
Que anda pelo mundo a morte
Fazendo todos iguaes.

VII.

Advertencia.

Mal ides ſenaõ olhais
Quem he ſanto, ou he ſantaõ;
Porque em coiſas temporaes
De nada ſe abuſa mais
Do que da religiaõ.

VIII.

A hum anonymo.

Naõ ſou falſario Caim:
Todos ſabem, que em meus dias
Nunca uſei vilhacarias:
Se deſconfias de mim
He, porque em ti naõ confias.

IX.

A hum que jactando-se sempre de valente apanhou muita pancada.

Por valente nos contaste,
Que deraõ de ti querélas;
E que és valente mostraste
Nas pancadas, que apanhaste;
Pois pudeste bem com ellas.

X.

A hum que o A. chamou animal.

Eu te chamei animal:
Tomaste grande paixaõ;
Quiz chamar-te racional,
Agora naõ quero tal;
Porque tu naõ tens razaõ.

XI.

A hum Materialista.

Naõ fazes senaõ dizeres,
Que outra vida senaõ dá:
Para ti assim será;
Porque, para naõ a teres,
Basta que negues, que a ha.

De

XII.

De Edemundo.

Converſava hum pertendente
Com a filha de Edemundo;
Deu coſtas eſte a tal gente:
Iſto he verdadeiramente
Voltar as coſtas ao mundo.

XIII.

Do moſquito.

Cantando vém o moſquito;
Abomino o ſeu cantar:
Naõ ſe podendo aturar
A muſica do maldito,
He peior o ſeu tocar.

XIV.

A hum máo barbeiro.

Em virtude és dos primeiros;
Pois com me pores a maõ,
Foi em mim tal a attriçaõ,
Que a naõ haver mais barbeiros,
Eu me metia ermitaõ.

XV.

Objecto triste.

He hum objecto injucundo
O ver aqui huns mortaes
Muito esquecidos, de quaes
Saõ as coisas deste mundo,
E das do outro muito mais.

XVI.

A hum Grammaticastro descortez.

Crês, que do Latim tens tino:
Vejo-te delle taõ nú,
Que, segundo o que imagino,
Sómente tens de Latino
Tratar a todos por tú.

XVII.

Causa de muitas infelicidades.

Neste mundo taõ confuso
Damos em mil esparrellas
Por hum máo costume intruso,
Que he cuidarmos mais no abuso
Das coisas, que no uso dellas.

XVIII.

Causa da vaidade.

Talvez que naõ saibais vós
A causa destes extremos
De vaidade, que temos;
Vemos o bom, que ha em nós;
O que he máo em nós naõ vemos.

Que se alguem chegasse a ver,
O que tem de imperfeiçaõ,
Longe de vaidade ter,
Todo se havia encolher
A' maneira de pavaõ.

XIX.

Reflexaõ.

Huma prenda a hum Santo dais
Atéqui he santidade;
Mas tudo a perder botais;
Se armas vossas lhe gravais;
Que he amar á vaidade.

XX.

De Orpheo.

Por ſua mulher deſceo
Orpheo ao inferno; e ſe queres,
Que te diga a verdade eu,
Bom fora, que ſó Orpheo
Foſſe ao inferno por mulheres.

XXI.

Do officio da fortuna.

O officio, em que ſe intertem
A fortuna he para rir;
Verás reparando bem,
Que ella por officio tem
Huns veſtir, e outros deſpir.

XXII.

O Author naõ admitte falladores.

Huns de contos, e novellas,
Gente he de que me recato:
Eſſas linguas taramellas
Fallaõ ſó em bagatellas;
E eu de bagatellas as trato.

XXIII.

A hum fallador.

Nunca te queres callar;
A mil erros te condemno;
Nem pódes deixar de errar;
Que já o muito fallar
He hum erro, e naõ pequeno.

XXIV.

A Caturgo em huma tormenta.

Tendo taõ má condiçaõ
Ouvi-te dizer ahi,
Que façamos oraçaõ:
Vá, e ſeja a petiçaõ,
Que Deos nos livre de ti.

XXV.

Da ſabedoria.

Toda a gente quer ſer rica
De ſaber; e pouca vejo,
Que ſe applique, e ſe ſe applica,
Do ſaber, o que lhe fica,
He pouco mais que o deſejo.

XXVI.

A maldade ſempre he voluntaria.

Se acaſo alguma peſſoa
Sua deſculpa me der;
Porque naõ póde ſer boa,
Tal deſculpa naõ me toa;
Quem he máo he porque quer.

XXVII.

Cenſura, e apologia della.

De ouvir de Grego a liçaõ,
Tendo cincoenta ſahia;
Notou-me diſto hum anciaõ,
Que ouvia o ſeu bobo entaõ;
E eu, porque o naõ notaria.

XXVIII.

A hum anonymo.

Teu exterior póde tanto
Da cabeça até os pés,
Que cauſa a todos eſpanto;
E eu crera, que eras hum ſanto,
Se tu naõ creſſes, que o és.

XXIX.

A hũa mulher desvanecida por formosa.

Como és formosa, e prendada,
Entrou-te lá no conceito,
Que és a coisa mais amada:
Naõ és tú; vás enganada;
Quem mais se ama, he o proveito.

XXX.

Que o motivo de sermos bons deve ser a pura bondade.

Ser bom por ser bom quizera;
Porque abraçar a bondade
Por temor da pena fera,
Ou por premio, que se espera,
Dista pouco da maldade.

XXXI.

A Duloprepes.

Exaltar os teus parentes
Em toda a parte te ouvi:
Naõ conheci essas gentes;
Mas sei, que eraõ excellentes,
Sendo o contrario de ti.

A

XXXII.

A hum trapaſſeiro.

Mentes, enganas, e és tal,
Que cuidas, que lucro tiras;
Mas eu acho menos mal
Perder todo o cabedal,
Do que lucrar com mentiras.

XXXIII.

Da pobreza.

Que forte perſeguiçaõ
A' triſte pobreza alcança;
Até com ſer pobre hum caõ,
Tem com ricos attençaõ;
E a todo o pobre ſe lança.

XXXIV.

Difficuldade em occorrer ao mal alheio.

Convém por lei natural
A mal alheio occorrer;
Porém o tempo vai tal,
Que cada hum no ſeu mal
Tem baſtante, que fazer.

A

XXXV.

A huim anonymo.

Dizem, que és meu inimigo;
Que me faça bom proveito:
Notas, quanto faço, e digo;
E deste modo consigo
Emendar muito defeito.

XXXVI.

Cautela.

Naõ queiras de leve crer
Em qualquer, que estrondo faça,
Ostentando de entender;
Olha; que ha muito saber,
Que de bazofia naõ passa.

XXXVII.

Qual seja a peior falta de vista.

Qualquer cegueira, que exista
Dá de magoas hum milheiro;
Mas tenho por verdadeiro,
Que a peior falta de vista
He, a que naõ vê dinheiro.

XXXVIII.

Inadvertencia de Solon hum dos ſete Sábios da Grecia.

Naõ poz pena a parracida
Solon entre as leis penais,
Dizendo naõ haver tais
Filhos; que tirem a vida
A ſeus verdadeiros pais.

Por grande Sábio o acclamaraõ;
Mas inercia he das primeiras
Crer, que os filhos perdoaraõ
A ſeus pais, quando mataraõ
Alguns as mãis verdadeiras.

XXXIX.

A Phaulo.

Naõ tens filhos: tal deſtino
Levas com impaciencia:
Olhando, ao que és de malino;
Naõ os teres imagino,
Que he huma alta providencia.

XL.

Dos libertinos.

Com matula, que ſe lança
A viver em liberdade,
Sem ter fé, nem eſperança,
He preciſa ſegurança,
Naõ nos faça a caridade.

XLI.

A hum, cuja mulher gaſtava em guludices, quanto elle ganhava.

Grangeia o marido, e guarda
A mulher: feliz de ti;
Pois melhor guarda naõ vi,
Do que a tua Leonarda:
Guarda as coiſas dentro em ſi.

XLII.

Diverſos genios de mulheres.

Morto o marido, mataváõ
Muitas a ſi; porém vê-ſe,
Que hoje algumas, morrendo eſſe,
Reſuſcitaõ; porque andavaõ
Mortas, porque elle morreſſe.

Que

XLIII.

Que naõ ha grandezas neste mundo.

Grandezas imaginar
As deste mundo he loucura;
Quanto o mundo póde dar,
Tudo cabe no lugar
De huma estreita sepultura.

XLIV.

A dois irmãos discordes entre si.

Sendo irmãos (se isto he verdade)
Sempre hum com outro andais mal;
Naõ vejo ahi irmandade,
Excepto na má vontade,
Que em ambos vós he igual.

XLV.

A hum criado bebado.

Vai-te; que naõ me convém
Pessoa com vinho louca,
Que pouco mais tino tem,
Que o tino de levar bem
Os copos de vinho á boca.

Tes-

Teſtemunho naõ levanto :
Naõ tendo para vinhaça ;
Has de furtar tanto , ou quanto ;
Por iſſo cahindo tanto ,
Nunca me cahiſte em graça.

XLVI.

A outro criado jogador.

Aqui tens o teu dinheiro ;
Trata já , e já de te ires :
He o teu crime primeiro
Ires ſervir de parceiro
No tempo de me ſervires.

Outro o pores-me em temor
De tú dinheiro naõ teres ;
E ſer eu o fiador ,
E principal pagador ,
Do que no jogo perderes.

XLVII.

A outro criado luxurioso.

Nada te resto a dever :
Naõ quero mais tal criado ;
Antes te devo meter
A caminho com saber ,
Que andas mal encaminhado.

E males , que julgas bens ,
Sem dinheiro naõ os tinhas ;
E lançadas bem as linhas ,
Eu vejo , que naõ o tens ;
E lidas com coisas minhas.

XLVIII.

A hum serrador muito impertinente.

Homem , faze-me favor
De ir para a tua officina ;
Tanto a séca me amofina ,
Que mais , do que serrador
Me pareces serrazina.

XLIX.

A huma mulher, que uſava de poſturas.

A maſcara por moleſta
Só em feſtas he uſada;
Em ti he continuada;
Eu naõ ſei, para que feſta
Andas ſempre maſcarada.

L.

A hum iracundo.

Ha quem o enxofre contou
Por hum elemento: inquira
Alguem, ſe em outros errou;
Que em ti ſei eu, que acertou,
Segundo, o que ardes em ira.

LI.

Que nos naõ devemos queixar dos ingratos, mas de nós meſmos.

Ingratidaõ he dos vicios,
Que todos aborrecemos;
Mas como ingratos fazemos,
Fazendo-lhes beneficios,
De nós meſmos nos queixemos.

Pe-

LII.

Peças antigas comparadas com as modernas.

Vendo Arcesiláo doente
Hum amigo verdadeiro,
Hum saqüinho de dinheiro
Lhe poz subrepticiamente
Debaixo do travesseiro.

O doente, que sabia
Da sua amizade o gráo,
Depois que o saquinho via
Muito contente dizia:
Foi peça de Arcesiláo.

Diversa lei se professa
Neste presente intervallo:
No tempo dos dois, que fallo,
Deixar dinheiro era peça;
Agora he peça o levallo.

LIII.

A hum anonymo.

Encaminhas mil ſujeitos,
Sem que eſſes teus vicios domes :
Os conſelhos vaõ direitos ;
Mas para ſerem perfeitos,
Falta-lhes, que tu os tomes.

LIV.

A Evariſto, que ſe accommodava a todos os tempos.

Tu Evariſto és chamado ;
Mas como te tenho viſto
A preſente, e a paſſado,
E a futuro accommodado,
He melhor chamar-te Aoriſto.

LV.

Da terra.

Tem a terra o proceder
De hum, que vianda conſome,
Para algum bom ſovaõ ter :
Ella nos dá de comer ;
Mas ella tambem nos come.

LVI.

Da agua.

Como a agua dá mil abrigos
A varios neceſſitados,
Tem muitos apaixonados;
Só tem por ſeus inimigos
Bebados, e cães damnados.

LVII.

Do ar.

Faz terremotos o ar,
Furacões, e tempeſtades,
Peſte; ajuda a bombear;
Com tudo ſe nos faltar,
Morremos com ſaudades.

LVIII.

Do fogo.

O fogo ſempre tem fome;
Tendo já muito comido,
Sempre mais, e mais conſome;
Se bebeſſe, como come,
O mundo eſtava perdido.

Do

LIX.

De Simaõ murmurador.

Murmura de mim Simaõ:
Nem á lembrança me vém
Tomar-lhe ſatisfaçaõ;
Porque he já velho, e ainda naõ
Aprendeo a fallar bem.

LX.

A hum muito engraçado.

Paracelſo vinolento,
Que por feiticeiro paſſa,
Fez do ſal hum elemento,
Em ti tinha fundamento,
Segundo, o que tens de graça.

LXI.

Contradicçaõ.

Dar-ſe a moles exercicios,
Operas, e danças ver,
Bem comer, e bem beber,
E dizer, que naõ quer vicios,
He querer, e naõ querer.

LXII.

Da pobreza:

Dizem, que a pobreza he boa,
Eu crera, que assim será;
Mas como muita pessoa
A trata, como viloa,
Ou ella, ou a gente he má.

LXIII.

Crise.

Deixar de fazer o máo
Com medo, do que diráõ,
He razaõ.
Deixar de fazer o bom
Com medo, do que diráõ,
Froxidaõ.

LXIV.

A hum namorado.

Porque déste em namorar,
Creio, que estás mal comtigo;
Se tu tens outro inimigo
Bem te póde perdoar;
Pois dás a ti tal castigo.

LXV.

A hum ociofo.

Queixas-te da curta vida,
Que a nós os mortais foi dada;
(E em ti bem mal empregada)
Para que a queres comprida,
Se te naõ ferve de nada?

LXVI.

Sinal de vilania.

Peſſoa, que ſe fez rica,
Tendo ſido antes vilaõ;
Depois dá em revelaõ;
De vilaõ inda lhe fica,
Quando pouco, o coraçaõ.

LXVII.

Conſelho.

Meter-te a eſperto naõ queiras;
No que naõ eſtás bem certo,
Arengando horas inteiras;
Que ninguem diz mais aſneiras,
Do que hum, que ſe mete a eſperto.

A

LXVIII.

A hum velho calvo.

Affirmo, que és valeroſo;
E muitos naõ querem crello;
Por te verem taõ idoſo;
Porém nunca por medroſo
Se te arripia o cabello.

LXIX.

Utilidade da tolice.

He util, que ſe fizeſſem
Huns entendimentos fracos,
Tolos, que a logros ſe deſſem;
Que ſe tolos naõ houveſſem
Miſeraveis dos vilhacos.

LXX.

A hum anonymo.

Homens, que tem ſeu ſaber,
Do azougue tem affirmado
Lugar de elemento ter:
Eſtou quaſi para os crer,
Viſto, o que tens de azougado.

Que

LXXI.

Que ninguem por ſábio deve ſer vaidoſo.

Em hum por grande doutor
Nunca a vaidade cabe ;
Pois por mais ſábio , que for ,
Saberá qualquer paſtor
Mil coiſas , que elle naõ ſabe.

LXXII.

A cauſa maior dos manſos ſe irarem.

Nada mais faz , que peſſoa
Manſa venha em brava a dar ,
Do que huma gente viloa ;
Que a conta de outra ſer boa ,
Coſtuma deſta zombar.

LXXIII.

Dos bens chamados de fortuna.

Bens , que por Pedro hoje eſtaõ
A manhã Bartholomeu
Talvez lança delles maõ :
Aſſim ninguem com razaõ
Póde dizer : Iſto he meu.

LXXIV.

Do avarento.

De perder parte ſentido
Se enforca o avaro trombudo :
O mofino como he rudo !
Porque tem parte perdido ,
Vai-ſe enforcar , perde tudo.

LXXV.

Reflexaõ.

Vendo reinos contendendo
Sobre coiſas cá da terra ,
Parece-me , que eſtou vendo
Eſcaravelhos fazendo
Sobre a ſua bola guerra.

LXXVI.

A huma mulher que rapava a teſta.

Se Ovidio agora eſcrevia ,
He coiſa bem manifeſta ,
Que ſegundo , o que em ti via ,
Nas transformações poria
Mudarſe-te em barba a teſta.

A

LXXVII.

A hum, que lhe fedia muito a boca.

Na tua boca má fé
Tenho; porque traz comsigo
Hum fedor taõ inimigo,
Que naõ sei, se he boca, ou se he
Outra parte, que eu naõ digo.

LXXVIII.

Ao mesmo.

Qualquer, que com diabo está,
Cura-se com coisa pouca:
Basta que te chame lá;
Porque o diabo fugirá
Do fedor da tua boca.

LXXIX.

A huma mulher, que arrancava os cabellos brancos.

Tanto cabello arrancar
Certamente te naõ salva
Da velhice se mostrar:
Deixa-te em velha ficar;
Naõ queiras ser tambem calva.

A

LXXX.

A hum Polycarpo ladraõ.

De muito fruto ha de alguem
O teu nome interpretar ;
Mas, para naõ ſe enganar,
Aquelle *u*, que o *fruto* tem,
Antes do *r* deve eſtar.

LXXXI.

A's moſcas.

Luciano, a quem deveis
Contar voſſas aventuras,
Entre o mais, que vós ſabeis,
Diz, que tudo o que fazeis,
Nunca o fazeis ás eſcuras.

Mas ainda que aquelle Author
Lá no voſſo encomio ponha
Iſto a modo de louvor,
Eu, que vos conheço o humor,
Chamo-lhe pouca vergonha.

Dos

LXXXII.

Dos Estoicos.

O Estoico diz naõ ser má
A dor, e que o naõ consterna:
Naõ o impugno; bastará,
Para o convencer, que vá
A gota cahir-lhe á perna.

LXXXIII.

Questaõ.

Que mal ha, que naõ tem cura,
Que ha muito quem o padeça,
Sem que o sinta, ou o conheça,
Antes que tal naõ tem jura?
Saõ tonturas de cabeça.

LXXXIV.

Ao herdeiro de hum avarento.

Já hoje te naõ consome
Fome, que te atormentou;
E muito pasmado estou,
De te passar essa fome
Com fome, que outro passou.

LXXXV.

Da Morte.

Dizem, que a morte he cruel;
Mas por ſua habilidade
Melhoramos de quartel;
Manda-nos de hum de aluguel
Para outro de propriedade.

LXXXVI.

Do Juizo.

Eſſe dia, em que dará
A triſte trombeta aviſo,
O do Juizo ſerá;
Mas dia, em que ſe verá
Muita falta de juizo.

LXXXVII.

Do Inferno.

Por gente me naõ governo,
A quem tal pavor alcança
Daquelle tormento eterno,
Que nada querem do Inferno:
Eu quero; e he a lembrança.

Do

LXXXVIII.

Do Paraiſo.

Paraiſo amavel era
Eſſe, que Deos deu a Adaõ;
E eſte hum homem de alta esféra;
Porém eu antes quizera
Paraiſo * de ladraõ.

LXXXIX.

Eſcravos, que cuidaõ, que o naõ ſaõ.

Alguns com ſoberba bravos,
Deſprezando a eſcravidaõ,
Cuidaõ, que eſcravos naõ ſaõ;
Mas ſaõ do ſeu corpo eſcravos;
Por onde elle os manda vaõ.

Servem-no, dê donde der,
Sem que em abſurdos ponderem;
Mas por muito que ſe eſmerem
Em ſervillo, como quer
A paga he, como naõ querem.

A

* Et dixit illi *latroni* Jeſus: Amen dico tibi: Hodie mecum eris in paradiſo. *Luc.* 23. 43.

XC.

A hum gulofo.

Prézas em Maio o melaõ,
Que defprezas em Agofto:
Dará Maio algum trovaõ;
Mas he bem certo, que naõ
Dá ao melaõ melhor gofto.

XCI.

A hum anonymo paradoxo.

Es murmurador com hum
Privilegio fingular;
E he, que fe póde affirmar,
Que tu pódes fem algum
Efcrupulo murmurar.

Todo o inconveniente
Seria, fe feguira
Infamar-fe alguma gente:
Naõ fegue, fendo evidente,
Que he, quanto dizes, mentira.

An-

Antes, ſe algum tem defeito;
E tu tomando-o entre dentes
Dizes o mal, que tem feito;
Ficará em bom conceito;
Porque cuidaõ, que tu mentes.

XCII.

A hum affeminado.

De Tireſias fiz mençaõ,
Que de homem mulher ſe fez:
Negas; mas he ſem razaõ;
Que aquella transformaçaõ
Foi a meſma, que em ti vês.

XCIII.

Do peralta, e da ſua cabeça.

O peralta naõ acerta
Em trazer bem concertada
A cabeça empoeirada,
Mas por mais que elle a concerta,
Sempre anda deſconcertada.

XCIV.

A hum anonymo impaciente de ſer velho.

De ſer velho tens pezar;
Deixaras-te antes morrer;
Iſto naõ tem já lugar;
Mas pódes-te conſolar;
Que perto eſtás de o naõ ſer.

XCV.

A hum ocioſo.

Se para que vem aqui
Perguntaſſemos a alguem;
E elle diſſeſſe, que vem
Servir a ſeu Deos, á ſi,
E a ſeu proximo, diz bem.

Mas, ſe a ti ſe perguntar,
E naõ quizeres mentir,
Nunca falles em ſervir:
Dize, que vens eſtorvar,
Que vens comer, e dormir.

Dos

XCVI.

Dos Hermitães.

Vejo huns para Hermitães ir;
E do difcurfo me valho;
Mas naõ poffo diftinguir,
Se os Santões vaõ a fugir
Do mundo, fe do trabalho.

XCVII.

A hum foberbo por endinheirado.

Roncas por dinheiro ter;
He foberba mal fundada;
Tello, e naõ o defpender,
O mefmo he, que naõ o ter;
Pois te naõ ferve de nada.

E fe em gaftos te meteres;
E te fahe do mialheiro,
Para nunca mais o veres,
Com iffo deixas de o teres;
Affim nunca tens dinheiro.

XCVIII.

A hum Toureiro. Problema.

Vás o toiro accommetter
Sem razaõ, nem ser preciso:
Tu vás-te expor a morrer;
Elle quer-se defender:
Qual dos dois tem mais juizo?

XCIX.

A hum anonymo sobre hum mulato Formiaõ.

Do mulato Formiaõ
Mil louvores desenrolas;
Porque dança em perfeiçaõ:
Creio; porque nelle saõ
Naturais as cabriolas.

C.

Causa do A. se desviar da familiaridade com muitos.

Alguem me perguntará,
Porque evito a multidaõ?
Em poucos alguns máos ha;
Vejaõ bem, o que será,
Onde infinitos estaõ.

Se os bufco, vem-me bufcar
Ociofos, que eftorvos trazem;
E naõ me poffo vingar;
Porque; como nada fazem,
Nada ha, em que os eftorvar.

CI.

Do mandar, e obedecer.

Vaõ muitos Leis eftudar
Para mando, que haõ de ter;
Mas devemos a meu ver
Sim aprender a mandar;
Porém mais a obedecer.

CII.

A hum invejofo.

Tens perverfo natural;
Pois me cenfuras fem fim,
Quando tenho hum genio tal,
Que defejo, que o teu mal
Venha cahir fobre mim.

Graças me queres render;
Porque aſſim te liſongeio;
Naõ tens, que me agradecer;
Porque eu ſempre ouvi dizer,
Que he teu mal o bem alheio.

CIII.

Falla hum marido com a mulher; na qual tinha dado pancadas.

Queixa-ſe de dar no ſeu
Corpo pancadas ſem dó:
Tantas apanhei no meu;
Porque voſſê, e mais eu
Somo huma carne ſó.

CIV.

A Philotimo.

Trabalhas amigo em vaõ
Por fidalgo te fazer;
Naõ te faças ſem o ſer;
Que eſſa meſma pertençaõ
Te bota a obra a perder.

A

CV.

A hum anonymo tolo, e lisonjiado.

Póde ser, que estranhe alguem
O louvarem-te infinito :
Eu naõ ; porque sei mui bem,
Que muitos Authores tem
Louvores do burro escrito.

CVI.

A hum preguiçoso.

Inda que contra justiça
Maior amor atéqui
Para a preguiça naõ vi ;
Por sustentares preguiça ;
Naõ te sustentas a ti.

CVII.

Erro commum de muitas mãis.

Se as mãis daõ no desatino
De terem por coisa má
Qualquer choro do minino,
Naõ só lhe naõ daõ ensino ;
Mas brigaõ, com quem lho dá.

He

He hum imprudente dó
De gente tola, que ignora,
Que por naõ chorar agora;
Ha de chorar, quando só
Com grande causa se chora.

CVIII.

Consolaçaõ a hum velho, que hia em huma procissaõ, e descendo hum macaco de huma janella, lhe levou a cabelleira.

Naõ tomes paixaõ vehemente,
Por te levar a guedelha
Esse macaco insolente;
Antes te dá por contente
Naõ te levar huma orelha.

CIX.

A hum muito porco.

Es porco em tudo, e por tudo:
Tem em ti grande cuidado;
Porque andas muito arriscado;
E naõ sei em tanto entrudo,
Como tu tens escapado.

Du-

CX.

Duvida.

Naõ ſei, para que comprais
Papagaios tranſmarinos:
Para dizer deſatinos?
Cá os temos naturais;
E inda mais os femininos.

CXI.

A hum anonymo.

Com inercias recitar
Quebrar-me a cabeça vens;
E dado me queira vingar
Com a tua te quebrar,
Naõ poſſo; que naõ a tens.

CXII.

A hum, que com pouco, ou nenhum fundamento preſumia de nobre.

Preſumes de nobre, e honrado;
Se o vulgo aſſim crê, e penſa,
Dá-te por negociado;
Quando naõ ficas logrado;
Que nobreza he pura crença.

A

CXIII.

A hum, que ſendo pobre, ſe jactava de rico.

Baſofias de cabedais
Tens, e gente deſcortez
Naõ crê em riquezas tais;
Naõ te poſſo fazer mais,
Que crêllas, como as tu crês.

CXIV.

A hum preſumido de ſábio.

Preſumes de ſábio, e naõ
Te poſſo por ſábio ter;
Porque inda tens preciſaõ
De perder a preſumpçaõ,
Para o começar a ſer.

CXV.

Das modas no veſtir.

Vaõ, há ſeculos, á toa
Deſta moda para aquella,
Todas más, nenhuma bella;
E ſe alguma veio boa,
Foi loucura paſſar della.

Tal-

Talvez pozessem de banda
Alguma, que quem aprende,
Naõ lhe veria, que emende;
Que gente, que em modas anda,
Nem do mesmo, em q̃ anda entende.

CXVI.

Que procuremos ter inimigos.

Visto que já dos amigos
Se perdeo a boa raça,
Será bom dar-mos na traça
De ter muitos inimigos,
Com tanto que a inveja os faça.

CXVII.

A hum agoirento.

Aborreci, como peste
Agoiros do tempo antigo:
Tu em agoirento déste;
E agoirente me fizeste;
Pois tenho agoiro comtigo.

CXVIII.

A hum, que eſcrevia muito mal.

Dizem fazes letras más ;
Mas mal haja, quem bem cedo
Secretario te naõ faz,
Que a tua letra he capaz
De guardar todo o ſegredo.

CXIX.

Sobre a preſumpçaõ, que temos de entendidos.

Muito entendidos nos cremos :
Naõ ha, quem diſto ſe entende ;
He, porque naõ conhecemos,
Que o entendimento, que temos,
Nem a ſi meſmo ſe entende.

CXX.

Aos Grammaticos.

O tempo taõ velozmente
Corre, que jámais eſtá :
Entaõ, a que vindes cá
Pondo-nos tempo preſente,
Quando tal tempo naõ ha ?

A

CXXI.

A hum coxo, que pertendia aprender a dançar.

De dançares quanto a mim
Podes perder a esperança;
Nem tal te venha á lembrança;
Contradançar isso sim;
Que a coxeira he contra dança.

CXXII.

A hum ladraõ sarnoso.

Ergaõ com sarna coçarem
As tuas unhas bostelas;
E de coçar nunca parem;
Que, se algum dia pararem,
Nada parará com ellas.

CXXIII.

Reparo.

De Luciano chamado
Antes impio, he bem notavel
Ver-se o *impio* abandonado,
E ser agora citado
Com titulo de admiravel.

Lou-

Louvo alguns ſeus pergaminhos ;
Mas o nome , que lhe daõ ,
Vem-lhe por outros caminhos :
Creio , que he por ter padrinhos ,
Naõ obſtante ſer pagaõ.

CXXIV.

Satyra.

Gente , que armais guerra forte ,
Como quem quer morrer já ,
E lhe tarda eſta má ſorte :
Temeis , que naõ venha a morte ?
Naõ temais , que ella virá.

Por algum fim paſſageiro
Neſſas batalhas entrais
Tirando a morte a terreiro ,
Que talvez venha primeiro ,
Que iſſo , ſobre que brigais.

Mas

Mas dou, que por tyrannias
Conseguis, o que hum sisudo
Teria por ninharias,
Passados bem poucos dias,
Vem a morte, e foi-se tudo.

CXXV.

A hum, que passava por bom, e depois se conheceo por pessimo.

Mal de ti se me dizia;
Mas eu naõ acreditava;
Nem a credito hoje em dia;
Porque a gente me mentia;
Por ser pouco, o que contava.

CXXVI.

A hum Atheista.

Que exista Deos me negaste:
Bem sei; porque tu naõ crês;
A Deos nunca te chegaste;
Antes tanto te apartaste,
Que nem sinais delle vês.

CXXVII.

A hum, que se fingia mouco por malicia.

Finges-te mouco; e ha basbaque,
Que diz, que estás eximido
De ter achaque no ouvido:
Querem-te maior achaque,
Que o seres mouco fingido?

CXXVIII.

Parenesis.

Dirija bem cada qual
Os pensamentos, que tem;
Que saõ por seu natural
Muito azados para o mal,
Desazados para o bem.

CXXIX.

Profecia.

O lisonjeiro ha de achar
Só com mentir, que comer,
Que vestir, e que calçar,
Em quanto houver gente alvar;
E esta sempre a ha de haver.

CXXX.

A hum anonymo.

Naõ poſſo ſaber, porque
Tens a mercê averſaõ,
Tendo ſenhoria, que
Naõ paſſa de ſer mercê;
Pois ſó por mercê ta daõ.

CXXXI.

A hum velho, que ſe exaſperava; porque lho chamavaõ.

Chamaõ-te velho, e enraiveces;
Porque tal nome te daõ:
Acho-te muita razaõ;
Que tu minino pareces
Em tomares tal paixaõ.

CXXXII.

A hum fulano Correa, loquaz, mentiroſo, e impertinente.

Tua pratica me enleia
Com immenſa carambola,
Com mentiras de maõ cheia:
Aturar-te, meu Correia,
Parece-me corriola.

CXXXIII.

A hum teimoſo.

Armas bulhas, armas guerra,
O teu erro defendendo:
Nem te entendes, nem te entendo:
Queres moſtrar, que naõ erras,
Em ſobre erros dizendo.

Por ti me eſtava lembrando
O de Saõ Braz de Montoito:
Por anexim execrando
Diz o vulgo, que intentando
Salvar hum affogou oito.

CXXXIV.

A hum, que em tom de graça dizia palavras obſcenas.

Crês, que tens lingua engraçada;
Ha quem naõ julga aſſim della:
Ficava lingua acabada,
Quanto a mim, ſendo talhada
Tal, qual a de Philomela.

A

CXXXV.

A hum mentiroso.

Taõ incredulo me fez
O teu mentir ſem ceſſar,
Que ſe te ouvir affirmar,
Que hum, e mais dois fazem tres,
Hei de ainda duvidar.

CXXXVI.

A hũa tola com preſumpçaõ de diſcreta.

Todos dizem, que és pateta,
Mas tem a conſolaçaõ,
Que ſou eu de òpiniaõ,
Que tens muito de diſcreta;
Iſto he, muita preſumpçaõ.

CXXXVII.

A' mulher de hum moleiro, na qual o marido deu muita pancada.

Por te moer teu parceiro,
Pela viſinhança ſôa,
Que foi dar ao limoeiro:
Foſte caſar com moleiro,
E naõ queres, que elle te môa?

CXXXVIII.

Da Prudencia.

De oraculos em commum,
Dizem, que foi tal a auſencia,
Que naõ ficou cá algum;
Porém inda ficou hum,
E o melhor, que he a Prudencia.

CXXXIX.

Da Juſtiça.

* Poetas por certo daõ,
Que a Juſtiça com receio,
Foi para o ceo cá do chaõ:
Elles fabuloſos ſaõ;
Mas eu neſta parte os creio.

CXL.

A' Fortaleza.

Fortaleza, ſe acompanhas
De modo o eſpirito meu,
Que me vença a mim meſmo eu,
Farei maiores façanhas
Do que Hercules, e Theſeo.

* *Ultima cœleſtum terras Aſtræa reliquit.*
Ovid. Met. liv. 1. verſ. 150.

CXLI.

A' Temperança.

Se o mundo naõ faz mudança;
Eu de olhallo tenho pejo:
Onde eftás, ó Temperança,
Que por onde a vifta alcança,
Sempre deftemperos vejo?

CXLII.

Da Fé.

Fé das fantas Efcrituras
Sim he efcura; porém,
Dando quédas, moftraõ bem,
Que inda vaõ mais ás efcuras
Aquelles, que naõ a tem.

CXLIII.

Da Efperança.

Que haja Efperança fe enfina;
Mas de obras acompanhada;
Porque Efperança fundada
Só na clemencia divina,
He muito defefperada.

CXLIV.

A' Caridade.

Santa Caridade, em vós
Taõ feliz caminho achamos,
Que nelle a Deos encontramos;
Pois vem Deos por elle a nós;
E nós por elle a Deos vamos.

CXLV.

De hum amo a hum criado.

Fazes mal; eu reprehendo;
E tu, que de olho me trazes,
Que ſou máo andas dizendo:
Eu ſou máo, que o mal emendo;
Tu és bom; que eſſe mal fazes.

CXLVI.

A hum, que intentava huma demanda.

Por ter Direito; entras já
A correr huma demanda:
Vê, que o Direito, que lá
Pela tua banda eſtá,
Naõ o ponha alguem de banda.

Con-

CXLVII.

Conſelho.

Quem a cégo papeleiro
Comprar os papeis pertende,
Naõ dê por elles dinheiro,
Sem que lhos leia primeiro
O meſmo cégo, que os vende.

De ordinario aquella venda
Saõ frioleiras a eito:
Sendo o meu conſelho aceito,
Fio, que naõ ſe arrependa
De mă compra, que tem feito.

CXLVIII.

A huma mulher bebada.

Tem ſeu cabello outras; e andas
De cabelleira; e eu eſtando,
Se he de bandas reparando,
Tenho viſto, que he de bandas;
Que tu á banda vás dando.

CXLIX.

Da soberbo.

Todo o soberbo he sem par;
Mas como ao tolo parece,
Que póde os mais ensinar;
Nem conhece, que he alvar;
Nem que he soberbo conhece.

CL.

Da soberba.

A soberba he de naçaõ
Celeste; porque este mal
Lá do Ceo hė natural;
Mas nascendo no Ceo, naõ
Há vicio mais infernal.

CLI.

Da avareza.

Hum vicio, e hum castigo tens
Na avareza, que he taõ má;
Porque ao triste, em que está,
Tira a honra, tira os bens,
Quando parece, que os dá.

CLII.

Da luxuria.

A' luxuria accommoda eſſe
Dito, que o Sá nos cantou:
Quando neſte vale eſtou,
Outro melhor me parece,
Naõ he aſſim, quando lá vou.

CLIII.

Da ira.

Mil males na ira taxo:
Ella eſtraga os bens aſſuſta;
E ás vezes a vida cuſta;
Mas o peior, que lhe eu acho,
He parecer ſempre juſta.

CLIV.

Da gula.

Aquillo de muito fede,
Que em hum noſſo adagio vem,
Quaſi que ſenaõ concede;
Porque a gula muito pede,
E naõ fede, a quem a tem.

CLV.

Da inveja.

Da vibora ha quem refira,
Que róe com atrocidade,
Quem em si a produzira:
He da vibora mentira;
Porém da inveja he verdade.

CLVI.

Da preguiça.

Se he de temer a prizaõ,
He de temer a preguiça;
Que ata o pé, e ata a maõ,
Do que naõ faz mais acçaõ
Do que quando se esperguiça.

CLVII.

A hum anonymo.

Dizẽ-me, q̃ em Coimbra andaste,
Que frequentaste as cadeiras;
Mas de modo aproveitaste,
Que perece, que estudaste
Só para dizer asneiras.

CLVIII.

A outro.

Confelho me vens pedir,
Para naõ fer impaciente
Com tolos molefta gente:
Deves de homens fugir,
E de ti primeiramente.

CLIX.

Documento.

O fujeito, que fe agrada,
Que ninguem de o eftimar fuja
Por peffoa nomeada
De garavata lavada,
Naõ tenha a intençaõ fuja.

CLX.

Da multidaõ de hypocritas.

A hypocrifia tem
Huma grande latidaõ;
A mil eftados convém;
Os hypocritas porém
De letras mais, que outros, faõ.

CLVI.

A hum impertinente.

Viſitas-me, e vens pedindo
Perdaõ de naõ teres já
Chegado aqui rebolindo :
Pede perdaõ de ter vindo ;
Que eu naõ te queria cá.

CLXII.

A hum confiado.

Confiado entras aqui,
Fazendo da caſa tua :
Como titulos naõ vi,
Dou huma força de ti,
Se te naõ pões já na rua.

CLXIII.

Do dinheiro.

Huma fraze he bem frequente
A do correr do dinheiro :
Sim correrá diligente ;
Mas mais corre muita gente,
A qual o apanha primeiro.

Corre, e he força, que se renda
A tanto laço, e pandilha;
Onde ha officina, tenda,
Lója, ou parte onde se venda,
Tem o dinheiro armadilha.

FIM.

Foi taxado eſte livro em papel a trezentos e ſeſſenta reis. Meza 27 de Janeiro de 1794.

Com tres Rubricas.